



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento

Trabalho de conclusão do curso

TEMA: “Acordo às 5 horas, varrer quintal, lavar pratos, ir à escola às 6:40”: Um olhar sobre as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho e escola na comunidade de Michangulene e Distrito Municipal Kamavota (2023-2024).

Mestranda: Alice Arnaldo Arone

Supervisor: Doutor Baltazar Muianga

Maputo, Maio de 2025

“Acordo às 5 horas, varrer quintal, lavar pratos, ir à escola às 6:40”: Um olhar sobre as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho e escola na comunidade de Michangulene e Distrito Municipal Kamavota (2023-2024).

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Mestre em Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

Mestranda: Alice Arnaldo Arone

Supervisor: Doutor Baltazar Muianga

Maputo, Maio de 2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

“Acordo às 5 horas, varrer quintal, lavar pratos, ir à escola às 6:40”: Um olhar sobre as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho e escola na comunidade de Michangulene e Distrito Municipal Kamavota (2023-2024).

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Mestre em Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

Mestranda: Alice Arnaldo Arone

Supervisor: Doutor Baltazar Muianga

O Júri			Data
Presidente	Supervisor	Arguente	.../.../...
_____	_____	_____	

Maputo, Maio de 2025

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	iv
DEDICATÓRIA.....	v
AGRADECIMENTOS	vi
ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS.....	vii
ÍNDICE DE FIGURAS E IMAGENS	viii
Resumo	ix
Abstract.....	x
INTRODUÇÃO	1
Justificativa	5
CAPÍTULO I: DO ESTADO DA ARTE À PROBLEMATIZAÇÃO.....	7
1.2. O Trabalho Infantil Enquanto Violação dos Direitos Humanos	10
1.3. Trabalho Infantil Enquanto Promotor de Autonomia e Competências Para a Conquista do Espaço Social e Físico	13
2. Problematização	16
2.1. Pergunta de Partida.....	19
2.2.1. Objectivo Geral.....	19
2.2.2. Específicos.....	19
CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	20
2.3. Definição dos Conceitos	24
2.3.1. Criança	24
2.3.2. Trabalho Infantil	26
2.3.3. Trabalho Infantil Doméstico	27
2.3.4. Desempenho Escolar.....	28
2.3.5. Estratégia.....	29

CAPÍTULO III: ELABORAÇÃO METODOLÓGICA.....	31
3.1. Tipo de Pesquisa	31
3.2. Método de Procedimento	31
3.3. Técnica de Recolha de Dados	32
Pesquisa Bibliográfica.....	32
Observação Directa não Participante	32
Entrevista Semi-Estruturada	33
Grupo Focal	34
3.4. Perfil dos Distritos de Namaacha (Michangulene).....	35
3.4.1. Perfil Económico do Distrito de Namaacha.....	37
3.4.2. Distrito Municipal Kamavota.....	38
3.5. Amostra e Amostragem	40
3.6. Critérios de Exclusão e Inclusão	41
3.7. Técnica de Análise de Dados	41
3.8. Questões Éticas de Pesquisa.....	42
3.9. Constrangimentos de Pesquisa	43
3.10. Limitações Metodológicas	44
CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
4.1. Perfil Sócio-Demográfico dos Entrevistados	45
4.1.1. Quotidiano e Actividades Realizadas pelas Crianças em Michangulene e Distrito Municipal Kamavota	50
4.1.2. Género e Trabalho Infantil Doméstico	51
4.1.3. Construção de Identidades das Crianças nas Comunidades de Michangulene e Kamavota	55
4.2. Das Estratégias Usadas pelas Crianças ao Desempenho Escolar das Crianças	58

Gestão do Tempo Enquanto Estratégia	58
Priorização dos Estudos	61
Negociação de Papéis	63
Laços Sociais e Interajuda	67
Influência das Estratégias Usadas Pelas Crianças Trabalhadoras no Desempenho Escolar .	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
Recomendações.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87
Apêndices.....	94
Anexos	103

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Alice Arnaldo Arone, declaro por minha honra que esta dissertação que submeto à Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia do Desenvolvimento, nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer outro grau académico. O trabalho resulta da minha investigação pessoal sob orientação do meu supervisor, estando as citações utilizadas indicadas no texto e nas referências bibliográficas.

Maputo, Maio de 2025

(Alice Arnaldo Arone)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Arnaldo Arone e Elisa Herinques Uache por tudo que fizeram por mim sem medir esforços mesmo em meio a tantas privações e dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Jesus Cristo autor e consumidor da minha fé, pela vida e pela presença em todos momentos da minha vida.

Agradeço de forma especial a minha querida e linda mãe Elisa Herinques Uache, minha heroína por tudo que sem medir esforços faz por mim. Com certeza és a melhor mãe do mundo. Ao meu pai Arnaldo Arone, pelo suporte e sábios ensinamentos, por ter feito tudo para que eu pudesse chegar aqui e por nunca ter deixado faltar nada apesar das dificuldades.

Agradeço de forma especial ao Doutor Baltazar Muianga por ter aceite fazer a supervisão deste trabalho desde o início até o fim, dando sábios direccionamentos e ricos contributos, pela tamanha paciência.

De forma especial, agradeço às crianças da comunidade de Michangulene e da cidade de Maputo, aos professores que deram um pouco de seu tempo para participarem do estudo, dando opiniões e comentários que sem eles esta dissertação não teria sido possível realizar.

Na sequência, endereço o meu agradecimento a localidade de Michangulene e ao Serviço Distrital da Saúde, Mulher e Acção Social de Kamavota que permitiram e colaboraram para a realização deste trabalho.

Duma maneira geral, agradeço a todos os professores e colegas da edição MSD-2021 que com os seus conhecimentos contribuíram para a minha formação académica.

Ao meu amado esposo Hermenegildo Moreira, que me transmitiu o gosto pela sociologia e que tem sido meu companheiro de vida. Obrigada pelos ricos debates que tivemos e por seres sempre o meu porto seguro.

Agradeço a minha família, em especial as minhas irmãs Laura Arone e Arénia Arone pelo suporte e apoio em todos momentos e sempre que precisei. As minhas melhores amigas Sila Dolofe, Dalmásia Pagoche, Inocência Jossene e Victoria Boma por estarem sempre presentes em todos momentos da minha vida. Tenho certeza que foi Deus que vos colocou em minha vida.

ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

FPLM	Forças Armadas de Libertação de Moçambique
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INE	Instituto Nacional de Estatística
MSD	Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento
OIT	Organização Internacional de Trabalho
PRM	Polícia da República de Moçambique
TPC	Trabalho para Casa
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

ÍNDICE DE FIGURAS E IMAGENS

Figura 1: Mapa do Distrito de Namaacha

Figura 2: Mapa do Distrito Municipal Kamavota

Resumo

O presente trabalho procura analisar as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, e verificar em que medida estas estratégias influenciam no desempenho escolar destas crianças. O mesmo foi realizado em duas realidades distintas sendo a rural (Comunidade de Michangulene) e urbana (Cidade de Maputo distrito municipal Kamavota). Em termos de procedimentos metodológicos, o estudo é do tipo qualitativo e no método de procedimento estudo de caso, definimos como técnicas de recolha de dados a observação não participante, a entrevista semi-estruturada, pesquisa bibliográfica e grupo focal. A amostra é composta por (20) crianças, subdividido em dois (2) grupos sendo um (1) grupo de 10 crianças no distrito municipal Kamavota e outras 10 da comunidade de Michangulene incluindo 05 professores como informantes-chave. Para o tratamento dos participantes foram observados minuciosamente as questões éticas aplicáveis nos casos de estudos com crianças. Com recurso a teoria da Estruturação de Anthony Giddens (2003), e a teoria da reprodução interpretativa de William Corsaro (2002), a análise dos dados trouxe os seguintes resultados: (i) analisando as questões de género e contexto socioeconómico constatou-se que há uma maior inserção de meninas nesse tipo de trabalho, o que está ligado a divisão do trabalho tendo em conta o género onde atribui-se às mulheres as responsabilidades domésticas desde a infância; (ii) enquanto actores sociais e com recurso a sua capacidade reflexiva as crianças, lêem e compreendem a realidade em que estão inseridas, e daí no exercício da sua agência elas criam estratégias para conseguir conciliar o trabalho infantil doméstico e a escola e desta forma obterem um bom desempenho escolar; (iii) estas estratégias são funcionais de tal forma que permitem com que as crianças inseridas em trabalho infantil doméstico na realidade pesquisada tenham um bom desempenho escolar.

Palavras-Chave: Criança; Trabalho Infantil doméstico; Trabalho Infantil; Estratégias, Desempenho Escolar.

Abstract

This study seeks to analyze the strategies used by children to reconcile domestic work and school and to see to what extent these strategies influence their school performance. It was carried out in two different contexts: rural (Michangulene Community) and urban (Maputo City, Kamavota Municipal District). In terms of methodological procedures, the study is of the qualitative type and in the case study procedure method, we defined non-participant observation, semi-structured interview, bibliographic research and focus group as data collection techniques. The sample consists of (20) children, subdivided into two (2) groups, one (1) group of 10 children in the Kamavota municipal district and the other 10 in the Michangulene community, including 5 teachers as key informants. For the treatment of the participants, the ethical issues applicable in the case of studies with children were carefully observed. Using Anthony Giddens' theory of structuration (2003) and William Corsaro's theory of interpretive reproduction (2002), data analysis yielded the following results: (i) analysing gender issues and socio-economic context, it was found that girls are more involved in this type of work, which is linked to the gender division of labour where women are given domestic responsibilities from childhood; (ii) as social actors and using their reflexive capacity, children read and understand the reality in which they are inserted, and from there, in exercising their agency, they create strategies to manage to reconcile child domestic work and school and thus obtain a good school performance; (iii) these strategies are functional in such a way that they allow children inserted in child domestic work in the researched reality to have a good school performance.

Keywords: Child; Child domestic work; Child labor; Strategies, School performance.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura analisar as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, e verificar em que medida estas estratégias influenciam no desempenho escolar destas crianças. O mesmo foi realizado em duas realidades distintas sendo a rural (Comunidade de Michangulene) e urbana (Cidade de Maputo distrito municipal Kamavota). Para o efeito, este explora duas vertentes nomeadamente: a primeira vertente refere-se as estratégias que estas crianças enquanto agentes inseridos num determinado contexto criam para conciliar o trabalho infantil doméstico e a escola e a segunda vertente centra-se essencialmente em verificar em que medida estas estratégias (criadas e adoptadas pelas crianças) influenciam no desempenho escolar destas crianças.

O trabalho infantil não é um fenómeno exclusivo do nosso contexto e não é recente nas sociedades no seu todo. De acordo com Marchi (2013), este fenómeno não é novidade histórica e nem surgiu como se costuma supor durante a revolução industrial, porém, houve uma mudança na sua concepção e essa mudança esteve atrelada a nova visão do que é ser criança.

Neste contexto, a aprendizagem diz respeito à aquisição de conhecimentos, de habilidades, de crescimento intelectual ou físico, o que é central para a educação e para a escola. Porém, as escolas não são necessariamente um espaço de igualdade, pois elas recebem alunos com níveis de conhecimento diferenciados e a aprendizagem dificilmente é uniforme no tempo, e tampouco no indivíduo. Ela varia em função das características socioculturais dos alunos, mas também em função da organização escolar e das práticas pedagógicas (Alves & Soares, 2007). Dentre os aspectos socioculturais encontram-se as actividades realizadas pelas crianças devido a uma miríade de factores.

O trabalho infantil doméstico segundo a OIT (2011) é aquele que é caracterizado pela realização de trabalhos domésticos em condições prejudiciais a saúde e desenvolvimento da criança ou adolescente, em troca de salários baixos ou em troca de habitação e educação. Contudo, Wanderlaey *et al* (2011) indicam que este pode ser dividido em tipologias, existindo: trabalho infantil doméstico remunerado é aquele no qual o sujeito realiza o trabalho em troca de uma remuneração em espécie ou em género; trabalho infantil doméstico ajuda, ocorre

quando crianças ou adolescentes assumem o conjunto das actividades de manutenção da casa principalmente actividades indispensáveis para a libertação de outros membros para o trabalho fora de casa - como cozinhar, cuidar de crianças, dentre outros, podendo receber ou não remuneração por sua actividade; trabalho infantil doméstico socialização é aquele no qual a actividade realizada decorre da divisão de tarefas entre os membros da família, sendo sempre realizado na casa da criança ou adolescente. Não existe remuneração, e as tarefas ocupam um menor espaço e um menor tempo dos sujeitos do que os outros dois tipos de trabalho infantil doméstico.

Ademais, indica-se igualmente que o trabalho doméstico cria condições para a inserção das crianças no trabalho infantil, ou seja é no trabalho doméstico nas suas diferentes formas onde é possível encontrar o maior número de crianças trabalhadoras, seja no trabalho doméstico remunerado, trabalho doméstico não remunerado.

Na relação trabalho infantil doméstico e escolarização das crianças, Oliveira e Lamari Maia (2021), indicam que o trabalho infantil doméstico resulta em uma diminuição da capacidade de aprendizado e em prejuízos na sua escolarização, e este é um dos factores de exclusão e de atraso escolar. Por outro lado, demonstram igualmente que o trabalho infantil doméstico está entre os principais motivos para a desistência escolar, o atraso ou abandono escolar.

Ao trabalho infantil doméstico estão associados também o desfasamento escolar que pode ser em relação a idade-classe, ou classe-conhecimentos adquiridos, baixo rendimento. Contudo, indica-se que estes dados tendem a se alterar em função do tipo de trabalho que a criança realiza, razão pela qual com este trabalho, pretendemos analisar as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, e verificar em que medida essas estratégias produzem efeitos ou não no rendimento escolar de cada criança.

Ainda que em diferentes moldes e contextos, é verdade e é consensual que o trabalho infantil doméstico continua presente no quotidiano das crianças e que estas têm de lidar com esta realidade por motivos diferentes, e deste também há implicações até certo ponto também diferentes para cada criança.

Marchi (2013) sublinha que o trabalho infantil não é novidade histórica, nem surgiu como se costuma supor durante a revolução industrial. O que na verdade ocorreu foi uma mudança na

concepção sobre o que é trabalho infantil e esta mudança está ligada as novas formas de concepção do ser criança.

Foi na revolução industrial que se atingiu o pico da inserção de crianças no trabalho. Pelo que Silva (2014), indica que durante a revolução industrial as crianças, a partir dos quatro anos de idade, eram submetidas a regimes de trabalho de cerca de 14 horas diárias, em locais insalubres, sem controlo de acidentes, em troca de pouco mais do que alimentação e moradia.

Marchi (2013) sublinha igualmente que sempre houve crianças trabalhadoras, apenas o termo trabalho infantil que é bastante recente. E mais recente ainda é a noção de trabalho infantil doméstico, uma vez que o espaço doméstico nem sempre foi alvo de estudo pois considerava-se um lugar de educação, e o trabalho que as crianças executam nesse espaço era tido como de transmissão de conhecimentos, ou socialização das crianças.

Até a Idade Média, o trabalho infantil estava vinculado ao complemento da mão-de-obra para o sustento familiar, devido a dinâmica, os pais viam-se forçados a inserir as crianças no trabalho. Já no período feudal, as crianças passaram a trabalhar nos feudos, para os senhores feudais, e com os mestres artesãos nas companhias de ofício, sendo muito comum, durante esse período, o trabalho infantil em troca do aprendizado de um novo ofício, comida ou moradia.

Por todo o mundo cerca de 2.4 milhões de crianças são usadas como força de trabalho, e grande parte delas vive em países menos desenvolvidos, (Purkayastha,1998). Nos países africanos, essa força de trabalho constitui uma importante fonte de rendimento para as famílias, sendo muitas vezes indispensável à sua sobrevivência e reprodução social. O trabalho desenvolvido pelas crianças constitui igualmente um elemento essencial no seu processo de socialização.

Wanderley *et al* (2011) indica que o trabalho infantil doméstico teve sua génese atrelada ao trabalho doméstico que era considerado exclusivo das escravas negras, ou de mulheres ou meninas. E esta forma de tratar o trabalho doméstico criou condições para a inserção do menor no trabalho doméstico, com maior enfoque para a rapariga.

O trabalho infantil doméstico é conceituado como actividade realizada por criança e por adolescentes com idade inferior a 16 anos, em casa de terceiros, nas funções domésticas. Nele crianças executam trabalhos domésticos de todo tipo, muitas vezes com jornada excessiva e pouca ou nenhuma remuneração.

Diferente do trabalho infantil que decorre na esfera pública, nas fábricas ou em outros lugares públicos, o trabalho infantil doméstico decorre na esfera privada da família, e isto resulta nas dificuldades da acção das políticas públicas, seja pela invisibilidade dos envolvidos neste tipo de trabalho, seja pela não percepção deste tema como um problema social.

Em Moçambique, segundo de Oliveira (2013), as actividades desenvolvidas pelos mais novos acontecem nos vários espaços do quotidiano da criança moçambicana: em casa, na escola e no mercado informal. Em casa, as crianças cuidam dos irmãos mais novos e desempenham tarefas domésticas; na escola, brincam e desempenham actividades escolares; e no mercado vendem produtos em bancas, muitas vezes de familiares ou desenvolvem outras tarefas que também são geradoras de rendimentos como limpeza, transporte de água, cozinhar, entre outro tipo de “biscates”.

Segundo UNICEF (2021), em termos numéricos indica-se que o número de crianças, com idades entre 5 e 17 anos, envolvidas em trabalhos perigosos (actividades laborais que podem prejudicar a sua saúde, segurança física ou desenvolvimento cognitivo) aumentou 6,5 milhões desde 2016, atingindo os 79 milhões de crianças. Fazendo referência ao relatório da OIT (2020), indica-se que cerca de 70% dos casos de trabalho infantil (112 milhões de crianças) ocorrem no sector agrícola, seguido por 20% (31,4 milhões de crianças) no sector de serviços e 10% (16,5 milhões de crianças) no sector industrial.

Estes dados indicam-nos que apesar de existirem crianças trabalhadoras em todos os contextos, no rural os números continuam sendo mais altos, e absorvem-se mais crianças em actividades tidas como domésticas, de socialização ou de ajuda.

É verdade que enquanto crianças elas estão sujeitas a um conjunto de regras e normas sejam elas familiares ou do contexto social em si, por isso nesta pesquisa adoptamos a teoria da estruturação de Giddens (2002), que nos permitiu verificar a influência que tanto a criança assim como a estrutura imprimem na forma como o fenómeno estudado decorre. Para

complementar adoptamos a teoria da reprodução interpretativa de Corsaro (2003), que nos oferece ferramentas para tomar a criança enquanto sujeito actuante e com perspectivas próprias sobre o mundo no qual vivem.

Este estudo é do tipo qualitativo e tem como **objectivo geral** analisar as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, e verificar em que medida estas estratégias influenciam no desempenho escolar destas crianças e tem como **objectivos específicos** identificar as estratégias usadas pelas crianças que exercem trabalho infantil doméstico; analisar a influência das estratégias usadas pelas crianças no processo de escolarização e identificar o perfil pedagógico das crianças que desenvolvem trabalho infantil doméstico.

Apoiamo-nos na teoria da estruturação de Giddens (2003), com enfoque para o conceito da reflexividade, que defende que a acção humana e a estrutura social são interdependentes, ou seja se influenciam mutuamente e que os agentes têm capacidade reflexiva e esta pode ser usada tanto para reproduzir ou produzir elementos no contexto social, e na teoria da reprodução interpretativa de Corsaro (2002), na qual a criança não se limita individualmente a interiorizar o que lhe é ensinada pelos adultos mas a criança torna-se participante da construção desses ensinamentos a partir de um processo de negociação.

Em termos de procedimentos metodológicos, o estudo é do tipo qualitativo e no método de procedimento estudo de caso, definimos como técnicas de recolha de dados a observação não participante, a entrevista semi-estruturada, pesquisa bibliográfica e grupo focal. A amostra é composta por (20) crianças que realizam trabalho infantil doméstico e estudam, subdividido em dois (2) grupos sendo um (1) grupo de 10 crianças moradoras da cidade de Maputo no distrito municipal Kamavota e outras 10 da comunidade de Michangulene incluindo 05 professores como informantes-chave. Para o tratamento dos participantes foram observados minuciosamente as questões éticas aplicáveis nos casos de estudos com crianças.

Justificativa

O Trabalho infantil enquanto objecto de estudo tem sido cada vez mais frequente na literatura, vários estudiosos ocupam-se a estudar este fenómeno sob diferentes perspectivas. Este por sua

vez não é recente, nem enquanto fenómeno nem enquanto objecto de estudo. A principal motivação em estudar as estratégias que estas crianças usam, surgiu depois de algumas leituras sobre trabalho infantil doméstico e verificar uma fraca exploração da relação que pode existir entre trabalho e rendimento escolar das crianças tomando as crianças como agentes capazes de produzir ou reproduzir alguma mudança.

Uma segunda motivação prende-se ao facto de o tema ser relevante para a área da sociologia, especialmente a sociologia da infância na medida em que toma as crianças como agentes capazes de nos seus próprios mundos terem uma determinada autonomia e criarem estratégias para responder a duas necessidades a elas impostas, daí contribuir com mais produtos científicos nesta área. Por outro lado, poucos são os estudos que estudam o trabalho infantil a partir da perspectiva das próprias crianças, daí que pretendemos alongar o debate.

O tema pesquisado tem relevância igualmente para o curso da sociologia do desenvolvimento na medida em que tanto a criança assim como o trabalho infantil são assuntos relevantes para o desenvolvimento, de tal forma que existem estratégias e metas de desenvolvimento que visam eliminar ou criar condições para uma melhor protecção da criança. De igual modo, o tema é relevante para a sociologia porque interessa-nos enquanto pesquisadores compreender a realidade e a forma em que decorre o fenómeno pesquisado e desta forma contribuir para a ciência. Tomamos a realização do trabalho como oportunidade para conhecer as formas como o trabalho infantil doméstico se configura em dois contextos completamente diferentes e verificar como cada criança inserida em um contexto específico toma a questão do trabalho infantil doméstico e a partir daí cria estratégias para trabalhar e estudar.

O presente trabalho obedece a seguinte estrutura: a primeira secção é composta pelo estado da arte onde apresentamos os debates existentes na literatura sobre o tema pesquisado seguido pela formulação do problema que culmina com a pergunta de pesquisa. De seguida são apresentados o objectivo geral e específico, seguido pelo enquadramento teórico e conceptual onde apresentamos as teorias que guiaram a pesquisa e os conceitos adoptados nesta. De seguida apresentamos a elaboração metodológica incluindo todos os procedimentos para a recolha e tratamento de dados, seguidos pela análise e discussão dos resultados, as considerações finais, apresentamos as referências bibliográficas consultadas e por fim os anexos e apêndices.

CAPÍTULO I: DO ESTADO DA ARTE À PROBLEMATIZAÇÃO

Na seguinte secção, buscamos trazer a revisão da literatura, onde pretendemos essencialmente mostrar a discussão existente na literatura sobre o trabalho infantil e o posicionamento de diferentes autores sobre o fenómeno em discussão. Igualmente buscamos acrescer o debate com novos contributos. Em termos de perspectivas de análise podemos agrupa-las em três: a) o trabalho infantil doméstico enquanto influenciador no processo de escolarização das crianças; b) o trabalho infantil enquanto violação dos direitos humanos; e por fim c) trabalho infantil enquanto promotor de autonomia e competências para a conquista do espaço social e físico.

1.1.O Trabalho Infantil Enquanto Influenciador no Processo de Escolarização das Crianças

Na literatura, alguns autores procuram estabelecer relação entre trabalho infantil doméstico e a escolarização das crianças, partindo do princípio de que as crianças em muitas situações de trabalho infantil doméstico estão também inseridas na escola, daí a necessidade de compreender essa relação. Para esta perspectiva, apresentamos Alberto et al. (2011) e Santo e Santos (2018); estes autores defendem a tese de que o trabalho infantil executado pelas crianças influencia em grande medida no processo de escolarização.

Indo ao encontro da primeira perspectiva, Alberto et al. (2011), em seu estudo sobre trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização, têm como objectivo analisar a relação entre trabalho infantil doméstico e o processo de socialização da mulher. No seu entender, para a mulher, a realização das diversas tarefas e actividades domésticas é uma forma de preparação para a sua inserção na sociedade e de aquisição de habilidades que permitam o desempenho adequado do seu papel social.

Nesta perspectiva, defende-se que o trabalho doméstico tende a ser uma alternativa de trabalho para pessoas com baixa escolaridade, uma vez que não exige qualificação formal. Porém, os autores afirmam que o trabalho doméstico dificulta futuramente a qualificação profissional dos envolvidos nesse processo.

Alberto et al. (2011) demonstram que o trabalho doméstico cria condições para a inserção das crianças no trabalho infantil; ou seja, é no trabalho doméstico, nas suas diferentes formas, que é possível encontrar o maior número de crianças trabalhadoras, seja no trabalho doméstico remunerado ou não remunerado. No que concerne à questão da escolaridade, Alberto et al. (2011), citando IBGE (2017), indicam que crianças e adolescentes trabalhadoras apresentam uma frequência escolar menor do que as não trabalhadoras e apresentam uma taxa maior de defasagem idade-classe. Outro dado relevante ao se estudar a relação entre escolarização e trabalho infantil doméstico refere-se à constatação de que as crianças e adolescentes trabalhadoras domésticas têm maiores índices de defasagem escolar em comparação a crianças e adolescentes que trabalham em outras actividades. Além da defasagem, as crianças e adolescentes trabalhadores também enfrentam a evasão escolar e repetências associadas ao cansaço decorrente do trabalho que realizam.

Neste ponto, referente à influência que o trabalho infantil doméstico exerce na escolarização das crianças e adolescentes, Oliveira e Lamari Maia (2021), concordam com o posicionamento de Alberto et al. (2011), que indicam que o trabalho infantil doméstico resulta em uma diminuição da capacidade de aprendizado e em prejuízos na escolarização, e este é um dos factores de exclusão e de atraso escolar. Por outro lado, Oliveira e Lamari Maia (2021), em seu estudo, também demonstram que o trabalho infantil doméstico está entre os principais motivos para a evasão escolar, o atraso ou abandono escolar.

Contudo, verifica-se que existem outras causas que podem influenciar no desfasamento das crianças e na evasão a que elas são sujeitas, como o ambiente escolar, onde verificamos que a escola nem sempre representa um espaço que esteja preparado para receber e lidar com todo tipo de crianças, estando, na maioria das vezes, não adaptada à realidade de crianças trabalhadoras, como demonstra Alberto et al. (2005). Na mesma senda, citam-se como outras causas a estrutura escolar, conflitos entre alunos, com professores, falta de infra-estruturas, entre outras. Nesse sentido, Alberto et al. (2011), sugere que, ao procurarmos compreender a relação entre trabalho infantil doméstico e escolarização, deve-se prestar atenção também a toda a estrutura escolar, bem como em todos os atores educacionais, pois esses aspectos influenciam na aprendizagem da criança, bem como na sua permanência na escola.

Alberto et al. (2011) chamam atenção à heterogeneidade do trabalho infantil, na medida em que este pode se configurar de diferentes formas, podendo ser trabalho doméstico remunerado, trabalho doméstico de ajuda e trabalho doméstico de socialização; entretanto, os autores indicam que, seja qual for o tipo de trabalho doméstico que a criança e o adolescente exercem, sempre há uma influência no processo de escolarização, variando entre maior a menor em função dos aspectos que permeiam cada tipo de trabalho.

Por sua vez, ao analisar o trabalho infantil e educação, Santos e Santos (2018), começam por indicar que o trabalho é um problema social muito bem estruturado historicamente e tem por finalidade a injustiça social. À semelhança de outros autores, Santos e Santos (2018), abordam a relação entre trabalho infantil e capitalismo, indicando que o capitalismo cria condições para que os pais insiram as crianças no mercado de trabalho; assim como, através da educação, se perpetua a reprodução do modo de exploração e subordinação típicos do capitalismo. Em relação à educação, os autores indicam que esta tem sido uma forte aliada do estado para manter a alienação dos trabalhadores e que a escola atende às finalidades capitalistas, como a subordinação e a exclusão.

O trabalho infantil também é tomado como reproduzidor da pobreza, na medida em que este prejudica o desenvolvimento escolar da criança, que futuramente se tornará um trabalhador com poucas qualificações, colocando-a, desta forma, pouco apta para o mercado de trabalho. Por outro lado, Santos e Santos (2018) demonstram que o trabalho infantil é principalmente praticado nos países subdesenvolvidos, o que evidencia a relação entre trabalho infantil e desigualdade social. Ou seja, devido às características económicas dos países subdesenvolvidos, o trabalho infantil tem sido muitas vezes tomado como recurso para melhorar a situação de vida de diversas famílias.

Em relação às formas de trabalho infantil, Costa e Calvão (2005), citados por Santos e Santos (2018), advertem que não se deve confundir o trabalho infantil, em que as jornadas de trabalho intensivas impedem crianças e adolescentes de estudar e de ter momentos de lazer, com as actividades que podem executar em sua própria casa, para seu bem-estar. Ou seja, existem diferenças no trabalho que as crianças executam; este pode se configurar em trabalho que exige muito tempo e dedicação da criança e é tido como uma fonte de garantia de

sobrevivência, e trabalho do modelo “ajuda”, realizado dentro de casa, que é pouco exigente e garante o aprendizado da criança. Em relação às causas, indicam-se a questão cultural, enraizada na crença de que é melhor que a criança trabalhe do que deixá-la sem ocupação, e a questão económica, onde o trabalho infantil se apresenta para as famílias em situação económica baixa como uma alternativa para garantir a sobrevivência.

Ao analisarem a relação rendimento escolar e trabalho realizado, Santos e Santos (2018), indicam que há relação entre o rendimento escolar das crianças e o tipo de trabalho por ela realizado, e trabalho infantil prejudica não apenas o rendimento escolar mas também a frequência destas crianças a escola.

Outros aspectos indicados como de grande influência no processo da aprendizagem das crianças, refere-se ao tempo que cada criança dedica ao trabalho, indicando-se que quanto maior for o tempo dedicado menor será o seu rendimento escolar porque esta criança acaba não tendo possibilidade de dedicar-se mais a escola. Os autores chamam atenção ainda a necessidade de diferenciar trabalho infantil doméstico e trabalho educativo, na medida em que o primeiro refere-se a actividades que acontecem no seio doméstico podendo ser remunerado ou feito em troca de abrigo, educação, entre outros e o segundo refere-se a pequenas actividades que a criança pode realizar como higiene pessoal, pequenas responsabilidades em casa.

Refere-se igualmente que o trabalho infantil doméstico comparado a outras formas de trabalho tende a interferir mais no processo de aprendizagem das crianças devido a sua natureza e a forma em que ele decorre que muitas vezes retira o tempo, e força, motivação da criança.

Por outro lado, as crianças estão inseridas em um meio que existe uma série de leis e instrumentos legais que as protegem e que até abordam sobre o trabalho por elas realizado. Ou seja por um lado enquanto crianças são seres de direitos e a educação é também um direito, o trabalho infantil coloca-se como desafiador a esses direitos que as crianças têm, aspecto que será melhor explorado na perspectiva apresentada a seguir.

1.2. O Trabalho Infantil Enquanto Violação dos Direitos Humanos

Nesta perspectiva, discute-se o trabalho infantil enquanto violação dos direitos humanos, na medida em que coloca as crianças que o realizam em situações de privações de direitos que lhes são conferidos por diversos instrumentos legais ao criar condições para as mesmas exercerem actividades típicas dos adultos e que privam-lhes a diversos direitos, para a discussão apresentamos, (Custódio & Cabral, 2019; Oliveira & Vila, 2013).

Segundo Custódio e Cabral (2019), por um longo período as crianças e adolescentes eram vislumbradas como meros espectadores de direitos, ora minorizados e tomados como incapazes e essa visão reflectia-se na forma como os assuntos referentes a crianças e adolescentes eram tratados juridicamente, contudo explicam igualmente que vários tratados foram assinados e actualmente existem instrumentos legais que protegem as crianças contra a exploração do trabalho infantil.

Sobre o trabalho infantil na agricultura familiar Custódio e Cabral (2019), explicam que este representa uma das mais graves espécies de violações de direitos humanos e fundamentais de crianças e adolescentes, pois lhes retira o direito ao acesso a uma infância adequada à peculiar condição de pessoas em processo de desenvolvimento, ou seja, esses autores estabelecem relação entre o trabalho infantil na agricultura a privação de direitos como a educação e o acesso a uma infância adequada.

Por outro lado, indicam que o factor económico, inevitavelmente, é a principal causa do trabalho infantil na agricultura familiar, já que a situação de pobreza e desigualdade social se encontra localizada, na maior parte, no meio rural.

Nessa ordem de ideias, Custódio e Cabral (2019), explicam que a perpetuação do trabalho infantil na agricultura ocorre, fundamentalmente, pelas precárias condições de vida das famílias residentes no meio rural que fazem com que as famílias não visualizem as consequências do trabalho infantil, e associado ao histórico de trabalho familiar envolvendo crianças acabam por permitir as crianças participarem da agricultura. Para estas famílias rurais o trabalho infantil na agricultura familiar representa uma alternativa ao alívio da miséria, mas os autores demonstram que o trabalho agrícola envolvendo crianças e adolescentes não chega

a trazer rendimentos económicos satisfatórios para o alívio da pobreza e da miséria das famílias.

A cultura mitológica perpetua a exploração do trabalho infantil através da reprodução de expressões como “é melhor trabalhar do que roubar”, “o trabalho da criança ajuda a família”, “é melhor trabalhar do que ficar nas ruas”, “trabalhar desde cedo acumula experiência para trabalhos futuros, entre outros que se colocam como desafios no enfrentamento do trabalho infantil na agricultura (Custódio & Cabral, 2019).

Por fim, os autores sublinham que a exploração de mão-de-obra infantil permanece presente no quotidiano de grande parcela de meninos e meninas que vivem no meio rural, e que como causas não cabe apenas a pobreza, mas existem vários outros factores que colocam a criança no rural como trabalhadora, e conseqüentemente priva-a do exercício de direitos humanos. E neste processo de inserção de crianças no trabalho infantil e reprodução cultural a família tem um papel significativo.

Oliveira (2013) aponta como causas do trabalho infantil questões como a pobreza, baixa e deficiente escolaridade, o modo de produção capitalista, o mercado de trabalho e aspectos culturais. No que diz respeito à questão da pobreza, esta é tomada como um factor que de alguma forma gera na sociedade diversos males. A pobreza vai além da falta do que comer e beber, isto é, caracteriza-se, ainda, por não ter acesso a saneamento básico, ensino fundamental, saúde pública e garantia de direitos humanos mínimos, etc. Assim sendo, a necessidade de sobrevivência faz com que o menor engrene no mercado de trabalho como forma de suprir suas necessidades, e essa aderência ao mercado de trabalho gera um ciclo vicioso.

O argumento anteriormente apresentado vai ao encontro daquilo que foi exposto por Custódio e Cabral (2019), ao defenderem que a entrada das crianças no mercado de trabalho priva estas das oportunidades educacionais e financeiras. A questão da baixa e deficiente escolaridade é apontada por Oliveira (2013), como um factor que causa o trabalho infantil, argumentando que este faz com que crianças e adolescentes não tenham conhecimento técnico-profissional para alcançarem novos horizontes laborais. Os autores defendem ainda que o modo de produção capitalista e o mercado de trabalho são os principais causadores do trabalho infantil. Na sua

óptica, o capitalismo, na sua busca pelo lucro, insere as crianças no mercado de trabalho, pois a sua mão-de-obra oferece um baixo custo o que se reflecte em um menor gasto e maior lucro.

De acordo com Oliveira (2013, p. 19), “o mercado de trabalho então insere crianças e adolescentes em sua linha de produção, comércio, etc., para executarem tarefas, ocasionando uma baixa dos custos empregatícios que a legislação obreira impõe aos empregadores”.

1.3. Trabalho Infantil Enquanto Promotor de Autonomia e Competências Para a Conquista do Espaço Social e Físico

Esta perspectiva toma o trabalho infantil enquanto Promotor de autonomia e competências para conquista do espaço social e físico, tomando as crianças envolvidas nesta actividade como actores sociais que tomam o momento do trabalhar como uma oportunidade de afirmação de seus direitos de participação, expressam seus desejos e cidadania enquanto sujeitos sociais e criam formas de partilhar suas vozes, e temos como destaque Colonna (2012) e Pastore (2020).

Colonna (2012) defende a ideia de que o trabalho infantil é parte de uma resposta cultural à necessidade das mães desempenharem uma multiplicidade de tarefas para o sustento da família, e também é parte do processo de socialização culturalmente ajustado, as actividades são desempenhadas para o bem comum.

Esta, parte de uma perspectiva sociológica para analisar a realidade, experiencia, vivências e representações das crianças e deu especial enfoque para crianças que cuidam de outras crianças. Segundo a autora, a criança moçambicana tem sido descrita como a criança pobre, esfomeada, doente, órfã, vulnerável, delinquente, problemática, criança chefe de família, crianças soldado, criança que sofre de maus tratos, é vítima de abusos e de trabalho infantil e segundo a autora esta forma de tomar a criança de forma negativa reduz a possibilidade de tomar as crianças como actores sociais e concorre para a invisibilidade da infância no contexto africano.

Este posicionamento é também debatido por Pastore (2020), ao explicar que em muitos estudos, há tendência de ao tentar definir o que é criança no contexto moçambicano ir se pelo

óbvio, o óbvio que nos remete as negatividades das doenças, da pobreza, conflito. Porém a autora sugere que embora seja importante falar sobre o processo colonial e de guerras e das situações difíceis em que as crianças vivem é também necessário que se explore a multiplicidade do ser criança em que as próprias crianças trazem que envolve o brincar, a escola, as tarefas e responsabilidades nos locais onde elas habitam e o que significam, com vista a não reforçar ou criar uma falsa dicotomia sobre a situação da criança e de alguma forma explorar as possibilidades que lhe são negadas ao tomá-la sob ponto de vista negativo.

Colonna (2012), ao estudar as crianças que cuidam de outras crianças não as toma como estando em situação de vulnerabilidade mas sim como um momento de autonomia, uma oportunidade para a afirmação dos direitos de participação e olhando para a infância como um fenómeno plural e relacional. Por outro lado, Pastore (2020) avança ainda que haja ausência material em África, e nesse caso em Moçambique, não faz parte da experiência de falta da criança, pois ela está nutrida de outras coisas, como a criatividade, o sonho, as vivências, as experiências, a criatividade, as produções, a esperança. Este posicionamento remete nos a tomar a criança como um ser social capaz de experienciar e transformar e a partir deste exercício produzir novas vivências e experiências para si.

Ainda de acordo com Colonna (2012), o acto das crianças participarem na colaboração de actividades domésticas e nos pequenos negócios familiares transforma-se, para as crianças, numa oportunidade para ocupar e explorar espaços diferentes e para estabelecer relações sociais, combinando trabalho com a sociabilidade e com a dimensão lúdica. O lúdico é também indicado por Pastore (2020), como parte importante na afirmação da criança enquanto actor social no meio em que ela está inserida.

Uma das conclusões que o estudo de Colonna (2012) avança, é de que, o acto de uma criança cuidar de outra criança por um lado, é parte de uma resposta cultural à necessidade das mães desempenharem uma multiplicidade de tarefas para o sustento da família, por outro lado, é parte do processo de socialização culturalmente ajustado social, cultural e historicamente construídos.

Por sua vez, analisando os trabalhos que as crianças realizam, Pastore (2020), indica que as crianças que o realizavam não o tomavam como trabalho no sentido literal, mas o viam como

ajuda, e os adultos viam os trabalhos realizados dentro do espaço doméstico como ajuda e que implicavam na formação do sujeito e do carácter da criança. De tal forma que as actividades realizadas pelas crianças acabam criando espaços de participação das crianças seja no doméstico, na renda familiar, no cuidado de outras crianças tornando a criança de certa forma autónoma e participativa nos seus meios ou seja o trabalho realizado pelas crianças, não fere a liberdade da criança, mas enriquece seu senso de cidadania, seu conhecimento geográfico, entre outros aspectos.

Verifica-se que as tarefas realizadas pelas crianças tem uma dimensão funcional na medida em que respondem à necessidade das mães terem tempo para desempenhar outras tarefas, tem uma dimensão relacional, na medida em que as crianças estabelecem relações fortes entre si, tem uma dimensão de poder na medida em que as crianças mais pequenas aprendem a reconhecer o poder dos irmãos mais velhos, tem uma dimensão de aprendizagem, na medida em que as crianças mais velhas ensinam as outras os códigos, regras e valores culturalmente construídos e socialmente partilhadas, e uma dimensão lúdica, na medida em que têm oportunidade para brincar umas com as outras estabelecendo deste modo relações duradouras (Colonna, 2012).

Uma das principais conclusões de Pastore (2020), indica que quando as crianças criam acções e formas de fazer, a partir daquilo que elas conhecem ou se tornam conhecidas pelas experiências vivenciadas, elas exercem sua participação, desejos e cidadania enquanto sujeitos sociais e criam formas de partilhar suas vozes, pontos de vista e da vida social e colectiva. Por meio do transformar e criar, tecer e reviver, abrimos espaço para a imaginação e a criatividade com a qual as crianças realizavam suas actividades, com o foco principalmente no brincar.

Por meio da revisão da literatura feita, podemos verificar que o trabalho infantil sobretudo nos modelos domésticos ou na agricultura permanecem bastante presentes no quotidiano das crianças, e como se mencionou acima o trabalho infantil no modelo doméstico sendo ele remunerado ou não, tende a ter uma grande influência na escolarização das crianças, levando as a evasão escolar, baixo rendimento entre outros. Os autores concordam em grande medida sobre as causas que inserem as crianças no trabalho infantil nomeadamente a pobreza, o modo de produção capitalista e as justificações enraizadas nos aspectos culturais. É também de consenso que para além da influência na escolarização, o trabalho infantil constitui uma

violação dos direitos humanos e priva a criança do exercício ou acesso a direitos exclusivos para a sua idade.

Entretanto, nos estudos apresentados não se exploram as estratégias que estas crianças usam para trabalhar e estudar em simultâneo razão pela qual pretendemos alongar o debate com vista a buscar elementos que nos permitam perceber essas estratégias e compreender a forma como elas são usadas pelas crianças para conciliar educação formal e trabalho infantil doméstico. Partimos do princípio de que as crianças inseridas no trabalho infantil doméstico tornam-se autónomas e capazes de produzir suas próprias estratégias para trabalhar e estudar, estratégias essas que não foram exploradas pelo que pretendemos alongar o debate.

Na literatura, as perspectivas que exploram o trabalho infantil enquanto promotor de autonomia e competências para a conquista do espaço social e físico, não o fazem de forma mais abrangente, principalmente na expressão da agência da criança inserida no trabalho infantil doméstico no processo de escolarização. Razão pela qual nos propomos a explorar este posicionamento. Tomamos a criança enquanto actor social capaz de agir e produzir mudanças na medida em que esta inserida no trabalho infantil doméstico, e lhe é exigido que enquanto trabalha também estude. Dai que enquanto actor ela precisa de estratégias para tal. Consideramos igualmente que há um espaço para explorar uma realidade nova e dinâmica para aferir as diferentes manifestações deste fenómeno e a forma como as crianças produzem estratégias, usam-nas e a forma como estas influenciam no seu desempenho escolar.

2. Problematização

O trabalho infantil não é um fenómeno recente nas nossas sociedades, ele apresenta-se de diferentes formas e tende a inserir crianças de formas também distintas. Este tende a ser heterogéneo, como indica Alberto et al (2011), ao explicar que este pode se configurar em trabalho doméstico remunerado, trabalho doméstico ajuda e trabalho doméstico socialização, e todos eles exercem uma influência para as crianças, influencia essa que varia em função do tipo de trabalho realizado por elas.

As crianças envolvidas em trabalho infantil muitas vezes tem de conciliar o trabalho e a escola, e neste ponto, Alberto et al (2011) citando IBGE (2017) indica que crianças e

adolescentes trabalhadoras apresentam uma frequência escolar menor do que as não trabalhadoras e outras apresentam uma taxa maior de defasagem idade-classe. Outro dado relevante refere-se à constatação de que as crianças e adolescentes trabalhadoras domésticas têm maiores índices de defasagem escolar em comparação a crianças e adolescentes que trabalham em outras atividades. Para além disso, elas também incorrem em repetências associadas ao cansaço em decorrência do trabalho que as crianças realizam.

A literatura indica que o trabalho infantil sobretudo nos modelos domésticos ou na agricultura permanecem bastante presentes no quotidiano das crianças, por outro lado, estas mesmas crianças enquanto trabalham também estudam conciliando desta forma a escola e o trabalho pelo que pretendemos alongar o debate com vista a buscar elementos que nos permitam perceber as estratégias que as crianças usam e a influência destas estratégias no processo educacional. Para além do indicado na literatura, por meio da observação podemos verificar a existência de crianças envolvidas em uma série de atividades no seio doméstico, que decorrem em diferentes moldes. Estas decorrem quer seja nas suas próprias famílias ou na família de terceiro sendo sujeitas ou não a um determinado tipo de remuneração. O certo é que há crianças que trabalham e estudam em simultâneo no nosso contexto.

Nesta senda, Francisco (2011) argumenta que as crianças moçambicanas são vistas como uma fonte fundamental de ajuda não só para os pais como para toda a família alargada, e o seu papel é o de contribuir com tarefas definidas para as necessidades económicas do núcleo familiar, e de frequentar a escola, o que no futuro lhes permitirá a aquisição de competências e habilidades para a vida, e conseqüentemente, maiores oportunidades de emprego e mobilidade social. Esta realidade que a criança moçambicana está inserida confere-lhe uma dupla jornada ou seja uma dupla obrigatoriedade onde ela tem de empreender esforços para por um lado frequentar a escola mas por outro responder às expectativas familiares sob ponto de vista de sua participação.

É desta realidade que por um lado é observada mas por outro também é discutida amplamente na literatura que nos surgem alguns questionamentos que pretendemos estudar neste exercício.

Os estudos e literatura consultados na sua maioria privilegiam estudar o trabalho infantil doméstico sob ponto de vista das suas influências sob o processo de ensino, desconsiderando a possibilidade de existência de estratégias criadas por essas crianças enquanto seres autônomos para conciliar estudo e trabalho infantil doméstico. Por outro lado, não é abordada a questão da influência que essas estratégias podem ter no desempenho escolar destas crianças inseridas no trabalho infantil doméstico. Pouco é explorada a expressão da agência da criança inserida no trabalho infantil doméstico no processo de escolarização. Razão pela qual nos propomos a explorar este posicionamento.

Na literatura, as perspectivas que exploram o trabalho infantil enquanto promotor de autonomia e competências para a conquista do espaço social e físico, não o fazem de forma mais abrangente, principalmente na expressão da agência da criança inserida no trabalho infantil doméstico no processo de escolarização.

Acreditamos que as crianças inseridas no trabalho infantil doméstico criam estratégias para lidar com trabalho doméstico e escola e que estas estratégias imprimem uma determinada influência no desempenho escolar, dependendo do tipo de estratégias e da forma como elas as usam no dia-a-dia. Partimos do princípio de que as estratégias que as crianças inseridas no trabalho infantil doméstico adoptam é que ditam o padrão diferencial no desempenho escolar entre elas. Ou seja, defendemos a tese de que as crianças que exercem trabalho infantil doméstico são impostas pela estrutura duas realidades, por um lado a frequência a escola e por outro a realização do trabalho infantil doméstico, mas por sua vez elas enquanto agentes lêem a realidade e a transformam.

Essa transformação acontece por meio da criação de estratégias que elas usam para conciliar as duas actividades, e no nosso entender são essas estratégias que irão ditar o padrão diferencial entre as crianças. Ou seja neste processo cada criança cria suas próprias estratégias para estudar e trabalhar e estas estratégias é que irão fazer com que cada criança tenha resultados diferentes uma da outra pela eficácia ou não destas. Por outro lado, tomamos as crianças inseridas no trabalho infantil doméstico como agentes e que tornam-se autônomas e capazes de produzir suas próprias estratégias para trabalhar e estudar, estratégias essas que podem produzir efeitos no processo de escolarização destas mesmas crianças.

2.1. Pergunta de Partida

Diante do problema exposto acima, pretendemos alongar o debate e levantamos a seguinte questão de partida: *Qual é a influência das estratégias adoptadas pelas crianças para conciliar trabalho e escola no seu desempenho escolar?*

2.2. Objectivos

2.2.1. Objectivo Geral

- Compreender a influência das estratégias que as crianças adoptam para conciliar trabalho infantil doméstico e escola no desempenho escolar.

2.2.2. Específicos

- Identificar o perfil pedagógico das crianças que desenvolvem trabalho infantil doméstico;
- Identificar as estratégias usadas pelas crianças que exercem trabalho infantil doméstico na cidade de Maputo e comunidade de Michangulene;
- Analisar a influência das estratégias usadas pelas crianças no seu desempenho escolar.

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Nesta sessão apresentamos o enquadramento teórico e conceptual usado para o desenvolvimento da pesquisa. Para o efeito recorreremos a triangulação teórica que diz respeito a utilização de diferentes perspectivas ou abordagens teóricas para analisar os dados. Em termos teóricos recorreremos a teoria da Estruturação de Anthony Giddens (2003), e a teoria da reprodução interpretativa de William Corsaro (2002) seguida pela definição e operacionalização dos conceitos chaves para as discussões na pesquisa.

2.1. Teoria da Estruturação

A teoria da estruturação surgiu da publicação de importantes obras de Anthony Giddens nomeadamente: *Novas regras do método sociológico* (1978) e *A Constituição da Sociedade* (2003). A teoria é concebida como uma tentativa de reconciliar as teorias sociais tais como, agência/estrutura, subjectivo/objectivo e micro/macro perspectivas. Com a teoria da estruturação, o autor não se concentra na individualidade, mas sim propõe adoptar um equilíbrio na tentativa de tratar das influências da estrutura. Por outro lado, a teoria da estruturação possibilitou avanços significativos na superação da polémica de Parsons e Foucault acerca do poder e dos determinismos do sujeito.

A teoria da estruturação parte do princípio de que não é possível conceber os sistemas sociais e acção dos indivíduos de modo separado, pois entre eles existe uma relação de reciprocidade. Ou seja na teoria da estruturação os sistemas sociais e os indivíduos interagem e tem relações recíprocas entre si e esta reciprocidade o autor chama de dualidade da estrutura.

Deste modo, a teoria demonstra que dentro da estrutura social, existem regras e normas sociais vigentes e os actores agem dentro destas normas e regras resultando então na reprodução das estruturas sociais mas pela capacidade de agência dos actores acontece igualmente a transformação do sistema social.

Em Giddens (2003), agência é a capacidade do indivíduo realizar uma acção, onde os indivíduos são tomados como agentes capazes de executar acções, por sua vez estes (agentes) conformam e confirmam a estrutura na medida em que colocam em prática as regras e normas

pré-existentes. Já a estrutura refere-se a este conjunto de regras ou recursos que os agentes usam para realizar a sua acção. Ela é uma ordem virtual de relações transformadoras que permitem a reprodução das práticas sociais por dimensões variadas de tempo-espaço. As regras são elementos normativos e códigos de significação; e os recursos são de duas ordens: alocativos (porque derivam do controle de produtos materiais) e impositivos (porque derivam da coordenação da actividade dos agentes humanos). Assim, a reprodução das práticas sociais radica nas próprias relações humanas que têm lugar em contextos de interacção social.

Na teoria da estruturação, os actores individuais são tomados como sujeitos dotados de capacidade reflexiva e estão em condições de alterar a qualquer momento, os propósitos de suas acções e seus impactos na vida social. E é esta capacidade reflexiva que cria mudanças e estas mudanças tornam o espaço social como um local de constantes interacções e esta sujeito a revisões.

Giddens (2003) argumenta que os actores sociais são sempre reflexivos em suas acções e comportamentos, e estão abertos a revisões permitindo desta feita que haja uma sociedade em constante estado de mudanças. Porém, sublinha-se que nem sempre esta acção é racional, daí que subdivide-se a consciência em prática e discursiva. A prática não requer necessariamente um pensamento elaborado, e pode ser assimilada nas diferentes experiências da convivência social, ao passo que a discursiva requer discursos elaborados, esclarecimento das suas motivações, causas e efeitos das suas acções.

O conceito da reflexividade, permite nos compreender que dentro da teoria da estruturação onde há acção e estrutura, pressupõe-se a existência da reflexividade e é a partir desta que o agente não somente é afectado, como também participa das acções desenvolvidas com outros agentes o que mostra como a construção social da realidade pode ser explicada não de fora mas na racionalização da acção.

Ao adoptarmos a teoria da estruturação para a ler a realidade que nos propomos a estudar, tivemos um olhar analítico que toma as crianças enquanto agentes que podem ter papel importante na reprodução ou transformação da realidade em que estão inseridas. Permitiu nos igualmente a teoria tomar em consideração a estrutura e os agentes na sua relação de interdependência e a partir daí realizar análises que consideram tanto as regras e normas assim

como a acção do agente em si para chegar as conclusões. Enquanto pesquisa realizada no âmbito da sociologia, faz-se necessário realizar leituras da realidade com base em lentes sociológicas que nos ofereçam as ferramentas ideais para considerar tanto a acção do agente (crianças) e da estrutura e daí auferir de que forma cada uma delas imprime sua influência e como as crianças enquanto agentes transformam esta realidade e no final conseguem ou não conciliar escola e trabalho. Assim sendo, propomo-nos a fazer uma leitura atenta das relações entre os actores envolvidos no trabalho infantil doméstico de modo a compreender o fenómeno e as questões a ele inerentes.

Partimos do princípio de que a teoria da estruturação de Giddens (2003), se interessa na forma como a estrutura influencia o indivíduo e o indivíduo enquanto agente também imprime sua influência na estrutura na sua acção. Igualmente, consideramos importante a indicação de que enquanto agentes, a reflexividade tem grande importância na medida em que o agente é afectado mas também afecta ou influencia a estrutura social em que se insere produzindo a partir daí reprodução ou mudanças na estrutura.

A partir do conceito de reflexividade, nesta pesquisa, tomamos as crianças como agentes que por um lado estão inseridas numa estrutura social com regras e normas pré-existentes, mas que tem a capacidade reflexiva e à partir desta, as crianças podem produzir mudanças na estrutura, daí que esta teoria permitiu nos captar a influência que a estrutura em que as crianças que realizam trabalho infantil doméstico estão inseridas exerce sobre elas mas por outro lado permitiu captar a forma como estas crianças na sua acção reflexiva criam estratégias para influenciar a estrutura e produzir efeitos no seu quotidiano enquanto crianças trabalhadoras.

2.2. Teoria da Reprodução Interpretativa

Para melhor explorar a realidade, aliamos a teoria da estruturação a teoria da reprodução interpretativa de Corsaro (2002). Este é um teórico da sociologia da infância que revolucionou a maneira como era entendida a criança no campo das ciências sociais, particularmente na sociologia. Fazendo uma ruptura com a psicologia de desenvolvimento e sociologia clássica que olhavam para a criança como um actor passivo, ou sob uma perspectiva adultocêntrica, sem experiências próprias e que está num processo de desenvolvimento para tornar-se um ser humano típico. Entretanto, Corsaro (2002) traz a ciência a possibilidade de tomar as crianças

com sujeitos, actantes e com perspectivas próprias sobre o mundo no qual vivem. Esta teoria leva nos a desconstruir a maneira linear e individualizada pela qual o conceito de socialização era tradicionalmente abordado, pelo que ela problematiza as teorias de desenvolvimento e a forma de socialização proposta ao analisar a criança.

Para este trabalho, focalizamo-nos no conceito de reprodução interpretativa, que essencialmente resulta dos debates críticos que o autor faz a definição clássica de socialização que era concebida como um processo no qual a criança é imposta normas e valores sociais da sociedade na qual pertence para que ela possa estar em condições de fazer parte dela (Durkheim, 2002).

Neste processo Corsaro (2002), olha para a socialização como um processo de produção-reprodução o que significa que a criança não interioriza de forma passiva o que lhe é transmitido pela “cultura adulta”, no entanto, ela reproduz de forma criativa e interpretativa essa tal cultura.

Segundo Corsaro (2002), a reprodução interpretativa é o processo reprodutivo no qual a criança não se limita individualmente a interiorizar o que lhe é ensinada pelos adultos. Nesse processo reprodutivo, a criança torna-se participante da construção desses ensinamentos a partir de um processo de negociação. Ou seja, para este autor a criança não se limita a interiorizar o mundo adulto, mas ela também tem capacidade de modificar e construir a realidade. Chegando a conclusão de que as crianças não são meras imitadoras daquilo que elas vêem dos adultos, mas, de forma criativa, elas apropriam-se e reproduzem para o seu interesse aquilo que elas vêem nos adultos, tornando-se desta forma actores participantes da construção da realidade.

Ao adoptarmos a teoria da reprodução interpretativa, tomamos em princípio a criança como actor social activo, capaz de interpretar e criar para si significados através daquilo que apreende do meio ou dos adultos, permitindo-nos analisar a forma como estas criam suas próprias estratégias para conciliar trabalho infantil e escola no meio em que estas estão inseridas. Por outro lado, enquanto pesquisa realizada com crianças, faz-se necessário aplicar teorias da sociologia da infância para melhor acomodar todos aspectos ligados as crianças participantes e fazer uma leitura mais aprofundada desta realidade.

A teoria da estruturação e da reprodução interpretativa mostram-se úteis para leitura da realidade estudada na medida em que entre elas surge uma complementaridade. O Estruturalismo traz nos a influência e a forma como a estrutura e o agente interagem para mudança ou transformação duma dada realidade. Já a reprodução interpretativa, rompendo com as posições adultocêntricas, traz-nos o posicionamento da acção da criança enquanto sujeito actuante no mundo no qual vivem, e através desta acção elas não são meros reprodutores passivos do mundo dos adultos.

Enquanto a teoria da estruturação de Giddens (2003), se interessa na forma como a estrutura influencia o indivíduo e o indivíduo enquanto agente também imprime sua influência na estrutura na sua acção, ela irá permitir-nos ler a realidade tomando em consideração a estrutura e a influência que uma imprime na outra, e a forma como esta influência ocorre. Por sua vez, a reprodução interpretativa permite nos tomar a criança enquanto sujeito, capaz de não apenas interiorizar o que lhe é ensinada pelos adultos, mas participa da construção desses ensinamentos a partir de um processo de negociação. Esta possibilitou melhor explorar as estratégias que estas crianças criam para conciliar trabalho infantil doméstico e escola.

2.3. Definição dos Conceitos

Apresentamos a seguir, a definição dos conceitos aplicados para melhor compreensão nesta pesquisa nomeadamente: Criança, Trabalho Infantil, Trabalho Infantil Doméstico e Desempenho Escolar

2.3.1. Criança

O conceito de criança tem sido amplamente discutido na literatura, e existem um histórico de construções do mesmo conceito. Alguns autores chamam atenção a necessidade de distinguir infância e criança, isto porque há uma tendência de trata-los como sinónimos, entretanto existem diferenças entre eles. Segundo Lustig et al. (2010), a infância é compreendida, em síntese, como uma etapa da vida da pessoa e, a criança, como sujeito histórico, social e cultural.

A criança nem sempre foi concebida como é actualmente, ela já foi vista como ser inferior, figura do não desejado, ou até mesmo tomada como um adulto em miniatura. Mas com o

desenvolvimento de estudos sobre a criança esta foi ganhando visibilidade e passou a ser tomada de forma diferente de antes.

Neste percurso, existe o que Lustig et al. (2010), chama de concepção platónica da infância, que centrava-se numa visão futurista, onde se via apenas possibilidades, ou seja, a criança era vista como um ser em potencial, entretanto, essa potencialidade não permite que ela seja em acto o que é.

Por sua vez Ariès (1981), afirma que o sentimento de infância não existia na Idade Média, a ela não se dispensava um tratamento específico correspondente à consciência infantil e as suas particularidades que a diferenciava dos adultos. Tão logo a criança não necessitasse mais da mãe ou da ama ela já era inserida na sociedade dos adultos e assim participava de jogos, de afazeres domésticos ou trabalhava como aprendizes. Contudo Segundo o mesmo autor a partir do Século XVII a criança começa a ser retratada sozinha e sua expressão é menos desfigurada que na Idade Média, começam a surgir estudos que procuravam compreender melhor a mente da criança para melhor adaptar os métodos utilizados na educação e com essas mudanças, aos poucos a sociedade foi deixando de ver a crianças como um adulto em miniatura.

Segundo Ariès (1981), a criança é um ser histórico, marcado pelo momento real da humanidade em que nasce, cresce e se desenvolve.

Rousseau (1999) citado por Lusting et al. (2010), não compreende a criança como um adulto em miniatura, concebe a criança em si mesma, considerando suas manifestações próprias e a capacidade imaginativa e criativa. Para ele cada idade, cada estado da vida tem sua perfeição conveniente, o tipo de maturidade que lhe é própria

De acordo com Colonna (2012), a infância deve ser entendida “como uma construção social (...) não é uma forma natural nem universal dos grupos humanos, mas aparece como uma componente estrutural cultural específica de muitas sociedades”. Cada sociedade produz assim a sua própria realidade quanto à infância das crianças que influencia a forma como são consideradas e tratadas e, conseqüentemente atribuí-lhes diferentes papéis e funções dentro e fora de casa.

Segundo a Convenção dos Direitos da Criança e a Constituição da República de Moçambique, criança, é todo ser humano com idade menor de 18 anos de idade. Criança é todo o ser humano desde a nascença até aos 18 anos de idade. Por isso, todas estas pessoas têm todos os direitos consagrados nesta convenção.

Dos conceitos trazidos acima, podemos encontrar alguns pontos de concordância que julgamos serem relevantes para o conceito de criança que pretendemos adoptar nesta pesquisa nomeadamente: a criança como um ser histórico, social e cultural inserido numa determinada sociedade; a concepção da criança enquanto um ser social que não é um adulto em miniatura. Neste sentido, para o presente estudo tomamos criança numa dimensão individual como todos os indivíduos com idades até os 18 anos, diferenciando-se na sua capacidade de locomoção, expressão, autonomia e acção, combinando todas as características acima mencionadas. Esta definição mostra-se importante para o estudo pelo facto de estarmos a trabalhar com crianças em idade escolar, e que estejam inseridos em alguma actividade considerada trabalho infantil, no local de pesquisa.

2.3.2. Trabalho Infantil

Da Silva (2010) considera trabalho infantil toda a forma de trabalho exercida por crianças e adolescentes abaixo da idade mínima legal permitida para o trabalho conforme a legislação de cada país. Esta autora enfatiza a dimensão jurídico-legal do trabalho.

Por sua vez, Madeira (2009), categoriza, legalmente, o trabalho infantil como qualquer trabalho mesmo sem pagamento, no sector formal ou informal ou ainda, em actividades ilícitas, ocupando pelo menos uma hora semanal, por indivíduos com idade igual ou inferior a 16 anos.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera como trabalho infantil aquele que envolve crianças com as idades de: 5 - 11 anos que trabalham numa actividade económica; 12 - 14 anos de idade que trabalham em actividades económicas, menos aquelas em trabalhos ligeiros. Sendo que trabalho ligeiro é definido como aquele não perigoso, por um máximo de 14 horas semanais; 15 - 17 anos de idade que se encontram nas piores formas de trabalho

infantil. E as piores formas de trabalho são a escravatura, tráfico e trabalho forçado, crianças soldados, prostituição, uso de crianças em tráfico de drogas e outras actividades criminais.

A Lei do trabalho 23/2007 permite o acesso de crianças no mercado do trabalho antes da idade mínima de admissão desde que estas tenham idades compreendidas entre os 12 aos 14 anos e mediante a autorização do seu representante legal. A partir desse momento são determinados a natureza do trabalho e as condições espaciais e temporais em que este trabalho poderá ser prestado.

O conceito de trabalho infantil tem sido abordado de diferentes maneiras, existindo autores que o definem pelas horas de trabalho, pelo tipo de actividades realizadas e ainda pelas consequências ou danos que essas actividades têm para o desenvolvimento das crianças. Quanto ao trabalho doméstico, muitas vezes tem sido deixado de fora não sendo considerado trabalho infantil. Sendo assim, para a presente pesquisa, entendemos como trabalho infantil todas as actividades desempenhadas pelas crianças, dentro e fora de casa, seja no sector formal ou informal, e exercido por indivíduos com idade igual ou inferior aos 16 anos. Optamos por este conceito pois engloba as actividades domésticas e as não domésticas que têm sido tipicamente realizadas no contexto em análise.

2.3.3. Trabalho Infantil Doméstico

Alberto et al. (2005) definem o Trabalho Infantil Doméstico como "os afazeres domésticos de cuidar de casas, pessoas ou animais (domésticos) executados para as próprias famílias, ou para terceiros em troca de pagamento, em género ou espécie, por crianças e adolescentes até 18 anos de idade".

Wanderlaey et al (2011) indica que o trabalho infantil doméstico pode ser dividido em tipologias, existindo "o trabalho infantil doméstico remunerado" é aquele no qual o sujeito realiza o trabalho em troca de uma remuneração em espécie ou em género. Pode ser realizado em casa de terceiros, bem como na própria casa da criança ou adolescente (realizando serviços de cuidar de crianças no próprio domicílio) ou na casa de parentes (tios, primos, etc.). Mas, no caso, as relações de trabalho, ou seja, os lugares de patrão/ empregador e empregado, bem

como o contrato de trabalho, são definidas. Muitas vezes, a criança ou adolescente moram com os patrões, o que tende a prolongar a jornada de trabalho e a prejudicar a escolarização.

O segundo tipo, “o trabalho infantil doméstico ajuda” acontece quando crianças ou adolescentes assumem o conjunto das actividades de manutenção da casa - principalmente actividades indispensáveis para a liberação de outros membros para o trabalho fora de casa - como cozinhar, cuidar de crianças, dentre outros, podendo receber ou não remuneração por sua actividade. As actividades podem ser desempenhadas na própria casa ou na de parentes. Neste último caso, as relações de trabalho não são bem definidas, disfarçando relações de exploração entre eles, o que faz com que, nos casos em que há remuneração, essa seja ínfima. “O trabalho infantil doméstico socialização” é aquele no qual a actividade realizada decorre da divisão de tarefas entre os membros da família, sendo sempre realizado na casa da criança ou adolescente. Não existe remuneração, e as tarefas ocupam um menor espaço e um menor tempo dos sujeitos do que os outros dois tipos de trabalho infantil doméstico.

Os conceitos trazidos trazem alguns aspectos em comum entre eles nomeadamente, o trabalho infantil doméstico refere-se ao trabalho realizado por crianças e adolescentes seja na modalidade que envolve remuneração em género ou em espécie, há concordância o aspecto referente ao local onde este trabalho é realizado, podendo ser na casa de terceiros, parentes ou até na sua própria casa. Neste sentido, para o presente trabalho, adoptamos o conceito trazido por Alberto et al. (2005), por considerarmos este mais abrangente ao trazer nele aspectos como as tarefas executadas, as formas de pagamento e inclui a questão da idade limite (18 anos) que vai de acordo com o conceito de crianças que nos adoptamos neste trabalho.

2.3.4. Desempenho Escolar

O desempenho escolar é amplamente discutido na literatura, frequentemente é avaliado através da combinação de métodos e testes padronizados. Por sua vez este é visto por Rosa et al. (2019) como a competência adquirida no processo ensino-aprendizagem, que permite a expressão de estudantes quanto ao conhecimento obtido nesse percurso.

Já Dal’Igna (2007) define o desempenho escolar como sendo algo que está estritamente ligado à aprendizagem dos alunos. Está relacionado com a instauração de um conjunto de

normatividades que permitem aos professores avaliar, comparar, diferenciar, classificar, regulando e conformando a forma como é a carreira do aluno.

Chechia e Andrade (2002) definem o desempenho escolar como sendo o percurso ou carreira escolar dos alunos, isto é, a forma como se apresenta a história escolar dos alunos. Ao falar da história escolar, fala-se do sucesso ou insucesso escolar, ou seja para Chechia e Andrade (2002), desempenho escolar designa a trajetória escolar do aluno desde o início de sua vida escolar. O desempenho escolar pode referir a qualidade do percurso escolar dos alunos.

Para o presente estudo tomamos como Desempenho Escolar o conceito trazido por Rosa et al. (2019) que refere-o como a competência adquirida no processo de ensino-aprendizagem, que permite a expressão de estudantes quanto ao conhecimento obtido nesse percurso. Tomamos em atenção igualmente que o desempenho escolar geralmente é avaliado por meio de notas, resultados em testes padronizados, feedback dos professores, relatórios de progresso e outras métricas.

2.3.5. Estratégia

O conceito de estratégia tem sido usado para fazer referência ao plano idealizado para dirigir um assunto e para designar o conjunto de regras que asseguram uma decisão óptima em cada momento. Por outras palavras, uma estratégia é o processo seleccionado através do qual se prevê alcançar um determinado estado futuro.

Para Porter (1991), estratégia é criar uma posição exclusiva e valiosa, envolvendo um diferente conjunto de actividades. A estratégia está preocupada com objectivos de longo prazo e os meios para alcançá-los, que afectam o sistema como um todo. Esta característica define a estratégia como o elemento que conecta os objectivos em longo prazo, às metas e acções, dentro de um processo sistémico, que envolve toda a organização, estabelecendo por sua vez, uma ligação com os recursos necessários para sua implementação, sejam monetários, humanos ou de capital.

Por sua vez, Oliveira (2003), define estratégia como “... um caminho, ou maneira, ou acção formulada e adequada para alcançar, preferencialmente, de maneira diferenciada, os desafios e objectivos estabelecidos, no melhor posicionamento da empresa perante seu ambiente”;

Já Ferreira (1986) define estratégia como “Arte de aplicar os meios disponíveis com vistas à consecução de objectivos específicos”, ou “Arte de explorar condições favoráveis com o fim de alcançar objectivos específicos”.

Dos conceitos trazidos podemos pontuar alguns aspectos em comum, nomeadamente, os autores concordam que a estratégia tem que ver com o alcance de objectivos pré definidos seja a longo ou a médio prazo. Este conceito pressupõe uma determinada acção com vista ao alcance destes mesmos objectivos.

Para a pesquisa, adoptamos o conceito de estratégia, como um caminho ou maneira ou acção formulada e adequada para alcançar objectivos estabelecidos. Adoptamos este conceito porque ele permite visualizar e analisar os aspectos que envolvem a definição de certas estratégias por parte das crianças no exercício da dupla função, ora enquanto trabalham ora enquanto estudam, com vista a conciliarem estas actividades e deste obterem resultados no seu rendimento escolar.

CAPÍTULO III: ELABORAÇÃO METODOLÓGICA

Uma das componentes importantes da estrutura dum trabalho sociológico refere-se às decisões que o autor toma sobre a recolha de dados para sustentar o seu argumento (Macamo, 2004: 22). Assim sendo, nesta secção explicamos os aspectos metodológicos usados na pesquisa. Nesta poderemos encontrar o tipo de pesquisa; a delimitação do campo de análise, método de pesquisa, técnicas de recolha de dados, as técnicas de análise de dados, as questões éticas envolvidas e por fim os critérios de exclusão e inclusão.

3.1. Tipo de Pesquisa

No que diz respeito ao tipo a pesquisa é qualitativa que segundo Gehardt e Silveira (2009) citados em Silva *et al* (2014) é aquela que não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Neste caso concreto, esta mostrou-se mais conveniente porque procuramos compreender as estratégias que as crianças que realizam trabalho infantil doméstico usam para conciliar trabalho e escola, e a influência destas no seu aproveitamento escolar.

A escolha da pesquisa qualitativa deve-se ao facto desta ser exploratória, e por este facto, permitiu nos compreender e interpretar junto ao grupo alvo as estratégias definidas e usadas pelas crianças e conseqüentemente explorar e compreender a influência destas estratégias no aproveitamento escolar das crianças envolvidas em trabalho infantil doméstico na cidade e província de Maputo. Este auxiliou-nos na compreensão de como o trabalho infantil doméstico, diariamente se manifesta no quotidiano das crianças trabalhadoras na realidade pesquisa, e também permitiu assim aproximação a realidade pesquisada.

3.2. Método de Procedimento

Quanto ao método de procedimento, adoptamos o estudo de caso, que segundo Gil (2008), parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. Estes casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc. Este método permitiu-nos realizar uma análise profunda da realidade estudada, de tal forma que permitiu-nos estabelecer contacto

com as crianças trabalhadoras, explorar as estratégias por elas adoptadas e a influência que estas exercem no aproveitamento escolar das crianças.

3.3. Técnica de Recolha de Dados

Segundo Salgado (2023), as técnicas de colecta de dados são métodos e procedimentos utilizados para obter informações relevantes e necessárias para uma determinada finalidade. No nosso caso concreto, são métodos e procedimentos que auxiliaram-nos a obter as informações relevantes para a produção da presente monografia. Assim sendo, como técnicas para recolha de dados adoptamos:

- **Pesquisa Bibliográfica**

A pesquisa bibliográfica para realização deste trabalho consistiu essencialmente na consulta dos materiais bibliográficos já existentes. Este material bibliográfico foi consultado de diversas formas nomeadamente leituras de livros físicos nas bibliotecas, consulta de livros virtuais, leitura de trabalhos científicos publicados que debatem a temática pesquisada. Esta pesquisa bibliográfica auxiliou-nos na obtenção de bases da literatura do tema pesquisado, identificar as lacunas através das quais posicionamos o nosso estudo e aceder ao material bibliográfico disponível para alongar o debate. Por meio desta conseguimos obter dados que nos auxiliaram na sustentação e debate das teses levantadas incluindo as principais constatações obtidas no campo de pesquisa por meio do trabalho de campo.

- **Observação Directa não Participante**

A observação directa não participante foi uma das técnicas usadas na realização desta pesquisa, com objectivo de compreender a influência das estratégias adoptadas pelas crianças trabalhadoras no seu desempenho escolar, pelo que esta permitiu-nos observar as dinâmicas em que acontece o trabalho infantil doméstico, a forma como as crianças realizam as duas actividades, estudar e trabalho infantil, as estratégias que usam no local da pesquisa o que nos permitiu atingir o nosso objectivo. A técnica de observação, segundo Marconi e Lakatos (2003), não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se desejam estudar.

De forma mais específica com recurso a observação directa não participante conseguimos captar as dinâmicas em que ocorrem as actividades no campo de pesquisa. Onde percebeu-se que as crianças entrevistadas normalmente realizavam as tarefas no período contrário a hora de ida a escola. Observou-se igualmente que há um determinado grupo de actividades comuns entre as crianças nomeadamente, lavar a louça, varrer quintar, preparar o matabicho, que são feitas no período da manhã, antecedendo a sua ida a escola, deixando os trabalhos maiores como cozinhar, lavar a roupa, levar os animais ao pasto para o final do dia, e outras para os finais de semana.

Neste contexto, verificamos por meio da observação que para além destas actividades, as crianças também realizam tarefas como limpar a casa, cuidar dos irmãos mais novos, pastar o gado, ir a machamba, e prestar serviços a terceiros como: Cartar água, fazer blocos, vender alguns produtos nos principais mercados. As observações feitas contribuíram para enriquecer a nossa análise das estratégias e da sua influência no aproveitamento pedagógico das crianças nos dois contextos, na medida em que forneceram elementos cruciais para o efeito.

- **Entrevista Semi-Estruturada**

A entrevista semi-estruturada permitiu-nos fazer questões ao longo da conversa com base na necessidade de se obter informações adicionais. Ela também possibilitou construir uma lista de perguntas antecipadas que foram colocadas ao grupo alvo, e permitiu que no campo houvesse acréscimos nas perguntas de acordo com a resposta do entrevistado com vista ao alcance do objectivo. As entrevistas semi-estruturadas permitiram-nos estabelecer contacto com os entrevistados, com o campo de pesquisa e com as actividades realizadas. De forma mais concreta, na entrevista semi-estruturada começamos por elaborar um guião de entrevista com perguntas que nos auxiliariam a conduzir as entrevistas e que também permitissem que os entrevistados tivessem espaço para alongar a conversa. Após a elaboração do guião, deslocamo-nos ao campo. Primeiro as entrevistas foram realizadas na comunidade de Michangulene com 10 crianças, seguidos pelas entrevistas na cidade de Maputo com também 10 crianças, após a realização das entrevistas com crianças foram realizadas entrevistas com professores (Informantes-chave). As 20 crianças participantes das entrevistas realizam trabalho infantil doméstico nos dois locais de pesquisa e tem idades compreendidas entre os 10

a 16 anos, na cidade de Maputo, e na comunidade de Michangulene. Incluindo 05 professores primários como informantes-chave.

Durante o processo de entrevistas, todas foram gravadas, e foram antecedidas pelo consentimento informado devidamente assinado pelos pais ou encarregados de educação das crianças e pelas próprias crianças. As entrevistas gravadas foram posteriormente transcritas de forma naturalista. A transcrição segundo Azevedo *et al.*, (2017) significa escrever as informações que são dadas e da forma como são dadas, para apreender os sentidos. Ainda, a transcrição naturalista consiste em reproduzir detalhadamente todas as informações das entrevistas, tal e qual foram feitas, incluindo as expressões não-verbais, erros e elementos registrados no momento da conversa com o participante.

Com recurso a entrevista semi-estruturada conseguimos captar as estratégias que as crianças criam e usam para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, por outro lado conseguimos com profundidade captar o nível de influência que estas estratégias têm no aproveitamento escolar de cada criança. Informações adicionais e importantes para a nossa análise também foram captadas junto aos professores.

- **Grupo Focal**

Para a realização do trabalho usamos também a técnica do Grupo focal, que se apresenta como uma técnica de pesquisa qualitativa com o objectivo de perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência para um grupo particular no caso concreto o grupo das crianças que realizam trabalho infantil doméstico. Segundo Costa (2006), esta é na verdade uma entrevista colectiva que busca identificar tendências. A maior busca é de compreender, e não inferir ou generalizar. Neste caso específico, para o grupo focal iniciamos por elaborar o guião de entrevista do grupo focal, e depois realizamos o grupo focal com 1 grupo de 10 crianças da comunidade de Michangulene, onde foram observados os critérios de ter a idade de 10 a 16 anos, ser parte das crianças entrevistadas, frequentar a escola e estar sujeita a realização do trabalho infantil doméstico.

Por meio desta ferramenta conseguimos aprofundar a reflexão sobre o tema pesquisado e buscar o essencial. O grupo focal permitiu-nos que em grupo pudessemos verificar os pontos

divergentes e convergentes e buscar posicionamentos das crianças que realizam o trabalho infantil doméstico. Este serviu nos de base para enriquecer o debate e os dados empíricos obtidos.

Na realização do grupo focal enfrentamos como constrangimento o facto de inicialmente termos definido que realizaríamos 2 grupos focais sendo 1 em Michangulene e outro na cidade de Maputo, o que nos permitiria ter informações dos dois contextos pesquisado, entretanto, não foi possível seguir com o plano inicial pelo que acabamos realizando apenas 1 grupo focal na comunidade de Michangulene. Este constrangimento deveu-se essencialmente ao facto de o distrito municipal Kamavota ter os bairros distantes um do outro o que fez com que não fosse possível juntar 10 crianças num único espaço, por um lado devido a mobilidade das crianças e todas as questões de segurança envolvidas.

3.4. Perfil do Distrito de Namaacha (Michangulene)

Nesta secção, apresentamos um panorama geral sobre o perfil do distrito de Namaacha com enfoque principal para a comunidade de Michangulene lugar o qual foi realizada parte do estudo. Em termos geográficos, o distrito de Namaacha localiza-se na província de Maputo a sul de Moçambique, faz limite a norte com o distrito de Moamba, a oeste com a África do Sul e Essuatíni, a sul e sudeste com o distrito de Matutuíne e a leste com o distrito de Boane. De acordo com o Censo de 2007, o distrito tem cerca de 41 954 habitantes dos quais 23 mil são do sexo feminino, e uma área de 2 144 km², daqui resultando uma densidade populacional de 19,6 habitantes/km². Neste distrito sublinha-se ainda que numa percentagem de 9% são agregados familiares monoparentais e chefiados por mulheres.

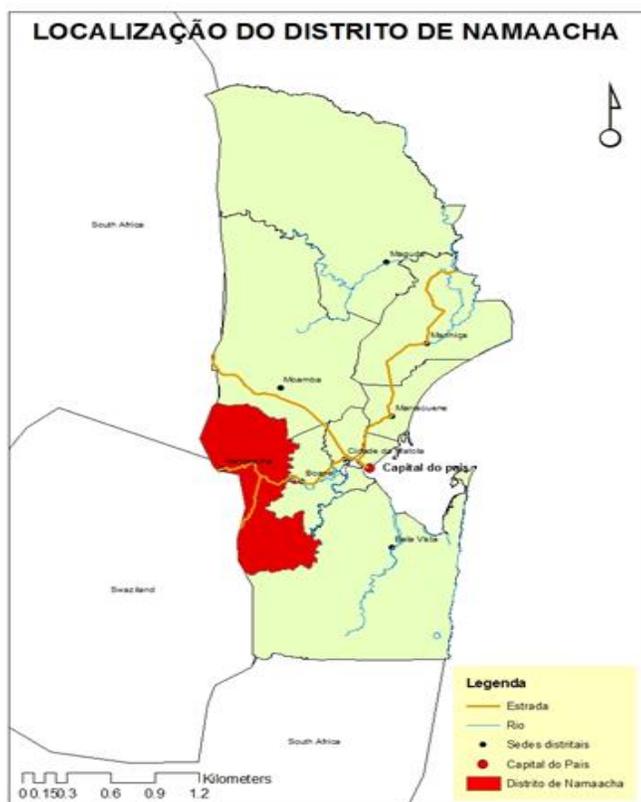
Em termos de educação segundo o Diagnóstico do distrito de Namaacha-mozambique (2012), estima-se que o distrito de Namaacha tem metade da população alfabetizada, de tal forma que cerca de 61% da população frequenta ou frequentava a escola, ainda que na sua maioria apenas até o nível primário.

Por outro lado, o Diagnóstico do distrito de Namaacha-mozambique (2012), sublinha ainda que verifica-se uma maior taxa de adesão escolar nas faixas etárias dos 10 a 14 anos, dado que por um lado indica que há crianças e adolescentes frequentando a escola, mas por outro lado

este dado revela a entrada tardia das crianças a escola. Demonstra-se igualmente que a maioria destas crianças são rapazes que frequentam o ensino primário, dada a insuficiente ou inexistente rede escolar dos restantes níveis de ensino no distrito.

Em termos de divisão administrativa, o distrito de Namaacha está dividido em dois postos administrativos nomeadamente: posto administrativo de Changalane e Posto administrativo de Namaacha. Por sua vez, cada posto administrativo é composto por localidades. O posto administrativo de Changalane é composto pelas localidades de Changalane, Goba (Goba Estação), Mahelane e Michangulene (Local do nosso estudo). Já o posto administrativo de Namaacha é composto pela Vila da Namaacha, Chimuchuanine, Impaputo, Mafuiane e Matsequenha.

Figura 1: Mapa ilustrando a localização do distrito de Namaacha



Fonte:Portal do Governo de Namaacha (2019)

O distrito de Namaacha está estruturado nos seguintes níveis de direcção e coordenação:

- Gabinete do Administrador, Administração e Secretaria;
- Serviço Distrital de Actividades Económicas;
- Serviço Distrital de Saúde, Mulher e Acção Social;
- Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia;
- Serviço Distrital de Planeamento e Infra-estruturas;
- Órgãos de Justiça (Registo e Notariado e Tribunal Judicial);
- Comando Distrital da PRM;
- Procuradoria Distrital.

3.4.1. Perfil Económico do Distrito de Namaacha

Diagnóstico do distrito de Namaacha-mozambique (2012) indica que o distrito de Namaacha tem como base económica a agricultura e o turismo. A proximidade do distrito de Namaacha de Maputo e de distritos da província com actividade comercial significativa, bem como dos países vizinhos de Essuatíni e da África do Sul, contribui para uma actividade comercial bastante activa, sendo bastante comum o movimento de exportação e ou comercialização dos produtos localmente obtidos com os pais vizinhos. Em Namaacha também promovem-se feiras diversas que intensificam o comércio, e o turismo incrementando desta feita a economia local, e promoção de práticas produtivas para a população local.

Em relação a pobreza, Maquenzi (2021), indica que o índice de pobreza da população em Namaacha é de 50%, e a este dado estão associados factores como a falta de emprego formal, grande parte da população desenvolve actividade informal, agricultura. Estas áreas nas quais maior parte da população esta inserida acolhem ambos sexos e idades, sendo possível encontrar crianças trabalhando em um desses diferentes cenários.

Segundo Relatório da Associação Wona Sanana (2023), Michangulene (local da pesquisa) é habitada por 630 agregados familiares e conta com cerca de 3.652 habitantes dos quais 1.680 são homens e 1.972 são mulheres. Em termos económicos, a comunidade de Michangulene tem como principais actividades económicas a agricultura, pesca, pecuária a semelhança de muitas outras comunidades deste distrito. Um dado importante desta comunidade que se

destaca, refere-se a existência de grandes farmas de produção de bananas, macadâmia, hortícolas situadas nesta comunidade que absorvem uma parte dos habitantes como mão-de-obra para o seu funcionamento.

Já em termos de infra-estruturas e serviços disponíveis, a Wona Sanana (2023), indica que a comunidade de Michanguele conta com 1 escola primária que lecciona da 1ª classe a 6ª classe; 1 posto de abastecimento de água; 1 escolinha comunitária e esta comunidade tem acesso a serviços e apoios de diversas organizações não-governamentais que em parceria com o Governo local desenvolvem as suas actividades como o caso da Fundação Encontro, Asseduco, Chance to Play.

3.4.2. Perfil do Distrito Municipal Kamavota

O distrito Municipal Kamavota localiza-se na cidade de Maputo, e esta por sua vez localiza-se geograficamente na região Sul de Moçambique, ocupando uma área 347,69 Km². Em termos populacionais estima-se que a cidade de Maputo tem cerca de 1.209.992 habitantes (INE, Censo de 2007), com uma densidade populacional de 4.033 Habi/km². Em termos climáticos, Maputo apresenta clima tropical seco e indica-se que a maior precipitação surge nos meses mais quentes, entre Novembro e Março.

Em termos de organização administrativa, o município de Maputo esta subdividido em 7 unidades autárquicas nomeadamente KaMpfumo, Nihamankulu, KaMaxaquene, KaMavota (distrito de realização do estudo), KaMubukwana (distritos urbanos), KaTembe e KaNyaka (distritos municipais), para uma população que ultrapassa um milhão de habitantes.

O distrito municipal Kamavota com cerca de 3267771 habitantes, local onde realizamos o estudo engloba os seguintes bairros: 3 de Fevereiro; Albazine; Costa do Sol; F.P.L.M; Ferroviário; Hulene A, Hulene B; Laulane; Mahotas; Mavalane A e Mavalane B.

Figura 2: Mapa ilustrando a localização do distrito Kamavota



Fonte: Cities Alliance (2013)

Segundo (Viana e Alves, 2006) a cidade é muitas vezes descrita na sua dualidade espacial confrontando uma realidade planeada, estruturada e organizada, provida de equipamentos colectivos, serviços básicos e infra-estruturas, a “Cidade Formal” ou “Cidade de Cimento”, em oposição à “Cidade Informal” ou “Cidade de Caniço”, carenciada de serviços básicos (abastecimento de água, saneamento básico, electricidade) equipamentos e infra-estruturas, de crescimento muitas vezes espontâneo. E esta dualidade, não é apenas física mas também social, na medida em que pode-se encontrar na “Cidade de Cimento” maioritariamente ocupada por classes média e alta, com níveis de escolaridade mais elevados enquanto na “Cidade de Caniço” vive uma população na sua maioria de baixos recursos, nível de escolaridade menores e com fortes referências rurais. E é na “Cidade de Caniço” onde se localiza o Kamavota, local do nosso estudo.

Segundo Manhiça (2015), o distrito Kamavota em termos populacionais é habitado por pessoas de origem diversa sendo na sua maioria de origem tsonga. E destacam-se o trabalho assalariado, negócios no sector informal, trabalho na agricultura, como principais fontes de renda neste distrito, sublinhando que o contributo fundamental para o distrito encontra-se na prática de agricultura pois fornece parte dos recursos para subsistência necessária e aumenta o rendimento monetário de muitas famílias.

Destaca ainda Manhiça (2015), que o distrito é caracterizado pela predominância de culturas como couve, alface, tomate, repolho, abóbora, pepino, batata, cana doce e fruteiras como a papaieira, mangueira, destinadas tanto para o consumo familiar, assim para comercialização.

Em relação a educação, Frederico (2012), indica que há uma evolução positiva do ingresso na escola, pelo que nota-se que a taxa de crianças fora da escola vai reduzindo conseqüentemente mais crianças ingressam a escola.

Ainda no aspecto educação, Nyusi (2021) indica que o distrito de KaMavota alberga 58 escolas, das quais 33 são públicas; 11 comunitárias; 13 privadas e 1 Técnica. Em termos numéricos o distrito contava até o ano lectivo com um total de 97.237 alunos dos quais 50.238 do sexo femininos correspondente a 51.7%, 26 1.113 alfabetizados assistidos por 52 alfabetizadores e 22 centros de alfabetização.

3.5. Amostra e Amostragem

Para atingirmos o objectivo proposto foi realizada uma pesquisa na cidade de Maputo, e na comunidade de Michangulene onde foram envolvidas crianças dos 10 aos 16 anos, pois consideramos que estas idades ainda estão dentro daquilo que o conceito de criança preconiza, sendo um total de 20 crianças sem distinção de sexo, raça. Os participantes foram seleccionados por acessibilidade e aplicou-se o critério de estarem a realizar trabalho infantil doméstico nas suas próprias casas, para terceiros, ou familiares, obedecendo um modelo remunerado, ou sujeito a outras formas de pagamento (residência, escola, saúde, etc.), na cidade de Maputo, e na comunidade de Michangulene, e que estejam a frequentar a escola.

Estes permitiram-nos verificar as estratégias que estas traçam e usam para conciliar trabalho infantil e escola e os moldes em que decorre o trabalho por elas realizado. Tivemos como informantes-chave professores para melhor compreensão da questão pesquisada. Em relação aos professores, foram entrevistadas no total cinco (05) sendo 3 da comunidade de Michangulene e 2 da cidade de Maputo. Na pesquisa, usamos a amostragem por conveniência ou por acessibilidade. Que segundo (Gil, 2008), Constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico.

Neste caso específico, seleccionamos os participantes que tínhamos acesso a eles seja por meio dos seus pais ou pela escola que frequentam, e desta forma conseguimos atingir o

número desejado de crianças, naturalmente obedecendo a todos critérios de exclusão e inclusão predefinidos na preparação da pesquisa incluindo as questões éticas de pesquisa. Assim, seleccionamos 20 crianças com idades entre os 10 aos 16 anos que realizam trabalho infantil doméstico e estudam, e 5 professores como informantes-chave, sendo 3 da comunidade de Michangulene e 2 da cidade de Maputo.

3.6. Critérios de Exclusão e Inclusão

- **Inclusão** – na selecção dos participantes da pesquisa foram aplicados os seguintes critérios: Ser criança com idades compreendidas entre 10 a 16 anos sem distinção de sexo, e raça; estar a realizar algum tipo de trabalho infantil doméstico; frequentar a escola; ser residente na cidade de Maputo e da comunidade de Michangulene, dar o consentimento para participar da pesquisa.
- **Exclusão** – foram considerados critérios de exclusão: (Ser criança que realiza trabalho infantil domestico mas não estuda; Não residir em Maputo e Michangulene; Não dar o consentimento de participação na pesquisa).

3.7. Técnica de Análise de Dados

Para a análise de dados usamos a análise de conteúdo que segundo Quivy & Campenhoudt (1998), é direccionado especialmente para analisar, minuciosamente, mediante procedimentos metodológicos, realidades sociais densas e complexas. A análise de conteúdo, para além de interpretar as informações em estudo, supõe a observação da recorrência dos factos, que auxilia a apreender e cobrir todos os dados relevantes recolhidos. Por sua vez Bardin (2011), explica que esta é didáctica, daí facilita a sequência de tarefas e actividades a serem seguidas para fazer a análise dos dados qualitativos.

De forma concreta nesta pesquisa procuramos obedecer cinco fases na análise de dados onde primeiro fizemos a transcrição das entrevistas, a transcrição dos dados foi feita de forma naturalista, que segundo Azevedo et al. (2017), transcrever uma entrevista, significa escrever as informações que são dadas e da forma como são dadas, para apreender os sentidos. Ainda, a transcrição naturalista consiste em reproduzir detalhadamente todas as informações das entrevistas, tal e qual foram feitas, incluindo as expressões não-verbais, erros e elementos

registados no momento da conversa com o participante. Após este exercício seguimos para a pré análise dos dados recolhidos tanto em Michangulene assim como na cidade de Maputo, incluindo os dados bibliográficos referentes ao tema pesquisado de modo a analisar tudo que seria importante e que auxiliaria na nossa pesquisa.

De seguida, fizemos a exploração do material ou seja a familiarização do conteúdo transcrito, o que ajudou nos a identificar temas gerais, e iniciar a codificação tanto do conteúdo como dos entrevistados. Em relação ao conteúdo, a codificação consistiu em identificar temas gerais e relevantes para a pesquisa que fossem ao encontro das variáveis do estudo, já em relação aos entrevistados a codificação consistiu em atribuir números de identificação, e nomes fictícios a serem usados ao longo da pesquisa. Este exercício ajudou-nos a formar uma ideia do contexto e do conteúdo das entrevistas. A categorização dos códigos ajudou a estruturar a análise e identificar padrões ou conceitos significativos nos dados que dariam início ao processo interpretativo dos mesmos. Feito isto, seguimos para a interpretação dos dados que culminou com a elaboração da dissertação. Destaca-se igualmente que a interpretação dos dados foi feita por meio da articulação entre a teoria e os dados empíricos.

3.8. Questões Éticas de Pesquisa

Em pesquisas com crianças existem aspectos a serem considerados para uma organização da investigação e para garantir uma participação informada e ética.

Segundo Tomas *et al* (2005), o consentimento informado é na investigação participativa com crianças um dos momentos mais importantes. Sendo assim para observar as questões éticas adoptamos o consentimento informado. Este consiste em informar as crianças acerca dos objectivos e dinâmica da pesquisa com uma linguagem clara e adequada para elas. Este autor explica que a participação das crianças deve ser voluntária e estas devem ter toda a liberdade para recusar de participarem em qualquer momento da pesquisa.

Ainda no tocante ao consentimento informado, Gaiva (2009), afirma que em pesquisa com crianças faz-se necessário fornecer o consentimento informado aos tutores legais ou responsáveis pelas crianças. Sendo assim na presente pesquisa, optamos por informar o objectivo da pesquisa aos cuidadores/responsáveis das crianças, e a posterior pedir autorização

a eles para permitirem que as crianças participassem. O exercício de explicar os objectivos, os procedimentos e todos aspectos ligados a pesquisa foi feito junto as crianças, onde elas tiveram a oportunidade de permitir ou não a sua participação na pesquisa. Para preservar a identidade dos participantes, foi garantida a confidencialidade e o anonimato dos indivíduos pelo que utilizamos pseudónimos para identificar os participantes.

3.9. Constrangimentos de Pesquisa

No processo da recolha de dados deparamo-nos com alguns constrangimentos o que de certa forma é natural ao realizar pesquisas. A recolha de dados para esta pesquisa foi realizada na comunidade de Michangulene e no Distrito Municipal Kamavota nos bairros de Laulane e Ferroviário. Esta contou com crianças com idades compreendidas entre 10 anos a 16 anos e com 05 professores como informantes-chave dos quais 3 da escola primaria de Michangulene e 2 da cidade de Maputo.

O primeiro constrangimento teve a ver com o facto de não ter sido possível realizar 1 grupo focal na cidade de Maputo tal como havia sido previsto, o que culminou com a realização de apenas 1 grupo focal em Michangulene. Este constrangimento deveu-se essencialmente ao facto de o distrito municipal Kamavota ter os bairros distantes um do outro o que fez com que não fosse possível juntar 10 crianças num único espaço, por um lado devido a mobilidade das crianças e todas as questões de segurança envolvidas. Como estratégia para superar esse constrangimento optamos por realizar apenas 1 grupo focal onde era possível ter as crianças e garantir segurança para os participantes.

A recolha de dados coincidiu com altura de fecho do ano lectivo, realização de provas finais o que dificultou o acesso as crianças e até mesmo aos professores. Este constrangimento fez com que o tempo de recolha de dados fosse relativamente longo do que o esperado pois teve de ser adaptado a disponibilidade dos entrevistados. Para superar este constrangimento, refizemos o nosso plano de trabalho e privilegiamos realizar entrevistas feitas por meio de marcações e finais de semana. Contudo, apesar dos constrangimentos mencionados consideramos que os objectivos da pesquisa foram atingidos de tal forma que conseguimos realizar as entrevistas, o grupo focal e por fim produzir o presente trabalho de pesquisa.

3.10. Limitações Metodológicas

Para este estudo inicialmente definimos que realizaríamos 2 grupos focais sendo 1 em Michangulene e outro no Distrito Kamavota entretanto devido ao facto de o distrito municipal Kamavota ter os bairros distantes um do outro fez com que não fosse possível juntar 10 crianças num único espaço, por um lado devido a mobilidade das crianças mas também pelas questões de segurança envolvidas acabamos realizando apenas 1 grupo focal em Michangulene. Este facto de alguma forma limitou nos em alguns aspectos nomeadamente a diversidade de perspectivas sobre o trabalho infantil doméstico e a captação de dinâmicas grupais das crianças de Kamavota. Entretanto para minimizar esses impactos optamos por diversificar o grupo de crianças participantes do grupo focal em Michangulene e aprofundar as discussões com este grupo específico.

Coloca-se igualmente a limitação relativa ao não uso de técnicas de recolha de dados inovadores e criativas como o uso de imagens ou desenhos, o uso de jogos, as histórias ou ainda os mapas mentais que de alguma forma poderiam potenciar a participação activa das crianças, engajamento e expressão de suas experiências no trabalho infantil doméstico. Entretanto para superar esta limitação recorreremos ao aprofundamento das entrevistas com as crianças a observação das dinâmicas e moldes em que decorre o trabalho.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo fazemos a análise e discussão dos resultados obtidos em torno do trabalho infantil doméstico e desempenho escolar. Neste buscamos explorar essencialmente (4) categorias de análise nomeadamente: (i) dados sobre o perfil socioeconómico das crianças que exercem trabalho infantil doméstico; (ii) perfil pedagógico das crianças envolvidas no trabalho infantil doméstico; (iii) dados sobre as estratégias elaboradas e usadas pelas crianças para conciliar educação formal e trabalho infantil doméstico; (iv) e por fim analisam-se dados sobre a influência das estratégias adoptadas pelas crianças no seu desempenho escolar.

4.1. Perfil Sócio-Demográfico dos Entrevistados

Neste subcapítulo apresentamos o perfil sócio-demográfico dos entrevistados, dos quais incluímos crianças e professores que foram entrevistados como informantes-chave. No seu todo participaram das entrevistas 20 crianças, das quais 10 moradoras da cidade de Maputo e as outras 10 moradoras da localidade de Michangulene, província de Maputo. Essencialmente neste subcapítulo buscamos clarificar algumas variáveis e para o efeito traçamos alguns critérios de análise como: sexo, idade, nível de escolaridade e proveniência das crianças.

Nesta ordem de ideias, analisando a primeira variável sexo, os dados demonstram que na sua maioria foram entrevistadas crianças do sexo feminino no total de onze (11) em relação as crianças do sexo masculino que foram nove (9). Este facto não foi pré-determinado na pesquisa e nem tão pouco está relacionado a outros factores de análise que excluem as crianças do sexo masculino, mas o que se depreende é que nos contextos da pesquisa há diferenças em termos de quem realiza o trabalho infantil doméstico, o que no nosso entender revela a necessidade de fazer análise tendo em conta a dimensão género.

Além do género por meio desta diferença verificada surge a necessidade de analisar também os papéis sociais e as questões culturais. Estas no nosso entender são dimensões que de alguma forma irão nos permitir compreender essa diferença que existe entre rapazes e raparigas inseridas no trabalho infantil doméstico.

Dito isto, passamos a analisar a variável idade, onde os dados demonstraram que em maior número estão crianças com idades de 16 anos (6 crianças) e 14 anos (5 crianças), seguidos pelas idades 10 anos, 11 anos, 13 anos e por fim 12 anos com apenas uma criança. Estes dados

não representam algo predeterminado na nossa pesquisa, nem correspondem a nenhum factor de exclusão entre as crianças. É verdade que a nossa amostra é composta por crianças com idades compreendidas entre 10 a 16 anos, mas não foi predeterminada a escolha de crianças de 14, e 16 anos em maior número em detrimento das outras idades.

No nosso entender, o facto de o número de crianças envolvidas em trabalho infantil doméstico ser maior quanto mais as crianças crescem, ou seja em idades entre 13 a 16, está atrelado a construção social da infância nestes contextos pesquisados. Ou seja este facto justifica-se pela forma como nestes contextos concebe-se o ser criança, ou pertencer ou não a categoria infância.

O conceito de infância é socialmente construído, e ao longo dos anos foi tendo novas configurações influenciadas por vários factores. Neste aspecto, (Alberto et al. 2005; Moreira & Stengel, 2003; Sarti, 1996) demonstram que a criança goza de determinados privilégios no seio da família, os quais são perdidos à medida que crescem e passam a ter condições de fazer algumas tarefas. O que significa que a infância para as classes pobres acaba mais cedo. Por outro lado, estes dados são confirmados pelo que Pilotti (1995) diz ao considerar que quanto a categoria "infância" ser uma construção social e a categoria "criança" ser uma dimensão pessoal nem todas as crianças, portanto, vivenciam a infância.

Acreditamos que é nessa perda de privilégios no seio da familiar que se encontram as justificações da existência de maior número de crianças inseridas no trabalho infantil doméstico com idades compreendidas entre 13 a 16 anos. Ou seja na medida em que elas crescem, socialmente nestes contextos não são mais consideradas como pertencentes a categoria infância, daí que para estas famílias justifica-se a sua inserção no trabalho infantil doméstico.

Outra categoria analisada neste trabalho refere-se ao nível de escolaridade das crianças entrevistadas. Olhando para os dados, revela-se que existem mais crianças a frequentar a 6ª classe e 8ª classe respectivamente, seguidos pelas 9ª e 10ª classe. Estes dados tem muito a ver com a idade de cada criança, pois conforme mencionamos a cima há mais crianças de idades compreendidas entre 14 a 16 anos.

Mas fazendo uma análise cruzada entre nível de escolaridade e idade das crianças, os dados revelam outra realidade, que diz respeito ao desfasamento destas crianças na relação classe frequentada e idade. Ou seja, numa forma mais simples diríamos que, a maior parte das crianças entrevistadas, ao cruzarmos a sua idade e a classe em que elas estão, percebemos que estas estão atrasadas em relação a classe que se espera que uma criança de sua idade esteja a frequentar.

Por meio desta informação, entendemos que este fenómeno não é exclusivo do nosso campo de pesquisa, pelo que é comum que crianças que realizam trabalho infantil doméstico apresentem níveis de desfasamento entre o nível de escolaridade e a idade, porém é importante mencionar que este fenómeno é influenciado por uma variedade de factores, sendo que destacamos aqui os dois principais que registamos. O primeiro é a pobreza que é um dos principais impulsionadores do trabalho infantil em muitos países em desenvolvimento, como é o caso de Moçambique, levando as famílias a contarem com a renda das crianças para sobreviver ou incrementar o rendimento familiar. Ou seja, em alguns casos este aspecto está ligado à pobreza e à desigualdade socioeconómica. Pois, famílias de baixa renda dependem da contribuição financeira das crianças para sustentar o lar, o que leva à priorização do trabalho em detrimento da educação¹. O segundo, as crianças trabalhadoras enfrentam barreiras significativas ao acesso à educação, como falta de escolas próximas, custos associados à escolarização e discriminação. Chiziane e Macuéve (2017) destacaram que em Moçambique os principais desafios enfrentados pelo sistema educacional está associado a falta de infraestrutura, professores qualificados e materiais escolares e didácticos adequados².

Por outro lado, autores como Alberto et al. (2011) citando IBGE (2017) indicam que crianças e adolescentes trabalhadoras apresentam uma frequência escolar menor do que as não trabalhadoras e outras apresentam uma taxa maior de desfasamento idade-classe. Este grupo

¹De acordo com um relatório do Banco Mundial (2019), cerca de 70% da população moçambicana vive com menos de US\$ 2 por dia, o que torna as famílias mais propensas a depender da contribuição financeira das crianças.

²Aspecto corroborado pelo relatório da UNESCO (2020), que aponta que cerca de 258 milhões de crianças em todo o mundo estão fora da escola, muitas das quais são forçadas a trabalhar devido à falta de oportunidades educacionais.

de crianças pode ainda apresentar uma maior taxa de evasão escolar e repetências. Estes segundo o autor estão associados ao cansaço que as crianças apresentam em decorrência do trabalho por elas realizado. Contudo, é importante sublinhar que há outros factores que podem levar a esse desfasamento, alguns dos quais citamos acima como a pobreza, o acesso a educação que no nosso contexto de pesquisa é muito forte, o ambiente escolar, onde verificamos que a escola nem sempre representa um espaço que esteja preparado para receber e lidar com todo tipo de crianças, estando na maioria das vezes não adaptado a realidade de crianças trabalhadoras como demonstra Alberto et al. (2005) citado por Wanderley et al (2011).

Os elementos supracitados nos permitem depreender que o desfasamento entre a idade e o nível de escolaridade em crianças envolvidas no trabalho infantil na cidade de Maputo é complexa e multifacetada, sendo influenciada por factores económicos, estruturais, sociais e educacionais. Sendo que por um lado ocorre quando as crianças são forçadas a entrar tardiamente, faltar em diversos dias ou abandonar a escola prematuramente para trabalhar, resultando em uma lacuna entre sua idade cronológica e o nível educacional que deveriam ter alcançado. E por outro lado quando as famílias não dispõem de condições económicas suficiente para garantir a aquisição de material escolar e didáctico necessário e/ou garantir o transporte (em caso de existência de uma escola distante) para as suas crianças frequentarem a escola.

Outros aspectos que entendemos como importante analisar diz respeito a proveniência das crianças trabalhadoras, e neste não analisamos apenas a proveniência destas sob ponto de vista geográfico, mas sim incluímos também a análise do local onde cada criança exerce o seu trabalho, se é para suas próprias famílias ou para terceiros.

Neste aspecto, o que verificamos é que existem dois grupos de crianças:

- Por um lado temos o grupo de crianças que vivem com as suas famílias originárias e realizam trabalhos para estas (seja no espaço doméstico assim como fora de casa);
- E por outro lado temos as crianças que são originárias de outras províncias do país e residem com tios e estas realizam trabalhos para estas famílias.

Tanto as crianças que realizam trabalho infantil doméstico para suas famílias e as que realizam para famílias não originárias, são unânimes ao afirmarem que não há nenhuma remuneração monetária pelo trabalho realizado, o que elas mencionam é que os seus cuidadores pagam lhes as despesas da escola, compram a roupa, garantem a sua alimentação. Apenas as crianças que realizam algum trabalho fora de casa e para terceiros é que de alguma forma ganham alguma remuneração que por sua vez é usada para contribuir na renda da família ou para isentar os cuidadores das responsabilidades com a escola destas crianças.

Este dado não é percebido apenas no nosso contexto, mas o mesmo já foi indicado por Nogueira (1993), onde na sua pesquisa notou que existia um grande número de crianças realizando trabalho infantil doméstico e que este até eram remunerados mas essa remuneração era menos que um salário mínimo. Facto que os nossos dados também demonstram na medida em que todas crianças que recebem alguma remuneração pelo seu trabalho o mesmo não equivale e esta longe de ser um salário mínimo.

Pode se depreender também para o caso das crianças que não recebem nenhum pagamento que este facto é associado a normalização do envolvimento das crianças no trabalho e na percepção deste como socializados, educador para as mesmas. É um facto também que para as crianças que não trabalham para as suas famílias naturais os seus cuidadores suprem necessidades como alimentação, escola, saúde o que de alguma forma se configuram como uma forma de pagamento. Em termos geográficos os dados revelaram que as crianças eram provenientes das províncias de Maputo (para as que vivem e trabalham para suas famílias), Província da Zambézia, Província de Inhambane e Gaza.

4.1.1. Quotidiano e Actividades Realizadas pelas Crianças em Michangulene e Distrito Municipal Kamavota

Neste ponto discutimos em torno do tipo de actividades que as crianças entrevistadas realizam no seu dia-a-dia nos dois contextos de pesquisa. Neste exercício questionados sobre o tipo de tarefas que executam seja dentro das suas famílias naturais ou não, ou ainda fora de casa conseguimos captar as seguintes: limpeza e manutenção da higiene da casa, ir a machamba, preparo de refeições para as famílias, tirar água (principalmente as crianças de Michanguele onde não há água canalizada na comunidade), cortar a lenha, pastar os animais, ir ao mercado (tanto para comprar, assim como para comercializar produtos), cuidar de irmãos mais novos, fornecimento de serviços para uso do tractor nas machambas, fabrico de blocos em estaleiros conforme demonstram os extractos a seguir.

(...) Por exemplo sábado acordo de manhã, vou com mãe na machamba, lá pego a enxada começo com minhas actividades, lásei la 9 horas já parto para casa, chego lá pego outras coisas, por exemplo fazer chá para mãe, cartar água, fazer limpeza da casa. (Entrevistado 8, 16 anos).

(...) Até faço paus de moer, de pilar, corto lenha e agora mais ou menos estou a começar a fazer esteiras, mais ou menos, mas isso faço no período da tarde, Entrevistadora: quando voltas da escola? Entrevistado: sim sim. (Entrevistado 8, 16 anos).

Eu de manhã vou a escola, já chego na escola malta 7 e tal, e ao voltar chego aqui em casa primeiro como, (...) depois paro malta 2 horas de tempo até que o sol areia um pouco, depois ir cartar água, vir varrer um pouco lá dentro (...) e quando eu acabar isso ai, se eu tiver tpc faço tpc se não tiver tpc vou para o campo jogar um pouco, e ao voltar se não tiver cozinhado cozinho, (...) as minhas vizinhas sabem que eu sou bom a cortar espinhosas então me dão aquele biscato de cortar espinhosas depois me dão pagamento e meu amigo passa me levar para ir capinar lá na machamba (...). (Entrevistado 9, 16 anos).

Contudo, constatou-se igualmente haver uma certa diferença do tipo de trabalho que as crianças realizam, que entendemos estar ligada ao contexto em que cada criança esta inserida onde notou-se que enquanto em Michangulene na sua maioria as crianças relataram fazer parte

do seu trabalho levar os animais ao pasto, tirar água na fontenária publica para casa, cortar espinhosas, ir a machamba, na cidade de Maputo os dados revelaram que as crianças tendem a realizar mais tarefas ligadas a cuidados da casa e tendem a frequentar mais os mercados seja para aquisição de alguns produtos ou para venda de algum produto nestes locais.

(...) Lavar a loiça, varrer quintal, outros dias cozinhar e quando ser sexta e sábado vou no mercado vender com minha tia. Entrevistadora: aye? Tua tia vende la? Entrevistada: sim, no Xiquelene). (Entrevistada 14, 11 anos).

De manhã vendo até as 12 horas, depois vou a escola, quando volto faço outros trabalhos aqui em casa que me mandam. (Entrevistado 13, 13 anos).

Estes dados são abordados por autores como Kassouf (2007), que demonstra que não apenas em contextos africanos mas mesmo no brasil é comum que o contexto rural tenha diferenças em termos de actividades que as crianças realizam. Ademais, sublinha que há mais crianças trabalhando nas áreas rurais em relação as áreas urbanas.

Por sua vez, Silva (2022), indica no seu estudo que em diferentes contextos a agricultura, os trabalhos domésticos e a participação das crianças na pecuária tendem a ser as grandes áreas que maioritariamente envolvem crianças. Os dados revelaram também existir tendência em realizar divisão do trabalho tendo em conta o género, aspecto esse que vamos analisar no ponto a seguir com maior profundidade.

4.1.2. Género e Trabalho Infantil Doméstico

Os dados revelam que o trabalho infantil doméstico é realizado maioritariamente por crianças do sexo feminino e poucas do sexo masculino, e ao realizar uma análise profunda dos dados nota-se que aos rapazes envolvidos no trabalho infantil doméstico cabe realizar actividades fora do espaço doméstico e apenas em poucas vezes ficam com as tarefas propriamente domésticas tal como demonstra o extracto da entrevista abaixo:

Vou em casa de tio Totó bater biscato de buscar areia no rio mmmh posso logo, quando eu chegar ali posso ir comprar diesel, primeira coisa, faço blocos, quando o trator esta lavrar posso semear milho(...)e posso varrer dentro, e mesmo cozinhar quando minha irmã não está. (Entrevistado 10, 16 anos).

Este facto foi analisado por Santos et al. (2019), que afirma que é comum que o trabalho infantil tenha maior concentração entre os meninos do que entre as meninas, mas a maior parte das meninas está inserida neste mercado por meio das actividades domésticas. Ou seja ainda que haja mais rapazes inseridas no trabalho infantil cabe as meninas realizarem na sua maioria as tarefas que se enquadram no trabalho infantil doméstico.

Destaque vai para o facto de a maioria dos entrevistados do sexo masculino terem mencionado que realizam o trabalho fora de casa e com regime remunerado e que realizam apenas trabalhos domésticos caso as irmãs ou a mãe não estejam em casa. Nota-se por meio das entrevistas, a existência de uma diferença em termos de divisão do trabalho tendo em conta o género na medida em que ao serem questionados se tem irmãos ou não as meninas respondiam que sim, algumas têm até irmão mais velhos mas as tarefas domésticas cabiam a elas e aos irmãos cabia realizar trabalhos de auxílio sem que necessariamente seja uma obrigação como demonstram os extractos de entrevista a seguir:

Eu tenho 3 irmãos, 1 mais velho, e dois pequenos, eu acordo as 6:00h lavo a cara, varro quintal, varro dentro, faço mata-bicho, e vou à escola, quando volto se mano não tiver cozinhado eu preparo jantar, jantamos e dormimos. (Entrevistada 7, 14 anos).

Tenho um mano, ele estuda em Changalane de manhã, então ele vai à escola cedo e eu que fico a fazer todos trabalhos em casa depois também vou à escola, ele ajuda as vezes quando mamã lhe manda. (Entrevistada 9, 14 anos).

Entendemos que estes dados demonstram a ideia da naturalização do trabalho doméstico como sendo destinado as raparigas, de tal forma que as próprias raparigas entendem como sua tarefa realizar essas actividades em suas famílias, e os rapazes o fazem sem que necessariamente seja uma obrigação.

Este aspecto foi analisado por Freitas (2019), que sublinha que na sua maioria, o trabalho infantil doméstico é “destinado” geralmente a meninas, seja por auxílio a família, ou pelo mito em torno do trabalho e a cultura de que mulheres devem arcar com os afazeres do lar. Esta forma de divisão de trabalho de alguma forma é histórica e enraizada em crenças culturais que a legitimam. Para este autoré importante mencionar que já na infância meninas e meninos se diferenciam, seja pelos brinquedos, quando meninas têm fogões, bonecas e panelas e meninos tem carros e brincam no quintal, sem a obrigatoriedade de estarem sempre limpos e arrumados.

Crianças do sexo feminino já vão sendo “treinadas” para futuramente exercerem as actividades do lar como algo natural. Ou seja a sociedade naturaliza o trabalho doméstico como sendo delas. Assim, elas vão entender, com essas acções, que ser menina é se preparar para tomar conta de uma casa e se tornar uma boa esposa, encontrando ai espaço para que elas sejam cada vez mais inseridas no trabalho infantil doméstico em relação aos rapazes.

Entendemos também que naturalização do trabalho doméstico como sendo “destinado” as raparigas, e aceitação desta divisão de trabalho pelas próprias raparigas decorre da forma como a estrutura social se apresenta nestes contextos. Ou seja por meio da teoria da estruturação percebemos que a estrutura social nestes contextos impõe as suas regras e normas preexistentes para as crianças e elas por sua vez as reproduzem, fazendo assim com que haja a naturalização desta forma social de divisão de trabalho.

Questionadas sobre o que elas pensam em relação a forma como o trabalho era dividido nas suas famílias elas responderam na sua maioria que o viam como normal, na medida em que elas

faziam tarefas das mulheres e os irmãos faziam outras tarefas que cabiam aos homens como demonstram os extractos de entrevistas abaixo:

Eu acho que é normal, essas coisas de cozinhar o que (...) o que são coisas de meninas, eu e minha mãe que fazemos, meu irmão faz outras coisas, ir tirar cabritos, ir na machamba, coisas assim. (Entrevistada 7, 14 anos).

Meu irmão também trabalha, mas faz outras coisas como ir vender no mercado, ajudar a cartar água, e eu cozinho lavo, limpo. (Entrevistada 15, 15 anos).

Os dados acima levam-nos a outro aspecto revelado no campo, que refere-se as diferenças do trabalho exercido pelas crianças inseridas no trabalho infantil por contexto.

Os dados demonstram que tanto na zona rural como na zona urbana há diferenças na distribuição das tarefas para as crianças realizam. Para as meninas que residem no campo, cabem tarefas como lavar a louça, varrer o quintal, limpar a casa, lavar a roupa, preparar algumas refeições com maior incidência para o mata-bicho e o jantar, cuidar dos irmãos mais novos, enquanto para os rapazes cabem tarefas como levar os animais a pastagem, ir a machamba, realizar tarefas que geram retorno financeiro, trabalhar para terceiro.

Já na cidade o que os dados demonstram é que também cabe as meninas ir aos mercados para compra de produtos a serem confeccionados para as refeições. Por sua vez para os rapazes residentes na cidade de Maputo, eles realizam tarefas como ir ao mercado vender produtos como biscoitos feitos pela mãe, amendoim torrado, e ainda realizam algumas tarefas domésticas como lava a louça antes de sair de casa, varrer e limpar a casa.

Acordo as 6:00h, lavo os pratos, varro a casa dentro e fora, arrumar mantas, fazer mata-bicho e depois vou a escola, volto da escola as 17:00h, assisto televisão e se minha mãe não tiver voltado cozinho jantar (Entrevistada 7, 14 anos)

Acordo as 5 horas, varrer quintal, lavar pratos, ir à escola as 6:40, depois volto as 12 almoçar, cozinhar, as vezes vou ao mercado comprar coisas para cozinhar e cozinho (Entrevistada 16, 14 anos).

Os dados acima por um lado confirmam a discussão feita acima sobre a questão de género, mas também demonstra que há necessidade de considerar o contexto em que a criança esta inserida, pois esta divisão vem sendo feita obedecendo as necessidades da família em que a criança esta inserida necessidades essas que decorrem da dinâmica de cada contexto.

Outro aspecto importante na análise do género no trabalho infantil doméstico é trazido por Silva et al. (2019) ao sublinhar que os serviços domésticos estão na vida de todas as meninas. É na idade do brincar que ocorre uma separação dos papéis entre homens e mulheres. Às meninas, miniaturas de fogão, bonecas que fazem xixi, uma casinha de madeira para limpar. Aos meninos, o quintal e as ruas, os joelhos sujos de terra.

Importa sublinhar também que esta naturalização de alguma forma torna invisível, ou difícil de perceber o trabalho infantil doméstico. Porque por um lado ele é tido como natural e por outro lado porque ele decorre no espaço privado da vida familiar que muitas vezes pode estar atrelado a tónica da socialização das crianças.

Analisando os dados podemos também a luz das formulações teóricas de Corsaro (2002), verificamos que faz se necessário trazer ao debate a questão da concepção da infância nestes contextos. O que se depreende é que tanto a inserção da criança no trabalho infantil doméstico como a divisão do trabalho baseada no género encontram bases também na forma como estes lugares concebem a infância. Na medida em que as crianças nestes contextos são vistas como “adultos em formação” e que precisam ser ensinadas ainda na infância os trabalhos domésticos que lhe vão ser úteis na vida adulta. Ou seja nestes, a infância é tida como uma fase passageira mas também preparatória, na qual cabe ao adulto criar condições para ensinar as crianças a serem futuros adultos, e é nessa concepção que se realizam e perpetuam-se as práticas de trabalho infantil doméstico, incluindo a forma como ele será dividido entre as crianças tendo em conta o género.

4.1.3. Construção de Identidades das Crianças nas Comunidades de Michangulene e Kamavota

Para este ponto de análise, o que percebemos com os dados empíricos é que em algum momento conciliar trabalho infantil doméstico e educação desempenha um papel significativo na construção das identidades sociais das crianças. Desde a construção de identidades laborais até a negociação de identidades duais e a formação de identidades de resistência, as experiências das crianças moldam sua percepção de si mesmas e de seu lugar na sociedade. Ao questionarmos o que elas pensavam sobre o trabalho que elas realizam, algumas crianças relatavam que o trabalho delas desempenha esse papel significativo nas suas vidas, tanto sob ponto de vista de formação de sua identidade assim como sob pontos de vista de ganho monetário como demonstram os extractos abaixo:

O trabalho que faço é importante, me da sustento também em casa, e mais sabedoria, aprendo outras coisas também. É necessário ajudar nas despesas de casa (Entrevistado 2, 10 anos).

Bem (...)esse dinheiro que ganho me faz sentir mais independente e confiante. Ao aprender o valor do meu trabalho e como ele pode ajudar na minha vida da minha família, me sinto responsável e determinado a continuar (Entrevistado 8, 15 anos).

A identidade é um conceito multifacetado que engloba a percepção que um indivíduo tem de si mesmo, incluindo sua auto imagem, valores, crenças e pertencimento a grupos sociais específicos. A construção da identidade ocorre ao longo da vida e é influenciada por uma variedade de factores, incluindo experiências sociais, culturais e individuais (Silvares, Farias & Ferreira, 2003). Entendemos assim, que o trabalho infantil doméstico tem implicações significativas na construção de identidade das crianças, podendo influenciar seu desenvolvimento de maneiras complexas e multifacetadas.

Notamos igualmente que a construção das identidades sociais das crianças que conciliam trabalho infantil doméstico e educação é influenciada pelo contexto social e cultural em que vivem. Pois normas culturais, valores familiares e oportunidades educacionais podem moldar as percepções e experiências das crianças.

Ao questionarmos se as crianças compartilham ou conversam sobre o trabalho que realizam com seus amigos, foram unânimes em responder que sim conversavam com seus amigos sobre o seu trabalho e que esse trabalho era valorizado e até incentivados pelos seus amigos,

Eu comento, ya, do meu lado eu comento eu comento.Hum., ... Dizem que É a cena. É a cena (risos) ... (Grupo focal-Michangulene).

Até que na minha parte me dão moral ... (Risos). (Grupo focal).

Mas, para meu lado dizem que é bom, me dão moral estão a ver, estão a perceber que epah não esta fácil e alguns pedem dicas. O que que eu também posso fazer? Como é que se faz? Esse tipo de coisas. (Grupo focal-Michangulene).

Entende-se pelos depoimentos que há uma valorização do trabalho infantil doméstico pelas crianças tanto as que o praticam assim como os seus grupos de pertença. Algumas crianças encaram o trabalho infantil como uma resposta activa às circunstâncias socioeconómicas adversas. Ou seja, como uma oportunidade para desafiar as expectativas sociais e buscar mudanças e mobilidade social. Assim, desenvolvem uma identidade de resistência, na qual elas se posicionam contra as estruturas de poder existentes. Isso implica que, para algumas crianças, o trabalho não é apenas uma necessidade imposta pelas circunstâncias, mas também uma escolha consciente para enfrentar e superar as adversidades sociais. Por outro lado entendemos que a forma como os outros (as crianças dos grupos de pertença do nosso grupo alvo) percebem e encaram o trabalho realizados pelos seus amigos, pode influenciar na construção das identidades das crianças trabalhadoras. Crianças envolvidas em trabalho infantil podem enfrentar estigmatização e exclusão social, tanto de colegas quanto de adultos. Isso pode levar a uma identidade marcada por exclusão e desigualdade, afectando sua auto-estima e sensação de pertencimento, daí que quando os seus grupos de pertença valorizam e até incentivam como mostram os extractos acima, cria-se espaço para construção de uma identidade positiva e de resistência.

4.2. Das Estratégias Usadas pelas Crianças ao Desempenho Escolar das Crianças

Nesta sessão procuramos demonstrar aquelas que são as estratégias que as crianças enquanto actores sociais no exercício das suas duplas actividades traçam como estratégias. Vale ressaltar aqui que foram identificadas estratégias diversas algumas que são implementadas pelas crianças apenas mas outras que requerem a participação de terceiros, especificamente das suas famílias. Neste exercício conseguimos identificar as seguintes:

4.2.1. Gestão do Tempo Enquanto Estratégia

Questionadas sobre como elas faziam para conseguir conciliar trabalho infantil doméstico e escola, mencionaram na sua maioria como estratégia a gestão do tempo, conforme demonstram os extractos abaixo:

(...) Eu marco as horas, tipo eu tenho um telefone ponho alarme das 6 para eu conseguir fazer todas tarefas, e consigo assim (Entrevistado 02, 10 anos).

Sempre acordo mais cedo, as 5 quando minha mãe vai trabalhar e começo a trabalhar, aquilo que não acabo deixo e faço quando voltar da escola. (Entrevistada 06, 10 anos).

O que notamos é que em termos práticos a gestão do tempo consiste essencialmente na divisão e organização funcional do seu tempo e conseqüentemente das suas tarefas. Por meio deste, as crianças conseguem realizar as tarefas que cabem a si em casa ou nos espaços onde elas realizam o seu trabalho e ainda garantir que haja tempo para realizar as tarefas da escola, ou até mesmo ir a escola no tempo determinado.

A gestão do tempo para além de garantir a execução das tarefas das crianças ela também é indicada como um aliado ao desenvolvimento da autonomia e a capacidade de liderança das crianças. E no nosso entender estes dois também contribuem para que as crianças que adoptam – na como estratégia tenham mais êxitos na sua dupla jornada.

Por sua vez, Barbosa (2012) indica que é na faixa dos 7 a 12 anos que a criança começa a ter a consciência sobre o tempo em sua vida, ela começa a ter as primeiras lições sobre as horas e

minutos na escola e datas importantes na sua vida. É muito comum nessa fase a criança já ter uma agenda escolar com suas actividades futuras, em geral agendas diárias com a programação dos próximos dias ou calendário de provas.

Por outro lado, os dados demonstram que as crianças que adoptam essa estratégia, conseguem realizar as suas tarefas de forma mais eficiente e conseguem também tempo para se dedicar a escola conforme demonstram as entrevistas abaixo.

...Sim, organizar tempo me ajuda porque as vezes posso ter muitas tarefas em casa, ou TPCs de muitas disciplinas, então eu organizo o tempo, e vejo o que vou fazer agora primeiro, depois faço. (Entrevistado 13, 16 anos).

Fazendo uma análise dos extractos nota-se igualmente que a gestão do tempo não comporta apenas a definição dos horários mas também a definição clara das tarefas a realizar, ou seja a planificação de cada tarefa a ser realizada em cada horário.

As 7 horas lavo os pratos, varro dentro e limpo, as 12 vou para escola as 17 volto, assisto, como e vou para mercado se me mandar... (Entrevistado 11, 12 anos).

Acordo as 5:00horas tomo banho e vou para a escola até as 13, depois almoço, depois vou cartar àgua, varrer dentro, fazer TPC, cozinhar...até aquela hora das 18 assim. (Entrevistado 04, 16 anos).

O que se depreende é que para as crianças envolvidas no trabalho infantil doméstico, a gestão do tempo é uma estratégia importante para hierarquizar as tarefas que cabem a ela realizar e assim otimizar o tempo e obter sucesso em ambas tarefas. É verdade que este pode se colocar como um desafio para ser aplicado, mas quando bem aplicado traz resultados benéficos para as crianças. Neste aspecto Santos (2023) sublinha que aprender a gerir o tempo é muito importante, não apenas para que as crianças consigam dar resposta adequada a todas as solicitações, mas também para que o tempo possa ser aproveitado com qualidade e para que haja um bom ajustamento psicossocial.

Olhando para a teoria da estruturação de Giddens (2003), entendemos que a gestão do tempo enquanto estratégia adotada pelas crianças acontece através da sua capacidade de agencia ou seja, as crianças envolvidas neste contexto de trabalho infantil domestico enquanto sujeitos dotados de capacidade reflexiva interagem com a estrutura e a alteram através da adopção da gestão de tempo como estratégia para lidar com a sua realidade, conseguindo desta forma responder tanto as imposições do trabalho domestico assim como a obrigação da frequência a escola.

Por outro lado, Silva (2016) citado por Ferreira (2019), chama atenção ao facto de a gestão de tempo promover a autonomia das crianças, na medida em que cria espaço para que estas crianças experienciem a partilha de poder entre o/aeducador/a e as crianças”, “organização social participada”, na qual existe uma negociação entre todos os elementos das regras e actividades a desenvolver, o que leva a “uma auto-regulação do comportamento” por parte das crianças.

Esta é uma estratégia que os dados revelam ser aplicada pelas crianças em todos contextos, ela permite com que a criança conhecendo as suas tarefas diárias estabeleça horários, duração e ate de certa forma prioridades das actividades a realizar. Tanto as crianças em Michangulene assim como no districto Kamavota mencionaram recorrer a esta estratégia para responder as duas actividades. A gestão de tempo enquadra-se na categoria de estratégias proactiva onde cada criança envolvida nesta realidade baseada no domínio da sua rotina de trabalho a realizar ela programa-se ou seja planeia a execução das tarefas obedecendo horários, durações, prioridades bem desenhadas. Tanto as crianças de Michanguelene assim como de Kamavota mencionaram recorrer a esta estratégia, o que sugere que não há diferenças contextuais e nem também diferenças ligadas ao tipo de trabalho realizado. Entretanto é verdade que as crianças que realizam trabalho infantil doméstico para terceiros tendem a mencionar que recorrem a esta estratégia com um certo nível maior de rigor em relação as outras crianças que têm a possibilidade de recorrer a replanificações com maior flexibilidade.

No nosso entender, esta estratégia é fortemente ligada a outra que foi mencionada pelas crianças que refere-se a priorização dos estudos no universo de todas tarefas que a criança tem por realizar.

4.2.2. Priorização dos Estudos

Algumas crianças reconhecem a importância da educação para melhorar suas perspectivas de vida e, portanto, priorizam seus estudos mesmo diante das demandas do trabalho infantil doméstico. Essa perspectiva de longo prazo pode motivá-las a dedicar tempo e esforço significativos aos estudos, mesmo com obrigações de trabalho.

As crianças frequentemente adotam estratégias de priorização dos estudos para responder as demandas impostas tanto pelo trabalho que elas realizam, assim como pela escola. Elas indicaram que sempre procuram priorizar determinadas tarefas, dedicando períodos específicos para o estudo após o trabalho, ou otimizando seu tempo durante os intervalos escolares para realizar tarefas escolares. Ou seja, desenvolvem habilidades avançadas de autogestão para equilibrar suas obrigações laborais com os estudos. Essas estratégias incluem a organização eficiente do tempo, o estabelecimento de metas educacionais e a definição de prioridades para otimizar o tempo disponível para o estudo, assim como podemos verificar no depoimento abaixo:

“Para trabalho da escola sempre tenho que arranjar tempo, então eu sempre dou prioridade o trabalho da escola, falo que agora estou ocupado, e marco outra data para fazer o trabalho. A escola em primeiro, pior matemática basta você falhar uma aula já não vais entender” (Entrevistado 06, 16 anos).

“Se der tempo, posso fazer assim, trabalho da escola rapidamente para ganhar. Senão, se eu ver que não vai dar, Trabalho da escola está cheio eu vou para escola e ter tempo e aquilo do tio Totó deixo para amanhã.” (Entrevistado 10, 16 anos).

Como aquilo, a lenha guardo em casa, enquanto estou a espera de clientes, posso estar a aquilo ali mmmh, posso estar a estudar (...) para o trabalho da escola sempre tem que haver tempo. (Entrevistado 8, 16 anos).

A priorização dos estudos como estratégia foi também indicada pelos professores entrevistados, que demonstram que enquanto as crianças estiverem inseridas nessa dupla

jornada, tem tido maior sucesso escolar aquelas que procuram priorizar as actividades escolares conforme podemos ver no extracto a seguir:

Em relação a estas crianças, em algum momento têm sido crianças que os pais param de prestar atenção nelas. Então, porque têm uma paixão pela escola, elas continuam a ir a escola. Porque em algum momento ouvem também o que os professores dizem, o que os pais dizem, que a escola é a melhor coisa, elas tem de priorizar aquilo que a escola pede, e só assim conseguem ter êxito. (Professor 1, Michangulene).

Notamos igualmente que ainda que a priorização seja estratégia e iniciativa das crianças, muitas vezes é suportada pelos professores na medida em que procuram criar um ambiente escolar motivador e convidativo para estas crianças por meio de uso de metodologias que valorizam a sua presença na escola.

...Nem tanto que diferenciar, mas é dar um bocado mais de atenção em relação ao carinho para que elas não possam desistir. Porque metendo um braço de ferro para essas crianças que vão trabalhar e vêm à escola. Estaríamos a lhes expulsar da escola. (Professor 1, Michangulene).

O professor destaca a importância de oferecer atenção às crianças que trabalham e frequentam a escola, em vez de adoptar uma abordagem rigorosa que poderia levá-las a desistir. Ou seja, no entender do professor deve-se fornecer apoio emocional e incentivo para que continuem a frequentar a escola.

A menção ao “braço de ferro” sugere uma abordagem inflexível que poderia alienar essas crianças e afastá-las ainda mais da escola. Em vez disso, o professor enfatiza a necessidade de compreensão e compaixão para garantir que essas crianças se sintam valorizadas e apoiadas em sua jornada educacional. Ao reconhecer a luta enfrentada por essas crianças, o professor destaca a importância de criar um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, onde elas se sintam incentivadas a continuar sua educação, mesmo diante dos desafios que enfrentam.

A Priorização dos estudos enquanto estratégia enquadra-se na categoria das estratégias proactivas, de tal forma que o que se depreende é que as crianças inseridas nesta realidade buscam primeiro compreender os seus papéis, as tarefas que cabem a elas executar e daí elas de forma intencional identificam a actividade de maior valor para elas e esta sobrepõe-se em termos de prioridade a outra. Neste caso concreto a priorização vai para as tarefas escolares. Esta priorização requer um planeamento das acções com vista ao alcance de um objectivo, e é neste onde as crianças realizam o exercício de planear, organizar e por fim executar com primazia a tarefa escolar em detrimento das actividades domésticas. No geral esta estratégia foi mencionada pelas crianças nos dois contextos sem diferenças o que leva nos a perceber que tanto no rural (Michangulene) assim como no urbano (Kamavota) as crianças recorrem a esta estratégia e aplicam-na de forma a conseguirem conciliar o seu trabalho e escola sem diferenças notáveis sob ponto de vista do tipo de trabalho que cada criança realiza.

4.2.3. Negociação de Papéis

Por outro lado, as crianças também recorrem a negociação de papéis como estratégia. Nesta, o que se percebe é que no exercício de sua dupla função muitas vezes as crianças precisam de recorrer a negociação para poder concluir ou executar as tarefas impostas. Por vezes elas negociam com os adultos para realizar as tarefas mais tarde, ou em outro momento, por outras vezes a negociação acontece junto a seus patronatos para o caso daquelas crianças que realizam trabalho infantil doméstico remunerado ou para terceiros.

(...) Não são todos os dias que eu vou fazer esse trabalho, outros dias eu faço o trabalho de casa, outros dias peço para fazer noutra dia. (Entrevistada 18, 14 anos).

Esse trecho traz uma perspectiva adicional, mostrando que as crianças entrevistadas não realizam o trabalho doméstico todos os dias. Em alguns dias, elas optam por realizar o trabalho de casa (tarefas escolares) em vez do trabalho doméstico. Além disso, em outros dias, elas pedem para fazer o trabalho doméstico em outro momento. Isso indica uma flexibilidade na gestão de suas responsabilidades, permitindo-lhes encontrar tempo para se dedicar aos estudos quando necessário.

As crianças trabalhadoras frequentemente negociam papéis sociais complexos em suas vidas, conciliando as expectativas da família, empregadores e professores. Essa habilidade de navegar em múltiplos contextos sociais e ajustar comportamentos de acordo com as demandas é fulcral para o sucesso tanto no trabalho quanto na escola.

Tem dias que eu consigo fazer esse trabalho, mas outros dias eu preciso dedicar meu tempo às tarefas da escola. Às vezes, peço para adiar o trabalho para outro dia, quando não estou ocupada. (Entrevistada 01, 12 anos).

(...) Isso aí eu tenho que dizer tia, digo vou fazer problema tenho esse TPC, ela me deixa quando acabo faço o que ela me mandou. (Entrevistada 14, 14 anos).

Estes depoimentos reflectem uma situação semelhante ao anterior. Aqui, as entrevistadas explicam que há dias em que conseguem realizar o trabalho doméstico, mas em outros dias precisam dedicar seu tempo às tarefas escolares. Elas também demonstram que, às vezes, solicitam adiar o trabalho para outro dia, especialmente quando estiverem menos ocupadas. No nosso entender, isso destaca a importância que elas dão às suas obrigações educacionais e como elas negociam os papéis com o objectivo de equilibrar as demandas da escola e do trabalho doméstico.

São muitos os casos em que as crianças negociam com seus empregadores e membros da família para garantir que possam cumprir suas obrigações escolares, mesmo enquanto trabalham. Verifica-se por meio dos dados que a negociação e a comunicação constituem parte importante do processo de realização de trabalho infantil doméstico e aproveitamento escolar na medida em que ambos se fazem necessários para que as crianças consigam cumprir com ambas responsabilidades.

As crianças aprendem a priorizar tarefas e a gerenciar seu tempo de forma eficaz, identificando e dedicando-se às actividades mais importantes ou urgentes em um determinado momento. Essa habilidade de priorização tem sido crucial para ajuda-las a equilibrar suas responsabilidades de trabalho e estudo, permitindo-lhes manter um bom desempenho escolar mesmo sob pressão de desenvolver essa dupla jornada.

No nosso entender a capacidade de negociação é tomada sob a perspectiva da teoria da reprodução interpretativa de Corsaro (2002), como a expressão da acção das crianças enquanto sujeitos actuantes, ela retira a visão de que a criança é um mero espectador do mundo dos adultos, e a confere a categoria de sujeito pleno, actuante e capaz de participar da construção de saberes na sua realidade. Entendemos que ao negociar as tarefas, a forma como elas serão executadas os horários com os adultos ela torna-se participante activa deste processo da construção e execução de tarefas nestes contextos.

Por meio desta, para que a criança consiga negociar papéis complexos com os adultos é imprescindível que ela conheça e domine as dinâmicas e as implicações da realização ou não de certas tarefas no seu dia-a-dia, e isto remete-nos a noção de reprodução interpretativa na medida em que esta criança não se limita apenas a interiorizar o mundo dos adultos que lhe é imposto mas de forma criativa reconstrói a realidade e negocia em função dos seus próprios objectivos.

A negociação é bastante aplicada pelas crianças, de tal forma que muitas crianças relataram que parte de suas obrigações domésticas são negociadas com os cuidadores para serem realizadas em outros momentos ou até outros dias, e isto garante que elas consigam responder as demandas da escola, ou até mesmo conseguir algum tempo a mais para dedicar se a tarefas consideradas indispensáveis para o bom funcionamento das suas famílias.

Lavar roupa, cartar água, eu as vezes faço nos sábados, porque não posso conseguir lavar roupar todos dias. (Entrevistada 08, 14 anos).

Esses biscatos de ir na machamba, eu faço nos sábados ou feriados, eu falo com as pessoas que vou capinar no sábado e aceitam, porque no meio de semana vou para escola. (Entrevistado 06, 16 anos)

Por meio desta negociação, as crianças conseguem uma melhor organização, optimização do tempo e conseqüentemente melhor respondem as demandas a elas impostas.

A negociação também é mencionada pelos professores como sendo parte importante para que as crianças trabalhadoras consigam aceder as aulas, realizar as tarefas escolares e obterem um bom aproveitamento escolar.

(...) Então para que elas consigam vir à escola, na algum momento elas negociam com o patronato em que se eles entram de manhã à escola de tarde vão, ao trabalho e o outro período vem à escola ou vice-versa. (Professor 2 Michangulene).

Nesse extracto verificamos que o professor está descrever que em alguns casos os alunos precisam negociar com os empregadores para conciliar o trabalho com os estudos. Ou seja, os alunos podem negociar com os empregadores para terem um horário flexível, permitindo que frequentem a escola em um período e trabalhem em outro. Este aspecto permite que os alunos equilibrem suas responsabilidades educacionais e profissionais. Nesse sentido, depreendemos que os alunos enfrentam desafios significativos para conciliar o trabalho e os estudos, e precisam encontrar soluções criativas para garantir que possam realizar ambas actividades.

Essa negociação reflecte a necessidade dos alunos de equilibrar suas responsabilidades educacionais e profissionais. Eles buscam formas de garantir que possam continuar sua educação enquanto também sustentam a si mesmos ou suas famílias por meio do trabalho.

Ao conciliar trabalho infantil com estudos, muitas vezes as crianças se tornam participantes activos em seu próprio processo de aprendizagem. Elas desenvolvem habilidades de autorregulação, como a capacidade de se autoavaliar monitorar o progresso e desempenho escolar e buscam ainda oportunidades de aprendizagem adicionais. Facto que promove autonomia, motivação intrínseca e a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento educacional.

Assim, entendemos que esses elementos acima arrolados destacam a capacidade adaptativa das crianças como actores sociais plenos que buscam atingir seus objectivos educacionais, mesmo em face das dificuldades impostas pelo trabalho que desenvolvem.

A negociação de papéis foi no geral mencionada pela maioria das crianças que realizam trabalho infantil doméstico nos dois contextos, entretanto percebe-se que as crianças que oferecem seus trabalhos para terceiros, ou seja fora das suas famílias originárias tendem a usá-la com maior incidência para conseguirem conciliar as duas actividades. Entende-se que este facto deve-se aos moldes em que seus trabalhos decorrem onde ainda que não haja um contracto formal de trabalho há regras e acordos verbais assumidos por ambas as partes, daí que surge maior necessidade de recorrerem a esta estratégia para executarem as duas tarefas sem que necessariamente uma influencie na execução da outra. Depreende-se igualmente que esta estratégia enquadra-se na categoria das estratégias reactivas, mas também colectivas na medida em que ela surge no momento em que as crianças diante de situações onde identificam barreiras ou dificuldades para realizar as duas tarefas elas desenham respostas a estas situações concretas, mas por outro lado esta negociação conta com a intervenção de outros grupos específicos como os adultos ou indivíduos que atribuem as tarefas domésticas a serem executadas. Ao analisar o contexto onde as crianças estão inseridas não encontramos diferenças contextuais na média em que em ambos os locais as crianças mencionaram recorrer a esta estratégia com vista a conciliação do trabalho infantil doméstico e frequência a escola.

4.2.4. Laços Sociais e Interajuda

As crianças recorrem aos pais ou membros da comunidade para realizar suas tarefas domésticas ou para obter auxílio com os estudos. Assim, o apoio da família e da comunidade desempenha um papel crucial na conciliação do trabalho infantil com a educação.

Ao serem questionadas sobre como conseguem realizar todas tarefas que cabem a eles, e ainda ir a escola alguns dos entrevistados responderam que recorrem a ajuda de alguns membros da família com destaque a irmãos mais velhos como demonstra o extracto a seguir:

(...) Não faço todas tarefas logo, outras coisas mana vem fazer, quando quintal esta sujo eu varro quintal mas é que vai vir limpar dentro, quando carto água lhe peço para limpar dentro, jantar as vezes ela que cozinha. (Entrevistado 2, 10 anos).

O extracto acima revela por um lado a existência de redes de apoio as quais as crianças podem recorrer, mas também demonstra a importância que estas tem para que as crianças executem as

suas obrigações. Nota-se igualmente que na sua maioria a rede de apoio é constituída por membros da família que muitas vezes são irmãos mais velhos ou até mesmo mais novos, que na sua interacção negociam papéis e cooperam para que ambos consigam realizar as tarefas que lhes são incumbidas.

Para além do apoio que buscam ao nível familiar, existem as contribuições que vem das redes sociais comunitárias que de alguma forma proporcionam suporte emocional, material e educacional. Essas redes incluem, amigos, “colegas de trabalho” professores e membros da comunidade que oferecem orientação, recursos e oportunidades de aprendizagem. O acesso a redes sociais e comunitárias de apoio está positivamente associado ao aproveitamento escolar das crianças trabalhadoras, proporcionando-lhes um senso de pertença e segurança que facilita o processo de aprendizagem.

Um exemplo prático do apoio das redes sociais comunitárias pode ser visto no extracto abaixo, onde a entrevistada que no leque das suas tarefas domesticas inclui-se o cuidar de outras crianças mencionou que muitas vezes deixa a criança mais nova com vizinhos para que ela consiga realizar algumas tarefas principalmente as que tem de ser executadas fora de casa.

(...) Aquele pequeno? Entrevistadora; Sim? Entrevistada 1: mmmh as vezes deixo com tia (vizinha) para lhe ver depois eu vou e volto lhe levar, ou quando essa minha irmã outra volta fica com bebé ate eu chegar ou papa voltar. (Entrevistada 1, 10 anos).

O que se depreende é que de facto o apoio de outros membros da comunidade é importante, e de alguma forma possibilita que as crianças consigam realizar algumas tarefas que de outra forma seriam difíceis de realizar. Entretanto depreende-se também que para que esta criança tenha acesso as redes sociais disponíveis ela precisa fazer uso da negociação, e esta por sua vez poderá ampliar o horizonte de suas possibilidades e permite esta cooperação.

Há também o apoio dos professores enquanto parte destes laços sociais no processo da aprendizagem das crianças, neste aspecto o que se percebe é que de certa forma os professores reconhecem a existência de crianças com esta dupla jornada, e reconhecem ainda que fazem parte do grupo que pode oferecer apoio para que estas crianças tenha sucesso escolar, assim sendo, os professores relatam que procuram criar um ambiente que seja convidativo e

acolhedor para que esta criança permaneça na escola, e para além disso eles usam metodologias inclusivas para que estas crianças também possam ter sucesso tal como podemos ver no extracto da entrevista abaixo.

Nós como professores fazemos trabalhos com estas crianças, procuramos lhes envolver em actividades que sejam interessantes para eles, e também dar atenção a dobrar para que não desistam da escola. (Professor 5, C. Maputo)

Corsaro (2002), que destaca a importância da negociação e cooperação entre as crianças em suas interacções sociais. Ao enfrentarem conflitos entre o trabalho e a escola, as crianças podem negociar estratégias com seus pares para encontrar soluções que atendam às suas necessidades individuais e colectivas. Por exemplo, crianças que trabalham podem formar grupos de estudo ou compartilhar recursos educacionais para melhorar seu desempenho escolar, demonstrando assim uma compreensão colectiva das expectativas sociais em relação à educação, aspecto que é confirmado no extracto de entrevista abaixo.

Eu por exemplo, como tenho telefone estudo no grupo da turma, lá os outros mandam TPCs, podes perguntar coisas e eles te ajudam, e me ajuda muito porque mesmo agora aqui posso estar a falar no grupo da sala no meu celular. (Entrevistado 02, 10 anos).

(...) Alguns trabalhos faço assim mmh no whatsapp... ali no grupo professor deixa TPC neh, resolvemos alguém poe ali no grupo, ou se não sabes perguntas ali no grupo e nos ajudamos a resolver". (Entrevistada, 15, 15 anos)

O que se depreende é que estas crianças conseguem de alguma forma fazerem uso dos recursos a eles disponíveis para responder as demandas a elas impostas. E por meio desta cooperação elas conseguem ter êxito nas suas jornadas.

É verdade que neste aspecto podemos verificar algumas diferenças contextuais, na medida em que na zona rural (Michangulene) as crianças tendem a contar muito mais com apoio da comunidade para responder as suas necessidades e desta forma conseguem responderem melhor a demanda. Referimo-nos especificamente a casos em que as crianças tem de cuidar de

seus irmãos mais novos, em alguns momentos estes os deixam sob supervisão de um adulto da comunidade e realizam outras tarefas.

Nessa senda, através do trabalho de campo realizado foi possível apurar que a situação não é diferente em Michangulene, Distrito de Namaacha e Distrito Municipal Kamavota, Cidade de Maputo, as nossas áreas de estudo.

De um modo geral as crianças das duas áreas recorrem principalmente as quatro estratégias acima arroladas (gestão do tempo, priorização dos estudos, negociação, recurso a relações sociais). Entretanto, notamos algumas diferenças nas práticas das referidas estratégias, sendo:

- No concernente ao uso das relações sociais as crianças de Michangulene socorrem-se dos padrões tradicionais de divisão do trabalho, onde as responsabilidades domésticas são atribuídas com base em normas culturais e de género. As crianças aprendem a gerenciar suas tarefas domésticas enquanto participam das actividades agrícolas familiares, assim como em uma espécie de escala de trabalho, com os demais membros da família, em caso de necessidade;
- Por sua vez, as crianças do Distrito Municipal Kamavota privilegiam o uso de recursos tecnológicos, como telefones celulares, internet e aplicativos de mensagens, para realizar as tarefas da escola, otimizar o tempo e coordenar suas tarefas domésticas com outras actividades.

Nessa ordem de ideias, podemos depreender que as estratégias usadas são comuns em ambos contextos, porém, com algumas diferenças de certas práticas que são específicas de cada ambiente, reflectindo as diferenças nas normas culturais, estruturas familiares e condições socioeconómicas.

Vale ressaltar que depreende-se que esta estratégia enquadra-se na categoria das estratégias colectivas, que no geral são aquelas que permitem com que os indivíduos possam planear e executar tarefas com envolvimento de grupos, ou comunidade. Elas envolvem cooperação e coordenação de esforços. Ao analisarmos esta estratégia consta-se que esta não é executada exclusivamente pelas crianças, ou seja elas contam com a participação de outros intervenientes como a família, os amigos, colegas para a execução e desta forma impactando

na influência desta estratégia no seu desempenho escola. Neste, os entrevistados mencionaram que recorrem a redes de apoio disponíveis a eles para conseguirem executar tarefas que de outra forma seria difícil de conciliar onde mencionaram que recorrem a uso de tecnologia ou redes sociais, contam com apoio de seus irmãos para realizar tarefas domésticas e desta forma conseguem responder as duas necessidades. Percebemos igualmente que maioritariamente esta estratégia é aplicada por crianças que realizam trabalho infantil doméstico para suas próprias famílias, ou seja para as famílias originárias, entretanto quando se tratava do recurso a redes sociais a meios tecnológicos não se verificam diferenças sob o tipo de trabalho realizado mas sim sob o contexto em que estão inseridas, onde, as crianças da cidade de Maputo tendiam a usar mais estes meios tecnológicos e redes sociais em relação as crianças de Michangulene que recorriam mais as redes de apoio disponíveis como família, amigos, professores.

Ao fazer uma análise cruzada das estratégias identificadas, notamos que as várias estratégias que as crianças adoptam para conciliar trabalho infantil doméstico e escola muitas vezes funcionam de forma interligada, na medida em que ao aplicar uma estratégia no mesmo momento outra estratégia também acaba sendo aplicada. Caso concreto nota-se no uso da priorização dos estudos onde a criança ao aplicar essa estratégia precisa recorrer também a estratégia da negociação. E entendemos que esta interligação entre as estratégias é benéfica e permite que estas funcionem e produzam maiores efeitos principalmente no aproveitamento escolar das crianças.

4.3. Influência das Estratégias Usadas Pelas Crianças Trabalhadoras no Desempenho Escolar

Os dados obtidos demonstram que tanto as crianças de Michangulene, assim como as do distrito municipal Kamavota, encaram os trabalhos que desempenham de formas semelhantes. Estas não encaram a sua actividade como prejudicial para a sua vida e nem para o seu desempenho escolar, mas sim como actividades que se complementam e contribuem uma para o sucesso da outra.

O trabalho não atrapalha a escola, mas sim ajuda, porque o dinheiro que eu consigo é para ir na escola e comprar coisas da escola, quando resta alguma coisa compro minhas coisas ou ajudo em casa. (Entrevistada 4, 14 anos).

O dinheiro que ganho com o meu trabalho serve para comprar e pagar coisas da escola e para ajudar em casa. (Entrevistada 08, 14 anos).

Verificamos uma compreensão madura sobre o papel do dinheiro que ganha. Ela entende que parte desse dinheiro é destinada a despesas escolares e para ajudar em casa, o que sugere uma responsabilidade financeira desenvolvida para sua idade. De igual forma este encara o trabalho como algo que ajuda a adquirir este dinheiro para melhorar a sua vida familiar e escolar.

Por outro lado, entendemos que esta forma de encerrar o trabalho infantil doméstico que elas realizam como não prejudicial mas sim benéfico tem muito que ver com a forma como as suas famílias o concebem e elas por sua vez reproduzem a mesma visão. Isto é naturalmente passado a eles nas suas famílias por meio da socialização. Este pensamento é defendido também por Silva (2010), Stadnick (2010) e Gomes e da silva (2011), que argumentam que a família é o primeiro grupo socializador onde a criança aprende a visão sobre aos diferentes fenómenos da realidade social, pode-se constatar que os pais exercem alguma influência na forma como as crianças irão perceber e significar as actividades por elas exercidas.

Notamos igualmente que as crianças tomavam o trabalho infantil doméstico como não prejudicial sob duas perspectivas sendo a económica e de aprendizagem de papéis ou contributo no funcionamento da família. Sob ponto de vista económico o que se depreendeu é

que as crianças tendiam a associavam os benefícios desta actividade principalmente aos ganhos económicos que este trazia que lhes permitiria ajudar na economia da família, suprir algumas necessidades pessoais, apoiar na escola. Esta forma de ver o trabalho infantil Marchi (2013) explica que esta ligada a visão de reciprocidade onde os pais ou cuidadores fazem algo pela criança e ela sente que deve retribuir ajudando a estes. Porém a autora acrescenta ainda que este facto exprime uma divisão familiar do trabalho que valoriza a participação das crianças na vida familiar.

Ademais, sob o ponto de vista de aprendizagem de papéis elas o tomavam como parte natural da sua educação e que de certa forma era necessário para que pudessem aprender os seus papéis sociais. No campo de pesquisa o trabalho infantil é culturalmente aceito e até mesmo esperado como parte do processo de socialização, aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Ou seja, as normas socioculturais de alguma forma influenciam na perpetuação do trabalho infantil, este fornece às crianças oportunidades de desenvolvimento de habilidades que são valorizadas nestas comunidades.

De igual forma, tanto em Michangulene, como no Distrito de Kamavota os dados revelam que crianças que realizam trabalho infantil muitas vezes adquirem habilidades práticas que posteriormente estas transferem para a sala de aula. Por exemplo, as crianças que trabalham na agricultura, plantio, colheita e cuidados com as plantas, o que aplicam em estudos relacionados às ciências naturais, biologia ou agro-pecuária na escola. Assim como crianças que trabalham com vendas no mercado desenvolvem habilidades em matemática e habilidades sociais, crianças que produzem os produtos que vendem relatam aplicar esses conhecimentos em aulas de empreendedorismo ou em interações quotidianas com colegas de classe.

Por exemplo eu como estou a me sacrificar e tirar lenha para vender, os rendimentos podem-me ajudar, por exemplo na aula de empreendedorismo por saber o valor total dos rendimentos já me ajuda porque essa matéria eu já sei.
(Entrevistado 05, 14 anos)

Eu como vou na machamba, e lá vejo sobre plantio de culturas, germinação, e uso isso na disciplina de ciências sociais, e fica mais fácil. (Entrevistado 04, 16 anos)

O trecho acima demonstra que a experiência prática oferece uma oportunidade real de aprendizado, onde ele pode vivenciar e compreender os conceitos relacionados à agricultura de forma tangível. Assim, ao conectar sua experiência na machamba com a disciplina de ciências sociais, o entrevistado reconhece a relevância desses conhecimentos no contexto mais amplo da sociedade. Ele percebe como os conceitos aprendidos na prática podem ser aplicados e enriquecer seu entendimento das ciências sociais, que geralmente abordam temas como economia, agricultura, e impacto das actividades humanas no meio ambiente.

A experiência na machamba torna mais fácil o aprendizado na disciplina de biologia, isso pode ser devido à capacidade de relacionar os conceitos abstractos ensinados em sala de aula com situações concretas e experiências pessoais, o que facilita a compreensão e a aplicação dos conhecimentos.

Importa salientar que no concernente ao desempenho escolar, apuramos uma vez mais que os dados dos dois campos de estudo convergem (Michangulene e Kamavota), demonstrando que as crianças envolvidas no trabalho infantil apresentam um bom aproveitamento em todos os aspectos. A partir das entrevistas com os professores pudemos tirar ilações que quer no concernente as notas, quer na participação activa das aulas, estas crianças não apresentam deficiências e nem diferenças com as outras. Ou seja, as estratégias usadas pelas crianças trabalhadoras mostram-se eficazes para garantir a conciliação entre o trabalho e a escola, garantindo assim um desempenho escolar positivo para as crianças trabalhadoras tanto da zona urbana assim como da zona rural.

É verdade, e foi mencionado pelos professores que em alguns casos estas crianças precisam empreender maior esforços para terem um bom aproveitamento escolar, e que este esforço junta-se o esforço empreendido pelos professores, na medida em que estes fazem uso de metodologias que motivem as crianças a permanecerem nas escolas e que possam potenciar o seu aproveitamento escolar.

(...) O professor procura dar um pouco mais de atenção e carinho, para que elas não possa desistir, porque metendo um braço de ferro para essas crianças que vão trabalhar e vão a escola estaríamos a lhes expulsar da escola. (Professor 4, Michangulene).

Os professores entrevistados chamam atenção para que não se possa considerar este uso de metodologias para apoiar a criança que trabalha como se fosse um esforço extra, o que eles demonstram é que na verdade é parte das atribuições do professor fazer uso de metodologias que possam cativar, interessar e conseguirem captar atenção das crianças e conseqüentemente estas aprenderem e assimilarem da melhor maneira possível a matéria. Ou seja aqui entra a questão da escola como um espaço que vai além de leccionar as matérias mas coloca-se como um espaço onde a criança aprende valores sociais e aprende a valorizar a educação formal no seu todo.

Também esse não é tanto que um esforço a mais por parte do professor, mas é tomar a peito aquilo que é a responsabilidade do professor no verdadeiro sentido, de usar todas as estratégias possíveis para captar e ter aquele aluno dentro da sala de aulas, fazer com que ele perceba que foi a escola e alguém percebeu que foi a escola. (Professor 4, Michangulene)

Os professores mencionam por outro lado que maior parte das crianças trabalhadoras que permanecem nas escolas e tem um bom aproveitamento escolar, elas por si próprias tem uma paixão pela escola daí que movidos por esta paixão elas criam estratégias usam-nas de forma a garantir um bom aproveitamento escolar.

(...) Em relação a estas crianças, em algum momento, tem sido crianças que os pais param de prestar atenção nelas, então porque tem uma paixão pela escola, elas continuam vindo para a escola, porque na algum momento ouvem aquilo que os professores dizem, que dizem que a escola é sempre a melhor coisa. (Professor 1, Michangulene).

Entendemos deste modo que as crianças que experimentam o valor do trabalho desenvolvem uma apreciação mais profunda pela educação e uma compreensão melhor de como a educação

formal pode ajudá-las a alcançar seus objectivos de vida. Elas podem aplicar essa perspectiva em seus estudos, buscando alcançar sucesso escolar para melhorar suas oportunidades futuras.

(...) Consigo, porque agora tiro 14, 16, 17, e mesmo matemática tiro 12, 13. Porque agora consigo entender, e usamos grupos para estudar também
(Entrevistada 12, 14 anos).

...Agora faço TPC, e estudo em casa, tiro malta 16 valores, e mínima 10
(Entrevistada 13, 15 anos).

Não obstante, depreendemos que apesar do bom desempenho escolar que estas crianças apresentam, algumas têm tendências de atrasar e faltar em algumas aulas e ainda apresentarem um aproveitamento não muito satisfatório, mas este último (aproveitamento escolar não bastante satisfatório) varia muito em função da idade da criança. Ou seja o que se depreende é que quanto mais pequena a criança for mais dificuldades terá para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, mas essa dificuldade não se verifica quando se trata de crianças maiores que de alguma forma já tem estratégias próprias, usam-nas e estas surtem os efeitos desejados. O que faz nos perceber que apesar de existirem fases em que ainda há desafios para conciliar as duas tarefas, os professores julgam que estes têm potencial para apresentar um desempenho escolar maior.

(...) Para aquele que trabalha, enquanto for crescido nalgum momento até pode superar alguns que não trabalham, mas aquele que trabalha enquanto for nalgum momento mais criança tende não render muito na escola. (Professor 3, Michangulene)

Verificamos através do trecho acima, que o equilíbrio entre o trabalho e a educação é crucial para o desenvolvimento de uma pessoa. O professor está destacar que, embora o trabalho possa eventualmente beneficiar alguém quando são adultos, se uma criança trabalha muito cedo, isso pode prejudicar seu desempenho na escola. Isso ressalta a importância de garantir que as crianças tenham acesso à educação adequada e que haja um equilíbrio saudável entre trabalho e estudo.

Sobre o facto de a idade da criança que realiza trabalho infantil doméstico contar bastante para que esta consiga conciliar ou não o trabalho e a escola, encontramos também autores como Mantovani et al. (2015), que concordando com o exposto a cima demonstram que de uma forma geral, para os alunos trabalhadores com idades um pouco maiores, estes tendem a ser mais maduros, responsáveis, que têm maior compromisso com os estudos, e buscam mais cedo independência dos pais e se socializam com mais facilidade e desenvoltura. O que contribui para a sua melhor conciliação de ambas actividades.

Sobre a questão da existência de algumas crianças com tendências de atrasar e faltar em algumas aulas e ainda apresentarem um aproveitamento não muito satisfatório, a literatura chama-nos atenção ao facto de existirem vários outros factores que podem influenciar para este cenário. Ou seja não se pode assumir por completo que cabe apenas ao trabalho infantil doméstico como motivador dos atrasos, evasão escolar ou baixo aproveitamento, mas devemos considerar outros factos como a pobreza, o ambiente escolar, o ambiente familiar, entre outros que também concorrem para que isto aconteça na vida dos alunos.

Neste aspecto Lobo et al. (2015) argumenta que o baixo desempenho escolar é um fenómeno complexo e multifactorial, está ligado a etiologias diversas, e é comumente associado a prejuízos emocionais, baixa auto-estima e desmotivação, além de repercutir negativamente nos vários contextos nos quais o indivíduo está inserido, como família, escola e relações interpessoais.

Por outro lado Oliveira (2013), analisando este factor no contexto Moçambicano ressalta que outros aspectos, no entanto, relacionados com a escolaridade em Moçambique, parecem ter algum impacto no fraco desempenho escolar das crianças. Estes prendem-se, nomeadamente, com os métodos de ensino-aprendizagem em vigor (não centrados na criança, mas sim no professor), o número excessivo de alunos por turma e o elevado número de turmas que cada professor lecciona, o que não lhes permite uma maior dedicação aos alunos que necessitam, bem como com a falta de equipamento e as fracas condições das escolas no País. Este posicionamento corrobora com o trazido por Lobo et al. (2015) que em linhas gerais demonstra que existe uma miríade de factores a considerar ao procuramos compreender os factores que levam ao baixo desempenho escolar, o que naturalmente sugere não ser suficiente

apenas considerar o trabalho infantil doméstico, embora seja verdade que este em alguma medida também contribua.

Outro autor que debate este aspecto é Alves-Mazzotti (2002), que afirma que o trabalho infanto-juvenil e “fracasso escolar” estão relacionados não porque o primeiro é causa do segundo, e sim porque ambos são consequência dos mecanismos que transpassam a pobreza.

É do nosso entendimento, ao fazermos uso das teorias escolhidas para este trabalho que as estratégias definidas e usadas pelas crianças para conseguirem conciliar trabalho infantil doméstico e escola são a expressão por um lado da agência das crianças enquanto actores sociais capazes de executar acções, e por outro lado são também a expressão da sua capacidade reflexiva que lhes permite criar condições de alterar a qualquer momento, os propósitos de suas acções e seus impactos na vida social.

Este exercício feito pelas crianças enquanto actores sociais também demonstram olhando para as formulações de Corsaro (2002), a capacidade que as crianças têm de se posicionar não como “adultos em miniatura” mas sim como seres sociais plenos, ou sujeitos, actantes e com perspectivas próprias sobre o mundo no qual vivem.

É verdade que as crianças estão inseridas em um contexto em que existem normas e regras que se impõem sobre elas, mas ao toma-las como agentes ou sujeitos actantes percebemos que estas muito mais que interiorizar o mundo dos adultos ou a imposição da estrutura, elas também procuram reproduzir e recriar (por meio da definição e aplicação de estratégias) o mundo em que elas vivem, e no nosso entender é nesse exercício de produção e reprodução, ou reflexividade que surge o espaço para que as crianças definam as estratégias, apliquem-nas e as mesmas surtam efeitos no seu aproveitamento pedagógico.

Em relação ao aproveitamento pedagógico durante a realização da pesquisa para confrontar e confirmar tanto o que as crianças dizem sobre o seu aproveitamento assim como o que os professores relataram tomamos a atenção de fazer a verificação das notas por meio de algumas pautas escolar e avaliações das crianças (vide em anexo algumas avaliações).

Neste exercício conseguimos constatar que as crianças têm tido boas notas e muitas vezes avaliadas também com “bom comportamento”, recebem notas de elogio por parte dos

professores o que confirma a tese levantada nesta pesquisa demonstrando que as estratégias que cada criança define e aplica produzem efeitos significativos no aproveitamento escolar de cada uma delas, embora estejam inseridas em um ambiente descrito como desafiador e bastante difícil para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho infantil doméstico e escola e verificar em que medida estas estratégias influenciam no desempenho escolar destas crianças. O mesmo foi realizado em duas realidades distintas sendo a rural (Comunidade de Michangulene) e urbana (Cidade de Maputo distrito municipal Kamavota). Para o efeito foram exploradas duas vertentes nomeadamente: a primeira vertente refere-se as estratégias que estas crianças enquanto agentes inseridos num determinado contexto criam para conciliar o trabalho infantil doméstico e a escola e a segunda vertente centra-se essencialmente em verificar em que medida estas estratégias (criadas e adoptadas pelas crianças) influenciam no aproveitamento escolar destas crianças. Partimos do princípio de que as crianças são seres sociais plenos, capazes de criar, influenciar e interpretar a realidade a sua volta. Por outro lado tomamo-las como actores sociais com capacidade de definirem estratégias, interpreta-las e desta forma produzirem efeitos no seu desempenho escolar.

Acreditamos que as crianças inseridas no trabalho infantil doméstico criam estratégias para lidar com trabalho doméstico e escola e que estas estratégias imprimem uma determinada influencia no desempenho escolar, dependendo do tipo de estratégias e da forma como elas as usam no dia-a-dia. Partimos do princípio de que as estratégias que as crianças inseridas no trabalho infantil doméstico adoptam é que ditam o padrão diferencial no desempenho escolar entre elas. Ou seja, defendemos a tese de que as crianças que exercem trabalho infantil doméstico são impostas pela estrutura duas realidades, por um lado a frequência a escola e obtenção de um bom desempenho escolar e por outro a realização do trabalho infantil doméstico, mas por sua vez elas enquanto agentes lêem a realidade e a transformam.

Essa transformação acontece por meio da criação de estratégias que elas usam para conciliar as duas actividades, e no nosso entender são essas estratégias que irão ditar o padrão diferencial entre as crianças. Ou seja neste processo cada criança cria suas próprias estratégias para estudar e trabalhar e estas estratégias é que irão fazer com que cada criança tenha resultados diferentes uma da outra pela eficácia ou não destas. E para a análise dos dados tivemos como teorias de base a teoria da estruturação de Giddens (2003) com principal

enfoque para o conceito da reflexividade, e a teoria da reprodução interpretativa de William Corsaro (2002).

Neste trabalho, num primeiro momento ocupamo-nos a analisar o perfil sócio demográfico dos entrevistados com enfoque principal para as variáveis sexo, idade, nível de escolaridade e origem das crianças. Aqui o entendimento é de ao analisar o trabalho infantil doméstico faz-se necessário considerar estas variáveis na análise uma vez que delas podem surgir algumas das explicações que melhor irão favorecer a compreensão do tema pesquisado. Analisando a variável sexo, observou-se a maioria das crianças entrevistadas são do sexo feminino em detrimento das do sexo masculino. Analisando as questões de género, e contexto socioeconómico constatou-se que há uma tendência de inserção de meninas nesse tipo de trabalho, o que está ligado a normas culturais que atribuem às mulheres as responsabilidades domésticas desde a infância e esta divisão tendo em conta o género se reflectiu também nas tarefas atribuídas às crianças, tanto no contexto urbano (Kamavota) assim com no rural (Michangulene).

Não obstante, nesta pesquisa os dados revelaram que existe um desfasamento idade-nível de escolaridade entre as crianças entrevistadas, porem os dados revelam que a este desfasamento não podemos tomar como responsável apenas o trabalho infantil doméstico pois factores como pobreza e falta de acesso à educação, também imprimem uma certa influência para a ocorrência deste fenómeno.

Em relação as origens das crianças envolvidas no trabalho infantil, destacamos dois grupos: aqueles que trabalham para suas próprias famílias e aqueles que trabalham para famílias não originarias (de tios) e naturalmente para estes dois grupos distintos há também certas distinções em termos dos trabalhos que as crianças realizam e conseqüentemente este levou-nos a analisar a questão da remuneração destas crianças onde constatou-se que estas crianças na sua maioria não recebem pagamento monetário por seu trabalho, algumas recebem pequenas quantias que contribuem para as despesas da família (as que prestam serviços para terceiros) e as outras os cuidadores garantem o pagamento das matriculas, saúde, alimentação e abrigo.

Embora nesta pesquisa o nosso foco seja o trabalho infantil doméstico, os dados no campo revelaram que as crianças realizam também outras formas de trabalho infantil e na sua maioria tem até de conciliar estas outras formas de trabalho infantil e o trabalho doméstico. Assim sendo identificamos como outros trabalhos realizados pelas crianças a comercialização de produtos diversos fora de casa (nos mercados) ou em pequenos espaços nas próprias casa, a prática da agricultura, pecuária, produção de alguns instrumentos como paus de moer, de pilar, esteiras, fornecimento de água para outras famílias, cuidar de outras crianças. Revelaram os dados igualmente que a divisão dos trabalhos varia em função do contexto em que cada criança esta inserida.

A luz das teorias escolhidas para ler a realidade pesquisada, conseguimos constatar que no seu exercício de conciliar escola e trabalho infantil doméstico as crianças criam estratégias e usam-nas, o que permite nos concluir que enquanto actores sociais e com recurso a sua capacidade reflexiva, estas crianças lêem e compreendem a realidade em que estão inseridas, e daí no exercício da sua agência elas criam estratégias para conseguir conciliar o trabalho infantil doméstico e a escola e desta forma obterem um bom desempenho escolar, e ainda garantirem o cumprimento de suas responsabilidades familiares ou domésticas. No trabalho de campo foram identificadas estratégias como gestão do tempo, priorização dos estudos, negociação de papéis e laços sociais e comunitários.

Com recurso a teoria da reprodução interpretativa de William Corsaro (2002) tomamos as crianças como actores sociais que em seus próprios mundos interpretam e recriam a realidade em que estão inseridas. Neste contexto a teoria permitiu nos perceber que mesmo que o trabalho infantil doméstico muitas vezes seja visto como exploração, violação de direitos entres outros, as crianças entrevistadas não necessariamente se vêm apenas como vítimas mas elas interpretam o seu trabalho como uma forma de contribuir para a família, ganhar reconhecimento ou até exercer uma forma limitada de autonomia. É também um espaço onde a criança se posiciona e por meio da negociação lidera processos que geram autonomia, conhecimento de si próprio.

Percebe-se igualmente que enquanto trabalham e estudam, as crianças criam e compartilham significados entre si, constroem saberes narrativas próprias sobre o trabalho que elas

executam. A teoria da representação interpretativa por outro lado permitiu analisar como as crianças absorvem as hierarquias sociais (como a divisão do trabalho tendo em conta o gênero), mas também como reinterpretem essas estruturas na medida em que elas conseguem definir estratégias e aplica-las para poderem conciliar as duas actividades no seu quotidiano tornando se assim agentes activos não meramente passivos. Já em Giddens (2003) conseguimos com recurso ao conceito de reflexividade compreender que o trabalho infantil doméstico não é apenas uma imposição estrutural, mas um espaço de interação dinâmica entre opressão e agência. Mas também que as crianças não são apenas afectados pela estrutura mas elas também afectam na ao participarem activamente deste processo através da criação de estratégias, estratégias essas que afectam na execução e resultados das duas tarefas, percebemos igualmente que nestes contextos as crianças não são apenas vítimas, nem agentes livres mas sim seres capazes de avaliar, negociar e criar sentidos próprios para suas ações. Na prática esta agência verifica-se na definição e aplicação de estratégias que as permitem estudar e trabalhar.

Percebemos igualmente que as crianças trazem do mundo dos adultos diferentes aspectos como a forma com eles percebem a divisão do trabalho tendo em conta o gênero, a necessidades deles participarem das actividades sejam elas domesticas assim como outras actividades que geram renda para ajudar as suas famílias, a tónica de que o trabalho infantil domestico é socializador e necessário para a sua formação adulta, mas estas crianças por sua vez reinterpretem esta realidade de tal forma que criam estratégias que permitem que elas redefinam o tempo de execução de tarefas, negociam papeis e tempos, priorizam as actividades de maior valor para ela, ou seja enquanto agentes sociais elas interpretam a realidade e em seus mundos próprios recriam e conjugam assim as suas obrigações.

Analisando a influência que estas estratégias têm no desempenho escolar destas crianças, o que se depreende é que estas imprimem em grande medida influências nesse processo. O trabalho que elas realizam traz consigo algumas vertentes que no nosso entender influenciam no bom aproveitamento escolar destas crianças. Os dados demonstraram que as crianças em algumas situações enquanto trabalham também adquirem habilidades práticas no trabalho que podem ser aplicadas na sala de aula, melhorando seu desempenho escolar, organização e disciplina. Neste aspecto consideramos importante também notar que nas estratégias traçadas

pelas crianças, os professores desempenham um papel importante ao usar metodologias que motivam as crianças a permanecerem na escola e a alcançarem um bom desempenho escolar.

Dai que concluímos que as estratégias que as crianças traçam têm uma forte influência no seu desempenho escolar, e ainda, as estratégias que cada criança traça e utiliza no seu dia-a-dia é que ditam o padrão diferencial entre as crianças que trabalham. Ou seja, todas as crianças inseridas nesta realidade produzem estratégias próprias e usam-nas, e estas por sua vez auxiliam as crianças a obterem um bom desempenho escolar.

É verdade que os dados revelam que estas crianças enfrentam alguns desafios para conciliar estas duas actividades, chegando muitas vezes a colocar as crianças em situações onde elas enfrentam duplas ou até triplas jornadas para conseguir conciliar trabalho e escola e ainda obter um bom desempenho escolar, mas o que se verificou é que apesar destes desafios muitas crianças conseguem manter um bom desempenho escolar, o que entendemos que esta relacionado ao uso das estratégias que elas traçaram.

Dito isto, as conclusões feitas nesta dissertação sugerem a validação da tese de que as crianças que exercem trabalho infantil doméstico são impostas pela estrutura das duas realidades, por um lado a frequência a escola e por outro a realização do trabalho infantil doméstico, mas por sua vez elas enquanto agentes lêem a realidade e a transformam. Essa transformação acontece por meio da criação de estratégias que elas usam para conciliar as duas actividades. Concluímos igualmente que estas estratégias são funcionais de tal forma que permitem com que as crianças inseridas em trabalho infantil doméstico na realidade pesquisada tenham um bom desempenho escolar.

Recomendações

Para este trabalho definimos como recomendações as seguintes:

1. Científicas

A sociologia da infância de certa forma no nosso contexto é ainda uma área que carece de estudos especialmente aqueles que dão voz activa as crianças daí que recomendamos que se estenda o debate com vista a trazer mais contributo;

O Trabalho Infantil doméstico é uma área de estudo que permite elaborações científicas também diversas, daí que recomenda-se que por meio das lacunas possíveis de encontra neste estudo se aprofundem os debates sobre estes fenómenos que é bastante presente no quotidiano das crianças Moçambicanas; São possíveis futuros caminhos de pesquisa estudos que utilizem métodos de recolha de dados participativos da criança, a exploração da relação entre estratégias adoptadas e resultados alcançados pelas crianças no seu desempenho escolar.

2. Políticas

Ao nível de políticas o presente trabalho deixa como recomendações:

- Enfoque em acções preventivas ou protetivas;
- Realização de acções com escolas por serem o espaço onde as crianças passam tempo e contam com a presença de professores que são chave no processo de atendimento as crianças;
- Enfoque em accoes de conscientização dos pais/cuidadores destas crianças que são estes que inserem as crianças nos diferentes tipos de trabalho infantil,
- Fortalecimento de redes de apoio a crianças.

3. Para as Escolas

Os dados revelaram que a participação de professores no processo de apoio a crianças que realizam trabalho infantil doméstico é crucial, de tal forma que recomenda-se que os

professores procurem aplicar metodologias que motivem a criança a participar nas actividades escolares. A disponibilização de horários flexíveis para reforço escolar ou apoio escolar a estas crianças mostra-se crucial; Por sua vez, a escola especificamente os professores deve atuar como um ponto de referência e elo de ligação entre a comunidade e os alunos, promovendo acções que envolvam pais, alunos e organizações locais, e também abordando sobre temas relativos ao trabalho infantil doméstico com este grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, M. T., & Soares, J. F. (2007). *Efeito escola e estratificação escolar: O impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos*. Scielo.

Alberto, M. F. P., Nunes, et al. (2005). *O trabalho infantil doméstico em João Pessoa - PB: Um diagnóstico rápido à luz das piores formas de trabalho infantil*. OIT.

Alberto, M. de F. P., et al. (2011). *O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização*. Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2. ed.; D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Afiliada.

Azevedo, V., et al. (2017). *Transcrever entrevistas: Questões conceituais, orientações práticas e desafios*. Revista de Enfermagem Referência, 4, 158-172.

Barbosa, C. (2012). *Gestão de tempo para crianças de 7 a 12 anos*. Editora Gente.

Bardin, L. (2011) *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Basu, K. (1999). Child labor: *Cause, consequence, and cure, with remarks on international labor standards*. Journal of Economic Literature, 37 (3), 1083-1117.

Colonna, E. (2012). *Eu é que fico com a minha irmã: Vida quotidiana das crianças na periferia de Maputo*. Universidade do Minho. Supervisão: Manuel Jacinto Sarmento.

Costa, M. E. B. (2006). Grupo focal. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Editora.

Corsaro, W. A. (2002). *A reprodução interpretativa no faz de conta das crianças*. Revista Childhood, 9 (1), 59-70.

Custódio, A., & Cabral, M. E. L. (2019). *Trabalho infantil na agricultura familiar: Uma violação de direitos humanos perpetuada no meio rural*. Revista Jurídica em Pauta, 6 (1), 45-60.

Chechia, V., & Andrade, A. (2002). *Representação dos pais sobre a escola e o desempenho escolar dos filhos*. In Seminário de pesquisa: Tomo II, livro de artigos (pp. 207-219). Ribeirão Preto, SP.

Da silva, C. C. (2010). *A Exploração de mão-de-obra infantil e do menor de 16 anos e a legislação do Brasil*. Brasil - Paraíba.

Dal'Igna, M. (2007). *Desempenho escolar de meninos e meninas: Há diferenças?* Educação em Revista, 46, 241-267.

Dessen, M. A., & Polonia, A. da C. (2007). *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. Paidéia, 17(36), 21-32.

Dos Santos, L., & Dos Santos, R. (2018). *Trabalho infantil: Consequências na aprendizagem de alunos de uma escola pública de Cáceres-MT*. Relva, Juara, Brasil.

Dos Santos, A. J., & Santos, R. L. (2019). *Trabalho infantil doméstico: Uma análise na questão de gênero no processo de escolarização de meninas trabalhadoras em face do direito à educação no Maranhão*. Universidade Federal do Maranhão.

Francisco, António (2011). “*Ter muitos filhos, principal forma de protecção social numa transição demográfica incipiente. O caso de Moçambique*”, em: Brito, L. et al, Desafios para Moçambique, Maputo, IESE: 231-282.

Ferreira, J. R. S. (2019). *Como é que a organização do tempo e do espaço promove a autonomia e as escolhas das crianças*. Universidade do Porto.

Frederico, M. (2021). *Situação da Educação em Moçambique face aos Objectivos 2 e 3 de Desenvolvimento do Milénio*. Revista de Estudos Antiutilitaristas e Pós-Coloniais, 2(2).

Freitas, M. V. P. de. (2019). *Trabalho infantil doméstico feminino: O perigo dentro e fora de casa*. XII Mostra Internacional de Trabalhos Científicos; XVI Seminário Internacional.

Gaiva, M.A.M. (2009). *Pesquisa envolvendo crianças: aspectos éticos*. Revista Bioética.17 (1): 135 – 146.

Giddens, A. (2003). *A constituição da sociedade* (2ª ed.). Tradução de Álvaro de Souza. Martins Fontes

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). Atlas.

Kassouf, A. L. (2007). *O que conhecemos sobre o trabalho infantil?*Nova Economia, 17 (2), 323-350.Brasil: Belo Horizonte.

Lobo, R., Batista, M., & Delgado, S. C. (2015). *Prática de atividade física como fator potenciador de variáveis psicológicas e rendimento escolar de alunos do ensino primário*. Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y El Deporte, 10 (1), 85-93. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=311132628011>

Lustig, A. L., et al. (2010). *Criança e infância: contexto histórico social*. UNEMAT/Cáceres-MT.

Madeira, M. C. C. (2009). *Trabalho infantil e política pública: uma avaliação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) no município de João Pessoa* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Macamo, E. (2004). *A Leitura Sociológica: um manual introdutório*. Maputo. Imprensa Universitária.

Manhiça, S. S. (2015). *Avaliação do associativismo agrícola no desenvolvimento da economia local no distrito municipal Kamavota (2006-2013)*. Universidade Eduardo Mondlane.

Marchi, R. C. (2013). *Trabalho infantil: Representações sociais de sua instituição em Blumenau, SC*. Universidade Federal do Paraná.

Marconi, M., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. (5ª ed.). Atlas.

Maquenzi, J. (2021). *Pobreza e desigualdades em moçambique: um estudo de caso em seis distritos*. OBSERVADOR RURAL (OMR).N.113.

Mantovani, M. C. C., & Coimbra, R. L. M. (2015). *Trabalho infantil sob diferentes olhares: representações sociais de famílias e profissionais na educação*.

Mutimucui, I. V. (2008). *Módulo: Métodos de investigação – Apontamentos*. Centro de Desenvolvimento Académico, Universidade Eduardo Mondlane.

Nyusi, J. C. C. (2021). *Impacto de estratégias de integração para o bom desempenho de funcionários recém-admitidos na Direção da Educação e Cultura do Distrito Municipal de KaMavota (2012-2017)*. Universidade Eduardo Mondlane.

Nogueira, M. A. (1993). *Educação, saber, produção em Marx e Engels (2ªed.)*. São Paulo: Cortez

Oliveira, F. B., & Vila, A. S. (2013). *As causas da exploração do trabalho infantil: Discussão frente à legislação brasileira e internacional*. Amazonas: Brasil.

Oliveira, D. C. (2013). *Trabalho infantil e estratégias familiares: Crianças nos mercados informais de Maputo*. Universidade Eduardo Mondlane.

Oliveira, D. R. de, & Lamari Maia, L. B. (2021). *Trabalho infantil: consequências para o processo de escolarização*. Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT, 8(2). Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT. Brasil.

Organização Internacional do Trabalho (2012). *Estudos sobre a aplicação das convenções n.º 138 e 182 da OIT, suas recomendações na legislação nacional dos países da CPLP- Programa internacional para a eliminação do trabalho infantil (IPEC)*, Moçambique.

Pastore, M. D. N. (2020). *Brincar-brinquedo, criar-fazendo: Entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique*. Universidade Federal de São Carlos.

Porter, M. E. (1991). *Estratégia competitiva: Técnicas para análise de indústrias e da concorrência*. Campus.

Pilotti, F. (1995). *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Amais.

Purkayastha, D. (1998). *Child labour, human capital, and the role of parental power in poor households*. *Journal of Economic Development*, 23(2), 43-55.

Quivy, R. & Campahoudt (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*, Editora Gradiva, Lisboa.

Rosa, A. R. et al. (2014). *Desempenho escolar e comportamentos sociais em adolescentes*. *Audiology Communication Research*, 19(1), 10-25.

Santo, G. (2023). *As crianças e a gestão do tempo*. *Temas da Psicologia*. Disponível em <https://gracindapsi.com/2023/11/17/as-criancas-e-a-gestao-do-tempo/> (Acesso em: 17 de agosto de 2024).

Salgado, D. (2023). *Técnicas de coleta de dados: tudo que você precisa saber*. *Opinion Box*. Disponível em <https://blog.opinionbox.com/tecnicas-de-coleta-de-dados/> (acessado em 30 de setembro de 2024).

Silva, C. M. et al. (2014). *Análise das metodologias e técnicas de pesquisas sobre os ativos intangíveis: Um estudo nos eventos da área contábil*. Natal, Brasil.

Silvaes, E.F. de M. et al. (2003). *A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório*. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 107-115.

Silva, D. de S. (2022). *Trabalho infantil e evasão escolar nos anos iniciais do ensino fundamental*. Brasília, DF.

Silva, T. O. (2014). *Trabalho infantil no mundo*. Mundo Educação. Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/trabalho-infantil-no-mundo.htm>(Acesso em 15 de Julho de 2024).

Soares, N. F., Sarmiento, M. J., & Tomás, C. (2004). *Investigação da infância e crianças como investigadoras: Metodologias participativas dos mundos sociais das crianças*. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Viana, D., Brandão A, F. (2006) “Maputo, From the colonial paradigm to the peripheralization of the contemporary urban space”, MALUSARDI (coord.), revista urbanística pvs – Developing Countries, n.º42/43, Periódico dell’Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, Dipartimento di Pianificazione Territoriale e Urbanística.

Wanderley, J. C. V., et al. (2011). *O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização*. Recife, Brasil.

Documentos Consultados

Associação Wona Sanana. (2023). *Relatório semestral de actividade do projecto BMZ*. Maputo.

Convenção sobre os Direitos da Criança (1989). República de Moçambique. Boletim da República. Resolução nr. 19/90 de 23 de Outubro. I SÉRIE - Número 42.

Diagnóstico do distrito de Namaacha (Moçambique). (2021) Grupo de Trabalho de Moçambique. Maputo

Ministério da Administração Estatal. (2005). Planos estratégicos sectoriais. <https://www.mef.gov.mz/index.php/publicacoes/politicas/planos-estrategicos/planos-estrategicos-sectoriais/ministerio-de-administracao-estatal-mae>

Lei de Promoção e Protecção do Direito da Criança. (2008). República de Moçambique: UTREL (Unidade Técnica de Reforma Legal).

Lei do Trabalho (2007).República de Moçambique. (2007). *Lei n° 23/2007, de 1 de agosto.*

UNICEF. (2021). *A geração perdida: O impacto do COVID-19 no trabalho infantil.*

<https://www.unicef.org/reports/child-labour-2021-report>

Apêndices

O presente questionário tem o objectivo principal recolher informações para a realização de uma dissertação com o tema: **“Acordo as 5 horas, varrer quintal, lavar pratos, ir a escola as 6:40”**: Um olhar sobre as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho e escola na comunidade de Michangulene e Distrito Municipal Kamavota (2023-2024).’Do curso de Sociologia do Desenvolvimento da UEM. Este questionário é destinado a **crianças** que exercem trabalho infantil doméstico e frequentam a escola com idades compreendidas entre 10 a 16 anos. Garantimos que os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão usados unicamente para fins de investigação científica.

I. Características socio-Demograficas das crianças

1. Nome: (Opcional ou Fictício)
2. Sexo:
3. Idade:
4. Local de residência:
5. Com quem reside?:
6. Com quantas pessoas vive? Quais?
7. Em que tipo de casa vive?

II. Perfil pedagógico das crianças que desenvolvem trabalho infantil

1. Classe que frequenta:
2. Em que período vai a escola?
3. Qual foi a sua nota global/média na última classe em que você estudou, em todas disciplinas
4. Para as disciplinas que tiveste de 0-10 quais foram os factores mais influentes;
5. Para as disciplinas que tiveste de 11-20 quais foram os factores mais influentes.

III. Descrição das estratégias usadas pelas crianças e a sua influência no seu rendimento escolar.

1. Que trabalhos realiza no seu dia-a dia?(explorar as actividades que realiza, a duração de cada actividade, os horários em que as actividades acontecem);
2. Podes me contar como é que fazes para conseguir ir a escola fazer TPCs, e trabalhar?
3. Como divides o tempo entre as tarefas que tens em casa e ir a escola?

4. Na tua opinião, o trabalho que fazes aqui em casa, atrapalha, ajuda na escola? De que forma.
5. Recebes alguma forma de pagamento pelo teu trabalho que fazes em casa?

IV. Aplicação e Influência das estratégias para conciliar trabalho e escola

1. O que é que fazes para conseguir estudar e trabalhar?
2. Como organizas o seu tempo e divides o seu trabalho?
3. Que benefícios consegues ver com as estratégias que adotas? Te ajudam? Se sim de que forma?
4. Na tua opinião as estratégias que usas trazem diferença na escola? Se sim que diferença?
5. Consegues ter boas notas? Se sim o que te ajuda a conseguir essas notas? Se não consegue porque?
6. Achas que as estratégias que usas sempre funcionam? Ou há algo que sentes que deverias fazer diferente.

O presente questionário tem o objectivo principal recolher informações para a realização de uma dissertação com o tema: **“Acordo as 5 horas, varrer quintal, lavar pratos, ir a escola as 6:40”**: Um olhar sobre as **estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho e escola na comunidade de Michangulene e Distrito Municipal Kamavota (2023-2024)**.”Do curso de Sociologia do Desenvolvimento da UEM. Este questionário é destinado a professores de crianças que exercem trabalho infantil doméstico nos locais de pesquisa. Garantimos que os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão usados unicamente para fins de investigação científica.

I. Identificação

1. Nome: (Opcional ou Fictício)
2. Sexo:
3. Professor de que classe:

II. Do rendimento escolar das crianças que realizam trabalho infantil doméstico

1. Como tem sido a participação das crianças que exerce trabalho infantil doméstico nas aulas?
2. Como tem sido o aproveitamento escolar destas crianças?
3. Que diferenças pedagógicas pode mencionar entre as crianças que fazem algum tipo de trabalho infantil doméstico e as que não realizam nenhum tipo de trabalho?
4. Em media quais tem sido as notas das crianças que exercem trabalho infantil doméstico?
5. O que a escola tem feito com as crianças que trabalham e estudam?
6. Como tem sido trabalhar com estas crianças? Requer um esforço a mais? Uso de metodologias diferentes?

O presente guião tem o objectivo principal recolher informações para a realização de uma dissertação com o tema **‘Acordo as 5 horas, varrer quintal, lavar pratos, ir a escola as 6:40’**: Um olhar sobre as estratégias usadas pelas crianças para conciliar trabalho e escola na comunidade de Michangulene e Distrito Municipal Kamavota (2023-2024)’. Do curso de Sociologia do Desenvolvimento da UEM. Este Guião é destinado a grupo focal de crianças que exercem trabalho Infantil doméstico nos locais de pesquisa. Garantimos que os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e anónimos e serão usados unicamente para fins de investigação científica.

Guia de Entrevista para o Grupo Focal

I. Características socio-Demograficas das crianças

1. Nome: (Opcional ou Fictício)
2. Sexo:
3. Idade:
4. Local de residência:
5. Com quem reside?:
6. Com quantas pessoas vive? Quais?

II. Perfil pedagógico das crianças que desenvolvem trabalho infantil

1. Em que escola estuda
2. Classe que frequenta:
3. Em que período vai a escola?
4. Tem irmão? Que idades eles tem
5. O que eles fazem em casa?
6. Como esta seu aproveitamento na escola?
7. Que trabalhos fazem em casa?

III. Descrição das estratégias usadas pelas crianças e a sua influência no seu rendimento escolar.

1. Me conta um pouco sobre a sua rotina no seu dia a dia
2. Como vocês fazem para conseguir ir a escola , e trabalhar ?

3. Conseguem fazer os TPC? Como fazes? Em que tempo?
4. Como o seu trabalho ajuda na escola? Aprendes alguma coisa? Aplicas algo do trabalho na escola?
5. Você tem conversado sobre trabalhar e estudar com seus amigos ou colegas? Se sim pode me contar o que vocês falam?
6. O que você faz quando tem um trabalho em casa na mesma hora que tem trabalho na escola?
7. Recebes alguma forma de pagamento pelo teu trabalho que fazes em casa?
8. Se recebe o que você faz com o dinheiro que recebe?



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

CONSENTIMENTO INFORMADO PARA CUIDADORES E CRIANÇAS

Estimado/a Participante! Em primeiro lugar, gostaria de lhe explicar que esta entrevista esta a ser realizada no âmbito da recolha de dados para elaboração de uma dissertação de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento, cujo tema consiste em compreender as estratégias que são usadas pelas crianças para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, e verificar em que medida estas estratégias influencia no rendimento escolas das mesmas. A sua participação é muito importante. No entanto, ela é voluntária. Todos os dados recolhidos servirão somente para investigação científica e não serão revelados dados pessoais dos entrevistados, também serão asseguradas todas questões referentes a segurança, sigilo em relação aos participantes sem exceção por sexo ou idade dos mesmos.

Em caso de dúvidas e questões que forem a surgir sinta-se a vontade em colocar para obter os devidos esclarecimentos. Nesta pesquisa terá de responder a umas questões através de uma entrevista semi-estruturada Solicito que autorize a realização da entrevista e que aceite fazer gravações de voz para não perder de vista todos os detalhes importantes sobre a pesquisa. Igualmente a criança ira participar de um grupo focal com outras crianças entrevistas, onde serão feitas questões e junto ao grupo serão ouvidas as colocações de cada criança. Os grupos focais serão realizados em um lugar seguro, próximo de sua residência. Neste solicito que autorize igualmente fazer gravações de voz para não perder os detalhes desta sessão.

Eu, _____ autorizo a investigadora Alice Arone a recolher dados para a sua investigação junto a criança que esta sob minha tutela. Permito igualmente a utilização das gravações e declaro que não me oponho à utilização das mesmas para o seu estudo, desde que sejam salvaguardados todos os aspectos éticos sobre a pesquisa social com crianças.

Eu _____ Autorizo a investigadora Alice Arone a recolher dados para a sua investigação e a utilização das gravações e declaro que não me oponho à utilização das mesmas para o seu estudo, desde que sejam salvaguardados todos os aspectos éticos sobre a pesquisa social com crianças.

Assinatura do/a do Cuidador/Tutor _____

Assinatura do Entrevistado (Criança)

Assinaturado Pesquisador



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PROFESSORES

Estimado/a Participante! Em primeiro lugar, gostaria de lhe explicar que esta entrevista esta a ser realizada no âmbito da recolha de dados para elaboração de uma dissertação de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento, cujo tema consiste em compreender as estratégias que são usadas pelas crianças para conciliar trabalho infantil doméstico e escola, e verificar em que medida estas estratégias influencia no rendimento escolas das mesmas. A sua participação é muito importante. No entanto, ela é voluntaria. Todos os dados recolhidos servirão somente para investigação científica e não serão revelados dados pessoais dos entrevistados, também serão asseguradas todas questões referentes a segurança, sigilo em relação aos participantes sem excepção por sexo ou idade dos mesmos.

Em caso de dúvidas e questões que forem a surgir sinta-se a vontade em colocar para obter os devidos esclarecimentos. Nesta pesquisa terá de responder a umas questões através de uma entrevista semi-estruturada Solicito que autorize a realização da entrevista e que aceite fazer gravações de voz para não perder de vista todos os detalhes importantes sobre a pesquisa.

Eu, _____ autorizo a investigadora Alice Arone a recolher dados para a sua investigação junto a criança que esta sob minha tutela. Permito igualmente a utilização das gravações e declaro que não me oponho à utilização das mesmas para o seu estudo, desde que sejam salvaguardados todos os aspectos éticos sobre a pesquisa social com crianças.

Assinaturado Entrevistado (Professor) _____

Assinatura do Pesquisador _____

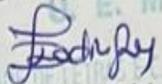
Anexos



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento

Visto

A Directora-adjunta para a Pós-graduação


Prof. Doutora Lurdes Rodrigues da Silva
(Professora Auxiliar)

CRENCIAL¹N°0005/DCMSD/DS-FLCS/2023

A **Sra. Alice Armando Arone** frequenta o curso de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane e está a elaborar a sua dissertação subordinada ao tema “Trabalho Infantil e Rendimento Escolar: Um Olhar sobre Estratégias Usadas pelas Crianças para Conciliar Trabalho e Escola”. Neste âmbito, solicitamos aos Serviços Distritais da Saúde, Mulher e Acção Social na Localidade de Michafutene para que lhe concedam todo apoio necessário para o alcance dos seus objectivos.

Agradecemos antecipadamente a vossa colaboração.

Maputo, 19 de Outubro de 2023

O Director do curso


Prof. Doutor Orlando Nipassa
(Professor Auxiliar)



Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Visto

A Directora-adjunta para a Pós-graduação

Lurdes Rodrigues
Prof.^a Doutora Lurdes Rodrigues da Silva
(Professora Auxiliar)

CREDECIAL N^o 72/DAPG-FLCS/2023

A **Sra. Alice Armando Arone** frequenta o curso de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane e está a elaborar uma dissertação subordinada ao tema “Trabalho Infantil e Rendimento Escolar: Um Olhar sobre Estratégias Usadas pelas Crianças para Conciliar Trabalho e Escola”. Neste âmbito, solicitamos às Autoridades da Localidade de Michangulene que lhe concedam todo o apoio necessário para o alcance dos seus objectivos.

Agradecemos antecipadamente a vossa colaboração.

Maputo, 05 de Setembro de 2023

O Director do curso

Orlando Nipassa
Prof. Doutor Orlando Nipassa
(Professor Auxiliar)



*Recebido
17/01/2023
Sberáclito Rodrigues*

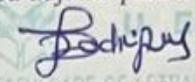
¹ Válido por 90 dias contados a partir da data da assinatura



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento

Visto

A Directora-adjunta para a Pós-graduação


Prof. Doutora Lurdes Rodrigues da Silva
(Professora Auxiliar)

CREDECIAL¹Nº0006/DCMSD/DS-FLCS/2023

A Sra. **Alice Armando Arone** frequenta o curso de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane e está a elaborar a sua dissertação subordinada ao tema “Trabalho Infantil e Rendimento Escolar: Um Olhar sobre Estratégias Usadas pelas Crianças para Conciliar Trabalho e Escola”. Neste âmbito, solicitamos aos Serviços Distritais da Saúde, Mulher e Acção Social de Kamavota para que lhe concedam todo apoio necessário para o alcance dos seus objectivos.

Agradecemos antecipadamente a vossa colaboração.

Maputo, 19 de Outubro de 2023

O Director do curso


Prof. Doutor Orlando Nipassa
(Professor Auxiliar)



¹ Válido por 90 dias contados a partir da data da assinatura

SERVIÇO DISTRIAL DE EDUCAÇÃO JUVENTUDE E TECNOLOGIA
NAMAACHA

English Final Test 3rd trimester 2024 Grade 7

Changalane Secondary School Date 06/11/2024

Name _____ N^o _____ Stream B

1. Read carefully and complete the following dialogue. (3.0)

- A. Good Morning, teacher!
B. Good Morning, Class! How are You? 2.5
C. We ~~are~~ ^{are} fine thanks! And you?
D. I am fine too.

2. Put the words into the correct order. (5.0)

- a) Are/How/You? How Are You
b) Very/I am/well/Thanks. I am very well thanks. 5.0
c) Fine/Is/She. She is fine

3. Complete the following sentences using the words: **Hurry up, Silence, Sit here.** (3.0)

- a) ~~Keep~~ ^{Silence} You are making noise.
b) ~~W~~ ^{Sit here} ~~HURRY UP!~~ This is your place. 2.5
c) ~~HURRY UP!~~ The bus is coming.

4. Match to the right description. (4.0)

- a) 5:00 ● ~~It's quarter past six.~~
b) 6:15 ● ~~It's Five o'clock.~~ 4.0
c) 10:30 ● ~~It's quarter to nine.~~
d) 8:45 ● ~~It's half past ten.~~

5. Our national flag has 5 (five) colors, circle the correct ones. (5.0)

Green, cream, white, black, yellow, red, purple, blue, red. 5.0

END



República de Moçambique
Governo da Província do Maputo
Escola Secundária de Changalane

ESG/ 2024 1ª ACS de Inglês
Grade 9. Time: 45 Minutes

I Trimestre

Data: 22/10/24

Student's name;	Stream	Marks (18,0)
-----------------	--------	----------------

Section I: *Reading and Comprehension*

Read the following text and answer the questions below:

How to send a text message

My name's Carlos Njojo. I'm 45 years old. Let me explain to you how I learnt to send text messages five years ago. I didn't realise that at the age of 40 I would learn something new.

My daughter who lives in Tete bought me a new cell phone. This phone has changed my life. Now I don't need to ask for help to write letters. When I want to talk to my daughter in Tete or my sons in Maputo, I just take my cell phone, dial their numbers and talk. It sounds like you are talking to them face to face. I spoke to my grandchild who studies in California last night. Can you image speaking from Namapa to California on the Phone? I was happy and surprised at the same time...

My wife taught me how to send a text message using a mobile phone. Well, in my culture, we are obliged to teach people who do not know. That is why I am teaching you how to send a text message using a mobile phone.

For you to write a text message, you need to switch on the cell phone. Then, you press *Menu*; after that you go to the message menu. There you have seen options: *New Message, Inbox, Outbox, Draft, Settings, Voice mail and Channel of information*. If you press *New Message*, you will open a blank page for you to write your message. In the *inbox* you find the messages you receive. In the *Outbox* you have the messages that you have sent. In the *Draft* option you find the messages which were not sent...

Well, today, I'm only going to look at how to send a text message. Ok, you press *New Message*. You will get a blank page. Here you can start writing your message. When you finish writing your message, press *options*, and finally press *send*. Your message will be immediately sent.

1. Carlos Njojo is a computer expert False



República de Moçambique
Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano
Escola Secundária de Changalane - Namaacha

II Teste de História 10ª Classe IIIº Trimestre, 2023, Duração 45'

Nome do aluno Turma Nº

1. A ONU foi criada em 26 de junho de 1945 na Cidade de São Francisco, nos EUA. 5.0

a) Com que propósitos se criou esta Organização ?

*Esta Organização se criou para Manutenção da paz e de
segurança. Também para ajudar
a resolver os conflitos humanos para dignidade da
nação da vida da terra, etc. e ser o centro das Nações
Unidas.*

2. Identifica as Organizações político-militares criadas no contexto da Guerra Fria. 5.0

*As Organizações político-militares criadas no contexto da guerra fria são:
NATO, OPEA, RDA. Socialismo e Capitalismo
Caro mesarraneta*

3. Preenhe a tabela sobre as lutas anti coloniais e as independências de África 6.0

País	Potência Colonizadora	Movimento	Líder	Ano da independência	Formas de luta
Zimbabwe	Inglaterra	ZANU ^{FPZ}	Robert	1980	Armada
Tanzânia	Alemanha	NATU	Julius Nyerere	1964	Passiva
Zâmbia	Britânica	UNIP	Frederick Chiluba	1964	Passiva
Angola	Portugal	MPLA	Agostinho	1975	Sinist

4. O que entende por Países dos Não-Alinhados. 4.0

*Países não alinhados. São conjunto de países que não se
alinham nos dois sistemas:*

Capitalismo e Socialismo



República de Moçambique
Governo da Província do Maputo

Escola Secundária de Changanane

ESC/ 2023 English ACS II Term II Grade 8 Time:45
Minutes

Name: _____ Nr _____ Stream _____

Read carefully the text and answer the questions below

Nampula Secondary School

Hello, my name is Sandra. I attend Nampula Secondary School. My school is located in Nampula city opposite "25 de Setembro" football stadium. It is a big school with more than 1200 students and about 100 teachers. I like my school very much. There is a big football ground between the classrooms and gymnasium. There is a canteen behind the school. The director's office is right at the entrance. The director's name is Mr. Macassa. All the laboratories are on the ground floor. Students from Nampula Secondary School are obliged to wear uniforms. Boys wear shirts and trousers and girls wear blouses and skirts. Grande 8 has classes in the morning. We start our lessons at 6 o'clock and stop at quarter to twelve. We have Physical Education and extracurricular activities in the afternoon. In extracurricular activities we learn how to sew and how to plant trees. We have English club too. Here we practice our English. My English teacher is called Mr. Massocha. Many people who speak English in Nampula came to talk to us and after that a snack is served. We clean our school on Fridays. Our parents help us. There are also meetings. In these meetings the teachers give us reports about our school progress.

Nome do aluno: _____ 5ª Classe, Turma: _____ Nº _____

Ab J de Matemática - 2º trimestre

1. Escreve por extenso ou por algarismo os números abaixo:

- a) 10º decimo 150 pontos
b) LXXIII Setenta e três
c) $\frac{1}{2}$ um meio 100
d) 0,15 zero e quinze centésimos

2. Compara os números usando os sinais <, > ou =

- a) 12 524 > 12 425
b) $\frac{9}{15}$ < $\frac{13}{15}$
c) CMV > CMIV 20
d) 12,3 = 12,3

3. Indica a propriedade aplicada nas seguintes expressões

- a) $1250 \times 2 = 2 \times 1250$ propriedade da multiplicação
b) 86×1 propriedade distributiva
c) 300×0 propriedade da multiplicação
d) $21 \times (2 \times 20) = (21 \times 2) \times 20$ propriedade da subtração

4. Transforma o número fracionário em um número decimal

- a) $\frac{8}{10} =$ 0,8
b) $\frac{5}{100} =$ 0,05
c) $\frac{32}{1000} =$ 0,032 20

5. Calcula os seguintes exercícios

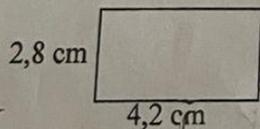
- a) $\frac{1}{3} + \frac{2}{3} + \frac{5}{3} = \frac{1+2+5}{3} = \frac{8}{3}$ 10
b) $\frac{12}{25} - \frac{8}{25} = \frac{12-8}{25} = \frac{4}{25}$ 10

6. Calcula na forma vertical

- a) $3,46 + 2,2$ 3,46
$$\begin{array}{r} 3,46 \\ + 2,2 \\ \hline 5,66 \end{array}$$

b) $12,5 - 0,85$ 10
$$\begin{array}{r} 12,50 \\ - 0,85 \\ \hline 11,65 \end{array}$$

7. Observa a figura abaixo



a) Qual é o nome da figura?

o nome da figura é retângulo 20

b) Determina a sua área



República de Moçambique
Governo da Província do Maputo

Escola Secundária de Changanane

ESC/ 2023 English ACS II Term II Grade 8 Time:45
Minutes

Name: _____ Nr _____ Stream _____

Read carefully the text and answer the questions below

Nampula Secondary School

Hello, my name is Sandra. I attend Nampula Secondary School. My school is located in Nampula city opposite "25 de Setembro" football stadium. It is a big school with more than 1200 students and about 100 teachers. I like my school very much. There is a big football ground between the classrooms and gymnasium. There is a canteen behind the school. The director's office is right at the entrance. The director's name is Mr. Macassa. All the laboratories are on the ground floor. Students from Nampula Secondary School are obliged to wear uniforms. Boys wear shirts and trousers and girls wear blouses and skirts. Grande 8 has classes in the morning. We start our lessons at 6 o'clock and stop at quarter to twelve. We have Physical Education and extracurricular activities in the afternoon. In extracurricular activities we learn how to sew and how to plant trees. We have English club too. Here we practice our English. My English teacher is called Mr. Massocha. Many people who speak English in Nampula came to talk to us and after that a snack is served. We clean our school on Fridays. Our parents help us. There are also meetings. In these meetings the teachers give us reports about our school progress.

15 valores Paraténs



Por uma escola livre de HIV-SIDA

República de Moçambique
Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano
Escola Secundária de Changalane – Namaacha

I Teste de Química. 8ª Classe, II Trimestre, 2023, Duração 60min
Nome Turma Nº

Lê atentamente e responde com clareza as questões a baixo colocadas

1. Preenche os espaços em branco com a opção correta. (1v)
- a) A química faz parte das ciências B. Naturais. (1v)
A. Políticas B. Naturais C. Religiosas D. Sociais
- b) A química é uma ciência que estuda As substâncias e suas transformações. (2v)
A. A terra. B. As Substâncias e suas transformações. C. Substâncias alimentares.
D. A vida.
2. Menciona as fases do surgimento da Química como ciência.
R: Química é essa ciência que estuda as substâncias e suas transformações (2v)
3. Em que período da história a Química surgiu como ciência? (1v)
R: XV - XVIII
4. Relacione a Química com:
a) Geografia
R: para estudar e localizar a origem das substâncias bem como as indústrias transformadoras (2v)
- b) História
R: para descrever factos históricos (acontecimentos do passado relacionados com a Química) e a História da química (2v)
5. Qual é a importância da Química na:
a) Na medicina
R: produção de medicamentos, análises e sínteses de drogas (2v)
- b) Na Agricultura
R: produção e uso de adubos e de pesticidas (2v)
6. Marque com V as afirmações verdadeiras e com F as falsas.
- A. Matéria é tudo que existe na Natureza, que possui massa e ocupa um lugar no espaço V (1v)
- B. A sombra de uma árvore é considerada Matéria V (1v)
- C. A densidade é uma propriedade específica da Matéria V (1v)
- D. A Massa é uma propriedade específica da Matéria F (1v)
- E. A mistura de água + sal é considerada Homogénea F (1v)
- F. A mistura de óleo + água é considerada Heterogénea V (1v)

FIM. BOM TRABALHO!

Elaborado pelo grupo de Química

15,0
20



República de Moçambique
Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano
Escola Secundária de Changalane – Namaacha
I Teste de Geografia, 10ª Classe, III Trimestre, 2023, Duração 45min
Nome .. Turma .. Nº ..

Lê atentamente e responde com clareza as questões a baixo colocadas

1. Explique a importância da actividade pesqueira em Moçambique. (3,0 v)

A importância da actividade pesqueira em Moçambique é importante para a alimentação, a saúde e a subsistência para a população camponesa.

2. Enumere as regiões de pesca mais importantes de Moçambique. (3,0 v)

As regiões de pesca mais importantes de Moçambique são: Baía de Maputo, Inhaca; Zambalane; Zandze; e as costas do Cabo delgado. 2,0

3. Mencione os tipos de pesca praticadas em Moçambique. (3,0 v)

Os tipos de pesca praticada em Moçambique são: pesca artesanal, pesca industrial e pesca semi-industrial.

3.a) Caracteriza com quatro (4) aspectos a pesca artesanal. (4,0v)

Pesca artesanal é: Emprega a mão de obra familiar; utiliza instrumentos simples e antigos; e emprega alvarias e emprega no Camunho.

3.b) Refere as principais áreas geograficas de actuação de cada um dos tipos enumerados. (4,0v)

Artesanal → Inhaca; Zambalane e Zandze
Industrial → Baía de Maputo
Semi Industrial → Baía de Maputo

4. Mencione os principais portos de pesca de Moçambique. (3,0v)

Os principais portos de pesca de Moçambique são: Alto mar, Mojo e rio que são Maputo, Inhaca e Cuselimane.

BOM TRABALHO

República De Moçambique
Ministério De Educação E Desenvolvimento Humano
Escola Secundária De Changalane
Teste de educação Visual 8ª Classe II Trimestre

Nome: _____ Número _____ Turma _____

1. Dos elementos dados escreve na coluna A os do Cartaz e na Coluna B os elementos da Banda desenhada.
O suporte, tiras, vinhetas, a forma ou imagem, a cor, o tamanho, balão, planos Visuais, cartucho, texto.

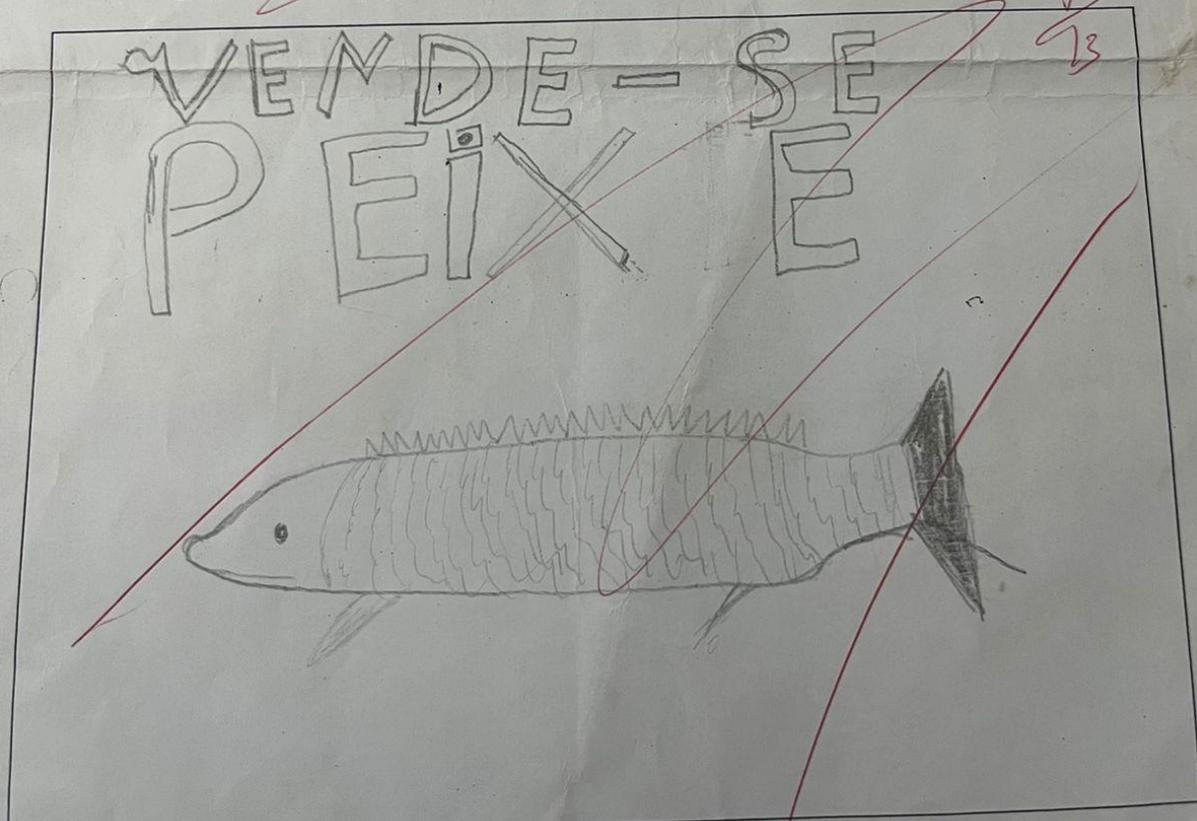
A

B

Imagem, cor
texto
tamanho
vinhetas
planos

procura, tiras
vinhetas, textos ou
glifo, cartucho, legenda
balão, balões
cor, plano, forma

2. Preencha no espaço abaixo com um cartaz a sua escolha $\frac{13}{13}$



Limpeza 2V